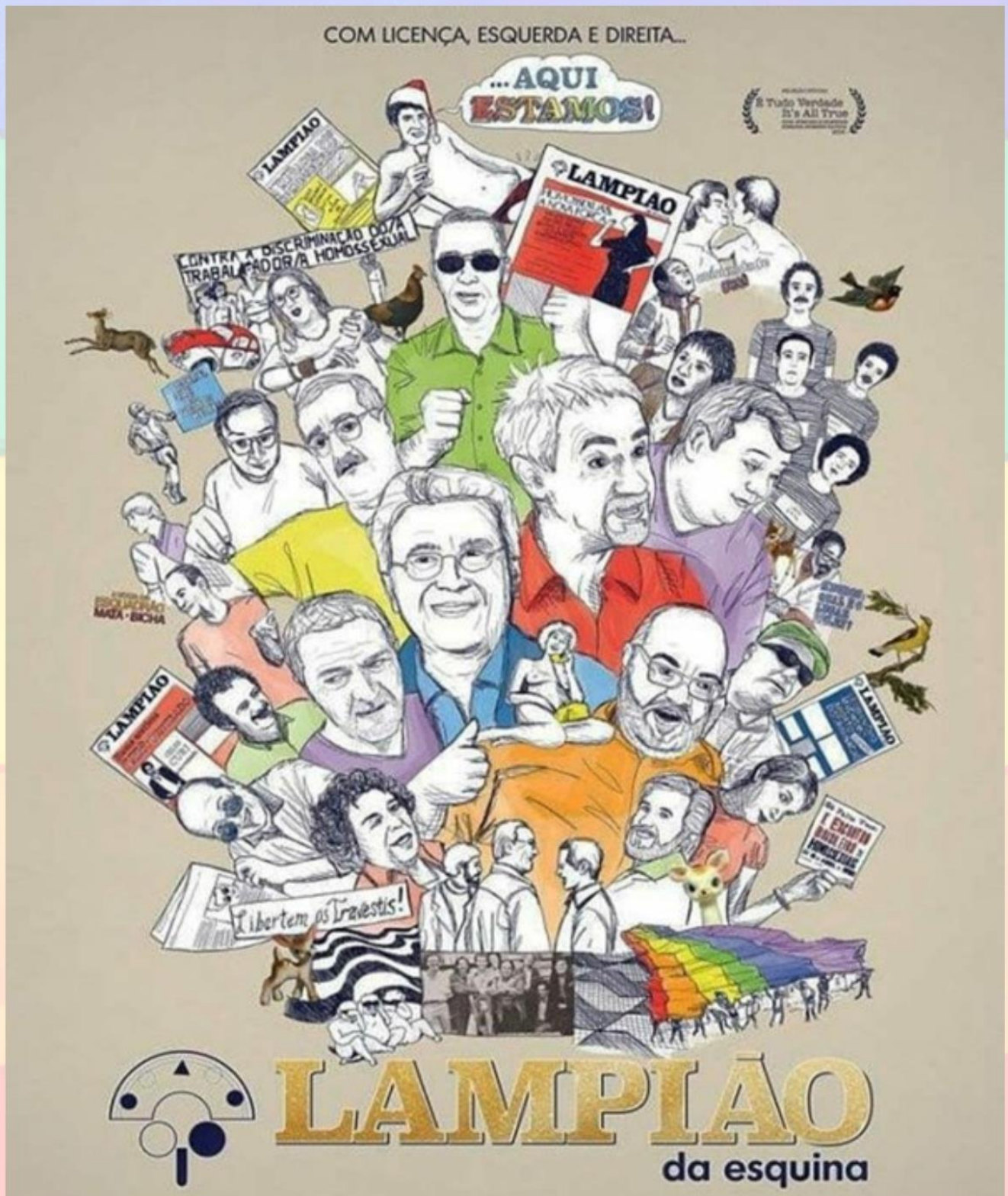


GEISELly MARÇAL DA SILVA LEÃO

VOZES TRANGRESSORAS
AGENTES, MEDIAÇÕES CULTURAIS, AGENCIAMENTOS E AMÉRICA
LATINA NAS PÁGINAS DO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA (1978-1981).



**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campus de Aquidauana
Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais- PPGCult**

GEISELLY MARÇAL DA SILVA LEÃO

VOZES TRANGRESSORAS

**AGENTES, MEDIAÇÕES CULTURAIS, AGENCIAMENTOS E AMÉRICA
LATINA NAS PÁGINAS DO JORNAL *LAMPIÃO DA ESQUINA* (1978-1981).**

**AQUIDAUANA-MS
2022**

GEISELLY MARÇAL DA SILVA LEÃO

VOZES TRANSGRESSORAS

**AGENTES, MEDIAÇÕES CULTURAIS, AGENCIAMENTOS E AMÉRICA
LATINA NAS PÁGINAS DO JORNAL *LAMPIÃO DA ESQUINA* (1978-1981).**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais do Campus de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Mestre em Estudos Culturais.

Orientador: Prof. Dr. Fábio da Silva Sousa
Linha de Pesquisa: Sujeitos e Linguagens

AQUIDAUANA-MS
2022

GEISELLY MARÇAL DA SILVA LEÃO

VOZES TRANSGRESSORAS

AGENTES, MEDIAÇÕES CULTURAIS, AGENCIAMENTOS E AMÉRICA LATINA
NAS PÁGINAS DO JORNAL *LAMPIÃO DA ESQUINA* (1978-1981).

BANCA DE DEFESA DA DISSERTAÇÃO

Prof. Dr. Fábio da Silva Sousa
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
(UFMS/PPGCult/CPAq)

Prof. Dr. Aguinaldo Rodrigues Gomes
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
(UFMS/PPGCult/CPAq)

Prof. Dr. Edvaldo Correa Sotana
Universidade Federal de Mato Grosso
(UFMT)

Prof. Dr. Danilo Leite Moreira
(ANAEC/Faculdade de Pedagogia)

DEDICATÓRIA E AGRADECIMENTOS

Primeiramente presto esse humilde agradecimento a Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, um Deus que tudo fez e que ao mesmo tempo é três, ao meu Criador, Senhor e Rei dos Reis ao qual sem ele nada disso seria possível. Obrigada Pai pela fé, força, saúde, perseverança e inteligência, por alimentar-me e iluminar-me nos momentos de fraqueza e dificuldade, pelo exemplo que fora dado de um Deus humilde que desceu do céu como homem e que nesse mundo o homem soberbo quer subir ao céu como Deus.

Dedico a construção desse trabalho de dissertação de Mestrado Acadêmico ao Curso de Pós-Graduação interdisciplinar em Estudos Culturais (PPGCult) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus de Aquidauana por ter permitido que essa pesquisa fosse realizada com êxito, nesse ensejo estendo meu singelo agradecimento aos ilustres e queridos professores (as) que possibilitaram a troca de valiosas experiências e saberes no decorrer das disciplinas do Curso de Mestrado - Helen, Patrícia, Ana Paula, Fábio (orientador), Miguel, Aguinaldo, Vera, Iara e demais professores. A Banca de Exame de Qualificação e de Defesa de Dissertação as quais foram compostas pelos queridos e honrados doutores Edvaldo Correa Sotana, Aguinaldo Rodrigues Gomes e Danilo Leite Moreira.

Ao meu filho amado Daniel que por vezes não teve sua mãe ao lado por estar sempre estudando na busca por uma melhor condição de vida através dos estudos, foram longos 12 anos desde a decisão de voltar a estudar e ser uma inspiração para você meu passarinho. Obrigada por sempre compreender meus surtos, choros, ausências, determinação e principalmente por me amar incondicionalmente. Você é a luz que ilumina meus passos, minha inspiração diária e meu motivo de nunca desistir, sua serenidade e força, nossa cumplicidade, lealdade foi determinante para que todas as etapas até aqui fossem construídas. TE AMO Daniel.

A minha mãe Nely que sempre acreditou em mim, e tem orgulho de dizer a todos que sua única filha é uma professora de História de escola pública. E que apesar de todos os percalços da vida não desistiu de me fazer compreender que a educação muda e transforma, apesar de ela mesma não ter nem mesmo o ensino fundamental.

Ao meu amado marido, companheiro, pai do meu filho, que sempre me apoia, me fortalece, me lembra de que sou capaz, que esteve comigo até tarde nas escritas, nos surtos, no desespero, me lembrando quando a memória insistia em falhar, corrigindo e organizando meu português, minhas escritas anarquistas (que descobri ser TDAH e isso explicou muita coisa

nesse processo). Amor da minha vida Rogério, obrigada por tudo, nós sabemos o que passamos nestes 14 anos e 6 meses juntos e a mudança que a educação proporcionou em nossas vidas, mas acima de tudo o quanto nossa parceria é foda.

As minhas avós Doraci e Dalva, que sempre me cobriram de proteção com suas rezas e preces, pelo amor incondicional e por serem minha inspiração de mulheres fortes e fodas numa época em que mulheres não tinham direitos nem voz.

Aos meus grupos de apoio (gargalhadas eternas) grupo de grupos oficiais do PPGCult - Mais que amigos: Friends/vacinades e The ranço is real! - Onde trocamos angústias, risadas, piadas, choros, surtos coletivos, informações, esperanças, ranços, artigos, figurinhas muitas figurinhas, sonhos e frustrações, remédios, receitas, chás, bebidas, AFETOS. Gratidão.

A família que considero e que tem meu amor, meu carinho, minha admiração e gratidão pelo apoio, meu irmão Júnior, meu padraсто Sebastião, meu pai Jair, meus tios Naur, Aparecido e Eva e minhas primas Bruna, Renata, e Thaynara que sempre me perguntam como estou e que torcem por mim.

Minhas amigas que sempre que a síndrome de impostora queria se fazer presente me traziam para a realidade e me davam um choque de realidade de onde eu estive e onde eu estou. Amo vocês, Katicilaine, Laila, Giovana, Helen, Ellen, Leilane, Sara.

Ao meu orientador Fábio que esteve presente no meu processo de crescimento acadêmico (especialização e mestrado), que foi meu amigo, conselheiro, orientador e desorientador quando eu surtava e queria desistir e que acreditou em mim, não me deixou desanimar e me estimulou e inspirou como todo grande professor deve fazê-lo. GRATIDÃO.

Aos meus alunos queridos da rede estadual tanto da “Dóris” quanto do “Cândido” que sempre estiveram comigo me inspirando a buscar o melhor para eles... Nossa via de mão dupla da parceria, dos deboches e da resistência.

A vocês que leram meus agradecimentos até o final, eu desejo toda sorte, que este trabalho sirva de inspiração e que acreditem em si mesmos. Perseverem nos seus ideais e estudem muito só assim a gente consegue mudar nosso destino. Força, resiliência e Fé.

*E a gente vai à luta
E conhece a dor
Consideramos justa
Toda forma de amor, hey!*

Lulu Santos

Resumo: Interpretado pelas lentes da cultura hegemônica opressora heteronormativa como depravado, promíscuo, doentio e pervertido a população de LGBTQQICAPF2K+ sofre tratamentos diferenciados na sociedade brasileira marcados sobretudo, pela truculência das violências impostas a esses agentes. Este texto de Mestrado é fruto de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa descritiva, intitulado “Agentes, mediações culturais, agenciamentos e América Latina nas páginas do jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981). O jornal enquanto um artefato cultural através de seus conteúdos atua como produtor de sujeitos ao promover ensinamentos por meio de pedagogias culturais. O estudo faz também um delinear sobre o jornal de imprensa alternativa de oposição que traz um debate sobre a diferença para o Brasil a partir de uma perspectiva decolonial num Brasil da abertura em que a diferença está aflorando uma vez que a Colonialidade do poder dos regimes autoritários também se expressa nos marcadores da diferença na América Latina como um todo. Afinal, qual é o lugar da homossexualidade no interior das pautas políticas? Qual o lugar das mulheres? Qual o espaço dos indígenas? Qual o lugar das questões étnico-raciais? Faz-se também uma análise da construção de sentidos e práticas de subversão nas páginas do jornal *Lampião da Esquina* sobre as homossexualidades/sexualidades transgressoras na América Latina ao discutir a questão gay dos regimes autoritários latino-americanos. Para a fundamentação teórica do trabalho reporta-se esse estudo as lentes dos Estudos Culturais e tece-se um diálogo com vários autores, tais como: Jesus Martín Barbero (2015); Gayatri Chakravorty Spivak (2010) além dos constructos de Bernardo Kucinski, Renan Quinalha (2021); Viviane Camozzato, 2015 Douglas Kellner (2001); Elisabeth Ellsworth (2001) Marlécio Maknamara (2020); Patrícia Hill Collins (2021). Esse olhar a partir da margem da imprensa não hegemônica e seu devido engajamento cristaliza pautas de lutas por direitos na construção de reflexões e saberes dos agentes ao questionar a cultura dominante heterossexual, branca, cristã, normativa, patriarcal e machista no contexto autoritário.

Palavras-chave: Lampião da Esquina; Estudos Culturais; Agenciamento; Pedagogia cultural; Imprensa alternativa.

Abstract: Interpreted through the lens of heteronormative oppressive hegemonic culture as depraved, promiscuous, unhealthy and perverted, the LGBTQQICAPF2K+ population undergoes different treatments in Brazilian society, marked above all by the brutality of the violence imposed on these agents. This Final paper is the result of a bibliographical research with a descriptive qualitative approach, entitled “Agents, cultural mediations, assemblages, and Latin America in the pages of the newspaper *Lampião da Esquina* (1978-1981). The newspaper as a cultural artifact through its contents acts as a producer of subjects by promoting teachings through cultural pedagogies. The study also outlines the oppositional alternative press newspaper that brings a debate about difference to Brazil from a decolonial perspective in a Brazil of openness in which difference is emerging since the coloniality of the power of authoritarian regimes it is also expressed in the markers of difference in Latin America as a whole. After all, what is the place of homosexuality within political agendas? What is the place of women? What is the indigenous space? What is the place of ethnic-racial issues? There is also an analysis of the construction of meanings and practices of subversion in the pages of the newspaper *Lampião da Esquina* on homosexuality’s/transgressive sexualities in Latin America when discussing the gay issue of Latin American authoritarian regimes. For the theoretical foundation of the work, this study is reported through the lens of Cultural Studies and a dialogue is made with several authors, such as: Jesus Martín Barbero (2015); Gayatri Chakravorty Spivak (2010) in addition to the constructs of Bernardo Kucinski (2001); Renan Quinalha (2021); Viviane Camozzato (2015); Douglas Kellner (2001); Elisabeth Ellsworth (2001); Marlécio Maknamara (2020); Patricia Hill Collins (2021). This look from the margin of the non-hegemonic press and its due engagement crystallizes guidelines for struggles for rights in the construction of reflections and knowledge of agents when questioning the dominant heterosexual, white, Christian, normative, patriarchal and sexist in the authoritarian context.

Keywords: *Lampião da Esquina*; Cultural Studies; Agency; Cultural pedagogy; Alternative press.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Logo do grupo Somos.....	20
Figura 2- “Povo gay já pode falar”	34
Figura 3 - Seção Esquina	37
Figura 4 - Seção Reportagem	38
Figura 5- Capas do Lâmpião ao longo dos anos.....	39
Figura 6 - Índios e Mulheres	41
Figura 7 -Capa - Lesbianismo, Machismo, Aborto e Discriminação	42
Figura 8 - Capa com Lula na primeira página	55
Figura 9 - Lula: além de tudo um símbolo sexual?	56
Figura 10 - Capa com Abdias Nascimento	57
Figura 11 - Qual é o lugar dos negros no Brasil? Abdias Nascimento responde.	66
Figura 12 - América Latina: NA TERRA DOS HOMENS, PAULADA NAS BONECAS!	82
Figura 13 - nota sobre o Consenso	88
Figura 14 - Capa com Fidel Castro vestido de Carmem Miranda.....	89

LISTA DE SIGLAS

AIDS - Acquired Immunodeficiency Syndrome (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida)

CONADEP - Comisión Nacional sobre Desaparición de Personas

CS – Convergência Socialista

DOPS - Departamento de Ordem Política e Social

DSN - Doutrina de Segurança Nacional

FHAR - Frente Homossexual de Ação Revolucionária

FHC – Fernando Henrique Cardoso

FLH - Frente de Libertação Homossexual

LGBTQIA + Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual

MNU - Movimento Negro Unificado

MUCDR - Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial

ONU – Organização das Nações Unidas

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - índice de pesquisa de matérias	81
---	----

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA E AGRADECIMENTOS.....	5
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	10
LISTA DE SIGLAS	11
LISTA DE TABELA	12
INTRODUÇÃO: O conceito dos Estudos Culturais, o jornal como artefato cultural, pedagogias culturais, a temática gay na América Latina	14
1. “Vozes que ecoam” - O espaço dos marcadores da diferença no <i>Lampião da Esquina</i>	23
1.1 Papel, lâmina e impressão: O <i>Lampião da Esquina</i> como mediador cultural além das fronteiras	35
2. “Saindo do Gueto” - O debate dos direitos humanos e marcadores da diferença na imprensa e imprensa alternativa	60
2.1 “Lampião: uma luz brilha nas esquinas escuras da ditadura” - O contexto das ditaduras na América Latina.....	75
3 A questão das homossexualidades/sexualidades transgressoras na América Latina nas páginas do <i>Lampião da Esquina</i>	80
Considerações finais.....	92
REFERÊNCIAS.....	96

INTRODUÇÃO: O conceito dos Estudos Culturais, o jornal como artefato cultural, pedagogias culturais, a temática gay na América Latina

A curiosidade move o mundo e desde muito pequena sempre mantive essa característica intrínseca, seja por gostar de ouvir os causos de meus avôs e avós em suas mais diversas histórias, mas também como forma de manter a ancestralidade, o respeito e as memórias vivas daqueles que partem antes de nós desse plano.

E, porventura você deve estar a se perguntar: mas o que tem a ver curiosidade com o *Lampião da Esquina* e suas múltiplas vozes amplificadas num periódico tão alternativo para um público diverso? Bem, são histórias que apenas o *Lampião* poderia ter contado, com sua acidez, perspicácia, deboche, ironias e tantos questionamentos desmistificados. Assim também ocorre em nossas famílias, nossa criação, crença, cultura são construídas por nossos avós e mãe (no meu caso), sobretudo os nascidos ainda nos anos 1980-90. O que são as notícias senão o fato de haver interesse em determinados assuntos? Sendo assim volto-me a primeira frase sobre a curiosidade, e o que tanto atraia os leitores do periódico *Lampião da Esquina* claramente não era só isso pois a representatividade é inegável.

Para compreender o contexto do interesse pelo tema de pesquisa, preciso fazer uma breve retrospectiva e um breve histórico familiar e escolar. Com dois tios gays na família, um gay do primeiro casamento de minha avó e uma lésbica do segundo casamento, minha avó materna nos ensinou a respeitar as pessoas independentemente da cor, gênero ou sexualidade.

Na escola sempre mantive amizades com as mais variadas personalidades de uma escola pública brasileira periférica, negros, índios, gays, lésbicas e surdos faziam parte do meu círculo de amizade, e era tudo normal, já que vivenciava a diversidade praticamente igual na casa de minha avó. Porém algo me intrigou! No primeiro ano do Ensino Médio no ano de 2002 tive um amigo que na época descobriu sua sexualidade. Raphael, esse era o seu nome de registro e um episódio nada agradável me chamou a atenção: foi o dia em que o professor de história, após o retorno do horário de intervalo exigiu que o mesmo, se retirasse e voltasse para a sala andando “feito homem”. Esse momento fez com que alguns colegas de classe investissem com as piadinhas homofóbicas.

Esse foi um dos episódios traumáticos que presenciei contra o Raphael, e com a coragem e as certezas de adolescentes o incentivei a se assumir como ele tinha vontade e, também de se assumir para a mãe. Assim o fez, e foi difícil no começo, mas logo ele começaria a transformação, quando iniciou esse processo numa cidade de interior como Aquidauana, o

sofrimento é estarrecedor, e logo precisou se mudar para a capital. Infelizmente anos depois e já uma mulher trans, Xaianne Raphaela faleceu vítima de um linfoma não Hodgkin, um tipo de câncer que tem origem nas células do sistema linfático e se espalha de maneira não ordenada.

Em homenagem e dedicação a ela no início da minha graduação em História (UFMS) em 2011 iniciei uma pesquisa no jornal *Lampião da Esquina* sobre as travestis, porém na época não avancei com as pesquisas e acabei mudando de orientação, onde mantendo-me com a imprensa pesquisei a cidade de Aquidauana no jornal *O Globo*. Em seguida na especialização em 2017-2019 em História da América (UFMS), voltei a minha pesquisa para o periódico *Lampião da Esquina*, porém dessa vez olhando para a América Latina e a pesquisa foi intensa e interessante. Agora nesta dissertação o objetivo dessa pesquisa, ainda que de forma prévia é provocar o leitor com uma informação trazida pelo João Silvério Trevisan no Documentário sobre o *Lampião da Esquina*, no qual ele narra a fala de um dono de banca de jornais, onde ele diz que Fernando Henrique Cardoso (FHC)¹ comprava o periódico *Lampião da Esquina* e pedia para esconder entre outros jornais.

Como reforça João Lenon Siqueira Pereira (2020)

Aguinaldo Silva lembra ainda que o vendedor de uma das bancas onde o jornal estava exposto contou o fato de o reconhecido sociólogo Fernando Henrique Cardoso comprar o jornal e pedir para que o embrulhasse, estratégia para não ser descoberto. Este caso revela que, por mais que o direcionamento da escrita fosse a determinados grupos, o tabloide deu um passo a mais e percorreu caminhos diferenciados. Ainda segundo o jornalista, a partir da quarta tiragem, de norte a sul do Brasil, em todas as bancas estava *Lampião* e o reconhecimento do emplacamento do tabloide se mostrava nas milhares de assinaturas mensais. “Não era uma brincadeira de bichinha, era um jornal” (PEREIRA, 2020).

Ou seja, novamente voltamos para o campo da curiosidade. E como toda curiosidade ela move esta pesquisa.

Neste trabalho procuro discutir o recorte temático sob a ótica dos Estudos Culturais, ao delinear um diálogo com Jesús Martín-Barbero (2015) a fim de entendermos qual a relação do jornal *Lampião da Esquina* como mediador cultural na sociedade; Gayatri Chakravorti Spivak (2010) com a finalidade de pensar sobre o agenciamento de fala e engajamento social dos agentes; além das contribuições de Bernardo Kucinski, Renan Quinalha (2021); Viviane

¹ Fernando Henrique Cardoso, também conhecido como FHC, é um professor, sociólogo, cientista político, escritor e político brasileiro. Foi o 34.º presidente da República Federativa do Brasil entre 1995 e 2003. Disponível em: <https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/centrais-de-conteudo/biblioteca-da-pr/galeria-dos-ex-presidentes/fernando-henrique-cardoso/biografia-completa-fernando-henrique-cardoso/> Acesso em 11 de outubro de 2022.

Camozzato, 2015 Douglas Kellner (2001); Elisabeth Ellsworth (2001) Marlécio Maknamara (2020); Patrícia Hill Collins (2021); Santos, A., & Klein, C. (2021).

Mas afinal o que são os Estudos Culturais?

Ao fazer uma prévia sobre os primórdios dos Estudos Culturais exige-se que se faça um reporte à década de 1960, muitos intelectuais durante esse período iniciaram suas críticas “(...) aos estragos da ‘vida mecanizada’, como efeito da ‘civilização moderna’” (MATTELART; NEVEU, 2004, p. 19, grifos dos autores). Isso traz à luz novas concepções sócio-históricas a partir do choque da Revolução Industrial, bem como do papel determinante da cultura como meio de civilizar sobretudo camadas sociais, comunidades e até nações.

Devido as transformações ocorridas ao longo do tempo e no século XX, exigiu-se novas definições do conceito de cultura. É nesse entorno que surge o teórico britânico Raymond Williams como personagem principal na fundação dos estudos culturais com uma visão crítica e de resistência sobre a tradição letrada inglesa com o entendimento e contribuição de que cultura deveria ser decodificada como em comum e de todos, não apenas como algo restrito da alta cultura e belas artes investida de uma visão de experiência privilegiada, de uma classe especial ou um grupo seletivo, assim, essa noção começa a se deflagrar e se esfacelar, dando lugar a cultura como modo de vida que contribuisse para a mudança social até porque nesse espectro a cultura não era homogênea, ao contrário, era de forma diferenciada em qualquer formação social ou época histórica.

Na ótica de Cevasco para Williams era preciso se opor ao modo de ver idealista da cultura que persistia em pensá-la como domínio separado da vida concreta. Portanto, o significado da palavra era tomado como produto separado da vida comum.

Em contraste a essa concepção, Williams se apropriou da noção, antes mais recorrente em antropologia, de cultura como um modo de vida justamente para demonstrar que se trata de algo comum a toda a sociedade, que inclui, além das grandes obras – modos de descoberta e de criação –, os significados e valores que organizam a vida comum (CEVASCO, 2003, p.110).

O olhar sobre cultura social a partir do viés de solidariedade que objetivava a instrução da classe trabalhadora, uniu os representantes mais notáveis como Williams, Richard Hoggart e Edward Thompson, assim os Estudos Culturais se iniciava como empreendimento marginal e em função de uma necessidade política ligada à democratização da educação.

O teórico Raymond Williams havia sido, junto com Richard Hoggart e Thompson professores da WEA (Workers' Educational Association), uma associação de esquerda para a

educação universitária de trabalhadores ligada a intelectuais do Partido Trabalhista, ensinar nesse tipo de instituição era mais uma intervenção política do que uma profissão. Na WEA, Williams e Hoggart realizaram um ensino democrático e tiveram que inovar e desenvolver novos métodos de ensino, pois os alunos da classe trabalhadora inglesa exigiam que os conteúdos disciplinares tivessem relação com a realidade de suas vidas e com as questões que de fato, lhes interessassem. Esse contexto trouxe novos entendimentos sobre as relações entre trabalho intelectual e trabalho político.

Portanto, ainda nesse ensejo considero que os Estudos Culturais

expressam, então, uma tentativa de “descolonização” do conceito de cultura. Cultura não mais entendida como o “melhor pensado e dito”, não mais o que seria representativo como ápice de uma civilização, como busca da perfeição; não mais a restrição à esfera da arte, da estética e dos valores morais/criativos (antiga concepção elitista). Cultura, sim, como expressão das formas pelas quais as sociedades dão sentido e organizam suas experiências comuns; cultura como o material de nossas vidas cotidianas, como base de nossas compreensões mais corriqueiras. A cultura passa a ser vista tanto como uma forma de vida (ideias, atitudes, linguagens, práticas, instituições e relações de poder), quanto toda uma gama de produções, de artefatos culturais (textos, mercadorias, etc) (COSTA, 2011, p. 105).

Ao fazer um enfoque teórico metodológico a partir dos Estudos Culturais, parto da premissa que o jornal *Lampião da Esquina* é um tabloide, como então podemos discuti-lo? Quais são as suas características?

Nesse aspecto vale destacar os conceitos de artefato cultural. Assim sendo, o jornal *Lampião da Esquina* é de oposição e, também, promove uma pedagogia cultural, uma vez que ele transmite uma pedagogia de ensino ao produzir saberes, sentidos políticos e culturais que são dialogados com os seus leitores, além de ser um lugar de aprendizagem ao fazer um debate contra hegemônico.

Os artefatos culturais se relacionam de uma forma específica e particular para com a(o)s sujeita(o)s. As narrativas apresentadas são muito bem pensadas e organizadas além de serem tecidas, entrelaçadas, cruzadas com os seus cotidianos. Para que isso ocorra, há um investimento na criação de sentidos por meio da composição de personagens, roteiros, imagens e sons comprometidos com a identificação. É crucial que ocorra a identificação entre o sujeito e a cultura visual veiculada para que se produzam novas posições e convites intencionais a partir da identificação estabelecida (ELLSWORTH, 2001).

A partir dessa pesquisa será possível observar como é constituído o jornal enquanto um tabloide e desvelar as suas características sejam as capas, as fotos, as cores, temas, seções, os

tipos de linguagens enfim aspectos de relevância do editorial que propunham o alcance de seus leitores.

É importante entender como o conteúdo do *Lampião da Esquina* é dividido, as características de suas seções, temas que abordam

O conteúdo de O Lampião era composto por reportagens com pessoas não necessariamente homossexuais e apresentava seções de contos, ensaios, críticas literárias, de teatro e de cinema. Os textos apresentavam a “linguagem desmunhecada e desabusada do gueto homossexual” (TREVISAN, 2002, p. 339).

O periódico *Lampião da Esquina* teve uma abrangência nacional. O recorte temporal compreende o mesmo das publicações dos anos de 1978 a 1981, para além de se tratar de um momento de transformações dos movimentos sociais no Brasil, é a partir do questionamento da esquerda tradicional e da inserção de novas demandas políticas que se faz necessário.

O Brasil vivia sob a governança do regime militar desde 1964. Os jornais alternativos se firmaram como forma de resistência ao governo, de modo a promover diálogo entre os movimentos sociais, buscando meios alternativos ao monopólio da grande imprensa que defendia o sistema vigente. Dessa forma, é preciso destacar que os editores e jornalistas escrevem no momento da redemocratização do Brasil, nesse contexto temos mudanças na tentativa de abrandar o regime autoritário brasileiro. Temos nesse contexto as greves por exemplo do ABC 1979, a afirmação do movimento feminista e a luta por direitos humanos que inclui a luta do movimento LGBTQIA+.

Além da abertura política, surge a possibilidade da visibilidade de novos discursos e de forma particular da presença de grupos considerados pela cultura hegemônica minoritários ou marginais. Ao lutar por uma maior visibilidade e destaque, diversos destes grupos veriam na mídia a oportunidade de propagar suas ideias e apresentar novas posturas identitárias, diferentes daquelas forjadas pela ideologia dominante de então. A efervescência política e social da época propiciava então o momento crucial para o (re)surgimento de sentidos e vozes considerados esquecidos, discursos escondidos que clamavam por emergir.

O jornal em questão fazia parte tanto de um movimento de resistência contra a ditadura militar quanto de um processo de “(re) afirmação homossexual, acompanhando os múltiplos processos de construção (ções) identitária(s) pelos quais este grupo passou nesse período, cujas consequências nos afetam ainda hoje”. (SIMÕES Jr., *apud.* SILVA, 2015 p.7). No quesito sobre o reconhecimento do jornal enquanto lugar de memória e construtor de identidades o movimento LGBT trouxe para esse cenário a validação e legitimidade ao *Lampião da Esquina*

no que diz respeito, por exemplo, a qualidade de produtor de um discurso representativo e nesse escopo também ao abarcar grupos minoritários rejeitados pela cultura dominante patriarcal, cristã, branca e heteronormativa assim tomar partido e coragem ao assumir e orgulhar-se de sua homossexualidade, sair dos guetos, transitar como todo cidadão, ter livre arbítrio para escolher lugares de lazer e, acima de tudo, exprimir sua sexualidade são temas constantes em Lampião.

Durante a ditadura civil-militar², muitos veículos de comunicação foram censurados e impedidos de expressarem suas ideias, uma vez que os governos militares impuseram um regime político baseado na centralização do poder. Tratou-se, portanto, de décadas marcadas pela crueldade e ao mesmo tempo de um momento importante para a história e cultura do País.

Como afirma Victor Hugo da Silva Gomes Mariusso:

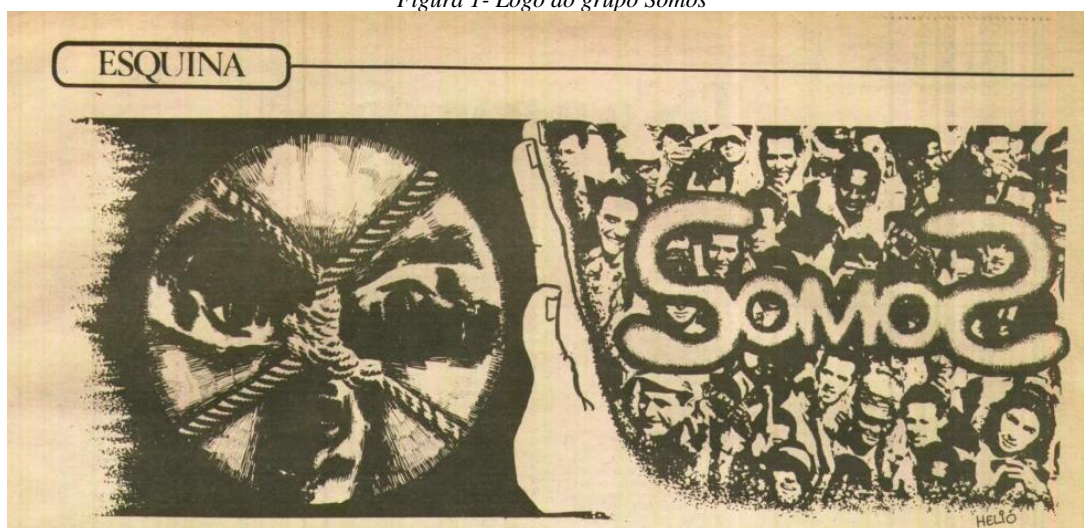
O Brasil passou por um período de transição do declínio da ditadura militar iniciada em 1964 com o golpe civil-militar contra o governo de João Goulart e encerrada em 21 anos depois, com o início de um novo governo democrático, com a eleição de Tancredo Neves (e a posse do vice-presidente eleito José Sarney, após a morte de Tancredo), que poderíamos mensurar temporalmente de fins dos anos 1970, com a ascensão de Figueiredo à presidência, até o fim da década seguinte, quando das primeiras eleições diretas para presidência da República, um marco na história recente do país (MARIUSSO, 2012, p. 10-11).

Após o golpe civil-militar de 1964 que durou 21 anos, o Brasil atravessou um período de intensa repressão, principalmente entre os anos de 1968 até 1974. A ditadura reprimiu todas as formas de contestações. Na questão *gay*, só há registros de movimentos organizados a partir do final da década de 1970, inicialmente formados por homens homossexuais, o grupo *Somos - Grupo de Afirmação Homossexual*³, de São Paulo, nasceu em 1978. Como no logotipo (Figura 1), o grupo *Somos* apresentou uma imagem e um discurso de afirmação de união entre a

² O período que corresponde à ditadura civil militar brasileira (1964-1985), teve como uma de suas características a instituição de um forte e complexo aparelho repressivo estatal, que através da prática de violências, silenciamentos e repressões de diversos tipos e intensidades, foi fundamental para o estabelecimento dos generais no poder por mais de duas décadas. O Ato Institucional Número 5 (AI-5), emitido em 1968, foi um forte instrumento repressivo. Através deste, os militares atuaram diretamente no comando dos órgãos de repressão e vigilância, onde a censura aos meios de comunicação ocorreu de maneira mais intensa. No entanto, no governo de Geisel (1974-1979), foi instituído um plano de abertura política que, em sua definição, ocorreria de modo lento, gradual e seguro. Nesta fase, há uma maior autonomia para os meios de comunicação, porém, temas que fossem considerados um perigo à moral e aos bons costumes continuavam a ser vigiados e interditados. Nesse contexto, produz-se o jornal *Lampião da Esquina*. Em outubro de 1978, é aprovada a emenda constitucional n. 11, que possuía como principal objetivo a revogação do AI-5. A referida emenda entra em vigor em 1º de janeiro de 1979 (BRITO, 2016; FAUSTO, 2015). Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/12644/8751> Acesso: 03 jun. 2022

comunidade gay. A partir da década de 1980 se iniciou a atuação do *Grupo Gay da Bahia*,⁴ que vai ter uma influência atuante e fortaleceu o ativismo homossexual na região do Nordeste.

Figura 1- Logo do grupo Somos



Fonte: 1- *Lampião da Esquina*, ano 1 nº12 maio de 1979, p.3.

No entanto, no final da década de 1970, em um momento de declínio da capacidade de manutenção no poder por parte dos militares, a sociedade civil brasileira organizada por meio de manifestações esporádicas e greves culturais passou por mudanças significativas durante o processo de redemocratização e abertura política.

Essa fase de mudanças, após o período de maior repressão da ditadura, também foi identificada no campo da comunicação e da opinião pública como, por exemplo, da imprensa escrita com o jornal *O Lampião da Esquina*. A população composta por lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros sofreu tratamentos diferenciados na sociedade brasileira, marcados, sobretudo, pela violência.

A escolha do objeto de pesquisa se deu por três motivos principais: o primeiro tem a ver com o fato de o jornal ter tido circulação nacional e expressiva tiragem em parte da sua trajetória; o segundo está ligado à disponibilidade, pois o *Lampião da Esquina* tem seu acervo totalmente on-line³. Essa questão é muito importante, uma vez que, infelizmente, muitas publicações nacionais alternativas não tiveram a sua coleção preservada. O terceiro está no fato do periódico ter uma singularidade em suas matérias publicadas, e a ideia de investigar como o jornal corroborou para afirmação de uma identidade cultural e política dos homossexuais e de diversos sujeitos colocados à margem da sociedade que figuraram nas páginas do *Lampião da*

³ O acervo se encontra todo digitalizado e por ordem cronológica no site do grupo Dignidade. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/> acesso em: 20 de março de 2017.

Esquina.

Por esse viés, justificamos o uso do jornal *Lampião da Esquina* como fonte e objeto de estudo. A idealização desse jornal surgiu como possibilidade para a exposição de reflexões que resulta da possibilidade de desnudar um dos segmentos da sexualidade humana, pensar sobre as relações de gênero e a potencialidade da mídia impressa para dar lugar à memória do movimento LGBT brasileiro bem como sobre experiências de pessoas subalternizadas, para isso remeto essa ideia ao conceito de Interseccionalidade. A ver:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (COLLINS & BILGE, 2021, p.16).

Para a análise aqui supracitada, o uso da tecnologia foi de extrema importância: pois se configurou como facilitadora do processo de pesquisa primário, ou seja, a busca do material essencial a qualquer investigação histórica, as fontes. Assim como todos os historiadores e historiadoras, fazemos parte de um determinado tempo e espaço, que são elementos influenciadores do fazer investigativo em todos os aspectos, o que, conseqüentemente, irá refletir na construção de qualquer produção histórica.

O trabalho de levantamento consistiu em buscar pelas matérias do *Lampião da Esquina* no site grupo dignidade do jornal. No caso da nossa pesquisa olhamos edição a edição a procura de entrevistas com pessoas com forte impacto cultural na época e que ainda reverberam ainda hoje nas discussões sobre gênero, etnia e diversidade de ideias nas diversas mídias atuais. Assim pesquisamos a princípio personalidades não necessariamente LGBTQIA+, mas com alguma significância cultural a época das entrevistas e após, procuramos nas capas e no campo reportagens que era o campo de maior destaque do jornal, e com uma ficha, registramos, no programa Word, nome do jornal, data, edição, caderno, página, natureza do texto, autor e título. Ainda na ficha, procedemos a um resumo pequeno da matéria e efetuamos um *print screen* da notícia.

As matérias escolhidas, no momento da pesquisa, foram de algumas personalidades como do ex-presidente Lula que há época era apenas um metalúrgico e líder sindical, Leci Brandão cantora, Abdias Nascimento militante do movimento negro, Norma Benguell atriz,

diretora etc., e Clodovil Hernandez, estilista, ator. O periódico *Lampião da Esquina* tem muitas produções sobre sexualidade, corpos etc., porém optamos por trabalhar com outro olhar ao periódico.

A estrutura da dissertação está organizada da seguinte forma: o primeiro capítulo retrata sobre: O espaço dos marcadores da diferença no *Lampião da Esquina* e traz a luz os conceitos de pedagogia cultural e artefato cultural traçando as características do jornal enquanto tabloide, bem como suas estratégias de mediações e agenciamento. O segundo capítulo apresenta um enfoque sobre: O debate dos direitos humanos e marcadores da diferença na imprensa e imprensa alternativa ao pensar na perspectiva do *Lampião da Esquina* ser um mediador cultural na medida em que ele traz várias entrevistas e com personalidades importantes para a época além de delimitar uma nova problemática da pesquisa ao olhar outros sujeitos como neste caso as mulheres, os negros e as populações indígenas as quais foram representados no jornal e também por meio dos movimentos sociais na luta por direitos. Para além disso faz também um delinear ao pesquisar sobre o contexto das ditaduras na América Latina. No terceiro capítulo faz-se uma abordagem sobre: A questão das homossexualidades/sexualidades transgressoras na América Latina nas páginas do *Lampião da Esquina*.

1. “Vozes que ecoam” - O espaço dos marcadores da diferença no *Lampião da Esquina*

O jornal *Lampião da Esquina* é tratado por muitas pessoas como um jornal que apenas fala sobre pautas relativas a questões da homossexualidade, na verdade não se trata somente disso, o “leque se abre” e rompe muitas fronteiras ao abordar diversas questões sociais, portanto mais do que tudo o *Lampião* se mostra como um jornal de imprensa alternativa de oposição que traz sobretudo uma discussão sobre a diferença para o Brasil.

Dessa forma, ainda que como um *background*, esse trabalho traz nas entrelinhas um pensamento a partir da perspectiva e do pensamento decolonial em um Brasil da abertura em que a diferença está aflorando. Nesse contexto destaca-se as ideias de Muriel Emídio Pessoa do Amaral ao apontar que

A decolonialidade de *Lampião da Esquina* acontece quando as matérias não se limitam apenas aos desejos e à libido homoerótica, mas também traz outros temas ao debate. Ao promover a interseccionalidade e pluralidade de posicionamentos por outros assuntos, o jornal pode ser considerado ater(n)ativo e excêntrico porque orbita para além de temas sobre as questões das homossexualidades e, também apresenta panorama sobre as questões de raça no país. Refletir sobre a interface entre negritude e diversidade sexual é reconhecer a alteridade entre os dois marcadores, além de ser uma proposta de perceber a pluralidade de experiências, subjetividades e interseccionalidade (AMARAL, 2022, p. 7).

O ano de 1978 foi o momento crucial em que o AI⁵ enfraquece e é nesse cenário e contexto que a imprensa alternativa da época produz o jornal *Lampião da Esquina*. Com uma inspiração voltada à Winston Leyland editor da revista estadunidense intitulada *Gay Sunshine* o editorial brasileiro tornou-se um instrumento muito organizado com uma produção roteirizada e veiculada por um grupo de intelectuais, artistas e jornalistas. Dessa forma, Alison dos Santos e Carin Klein apontam que

Somente em 1960 materiais como revistas constituídas de conteúdos homossexuais começaram a ser produzidas e distribuídas de mão em mão, em círculos restritos do país, assim editoriais, por exemplo, como *O Snob*,

⁴ O Ato Institucional nº 5, também conhecido como AI 5, foi um ato decretado em 13 de dezembro de 1968, durante o período da ditadura militar, no governo do general Arthur da Costa e Silva. Este ato marcou um período de censura e repressão da ditadura militar no Brasil, e ficou historicamente conhecido como o mais duro dos Atos Institucionais, que eram diplomas legais emitidos pelo poder executivo entre os anos de 1964 e 1969. Disponível em: legis.senado.leg.br/norma/584057/publicação/15669952 acesso em: 20 de setembro de 2022.

circularam na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1963 e 1969 (ARIAS NETO; PESSOA DO AMARAL, apud SANTOS E KLEIN, 2016). Com a instauração da ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985) e a consequente promulgação da lei da censura⁵, editoriais com esses conteúdos tornam-se incomuns e restritos. Como consequência, enquanto em outros países os movimentos sociais de lutas pelos direitos LGBTs progrediam e ganhavam vitalidade. No Brasil as discussões acerca das liberdades e direitos individuais desta população ainda eram restritas aos meios acadêmicos e intelectuais de resistência. Isso não implica dizer que os movimentos sociais de luta pelos direitos LGBTs não buscavam se organizar, mas que devido aos fortes instrumentos estatais de repressão deste período, suas tentativas de organização e articulação eram invisibilizadas, inviabilizadas ou, simplesmente, silenciadas (SILVA, idem, 2016, p. 22). No entanto, em 1978, o Ato Institucional Número 5 perde forças no país. E é nesse contexto que começa a ganhar força a imprensa alternativa da época, na qual o jornal *Lampião da Esquina* torna-se um exemplo emblemático (SANTOS & KLEIN, 2021, p.1-2).

Para além disso, no interior das páginas do jornal é possível perceber como esse leque de diversidade são pautas que podem ser debatidas sejam elas, por exemplo, quando se trata do debate sobre o movimento negro, sobre o lugar da homossexualidade no contexto estreitamente ligado a uma sociedade viril e nesse aspecto vale lembrar que a discriminação e o preconceito não tem “eira nem beira” então essas atitudes ocorrem tanto no espectro político da direita como da esquerda, e dentro desse pensamento podemos perceber como a Colonialidade do poder também se expressa, repercute e se manifesta nos marcadores da diferença, nesse enquadro de abordagem não fica distante também o debate sobre a presença das mulheres na cena pública no cenário de abertura, o jornal também faz um debate sobre a questão das mulheres lésbicas e é um debate que se destrincha quando vai tratar a questão de classes.

O *Lampião da Esquina* mostra em suas páginas esses recortes ao sinalizar que é um jornal do marcador da diferença de oposição e, portanto, com essa sutileza e esse pano de fundo inserido no contexto decolonial, na medida em que traz esse tema da Decolonialidade qual seja nesse caso as causas de todos os sujeitos envolvidos que estão à margem que vêm para esse jornal. Portanto, se trata de um editorial que está à frente das causas emergenciais de grupos oprimidos, rechaçados pelo sistema.

Assim, Muriel Emídio Pessoa do Amaral atesta que

⁵ Como exemplo, citamos o Decreto-Lei n.1.077, de 26 de janeiro de 1970, que em seu artigo 1º e 2º dispõe o seguinte: “Não serão toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes quaisquer que sejam os meios de comunicação. Caberá ao Ministério da Justiça, através do Departamento de Polícia Federal verificar, quando julgar necessário, antes da divulgação de livros e periódicos, a existência de matéria infringente da proibição enunciada no artigo anterior”. (BRASIL, 1970). Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/12644/8751> acesso em: 20 de setembro de 2022.

Ao reconhecer a necessidade de avançar para além dos espaços dos guetos, a decolonialidade desenvolvida pelo jornal promove a visibilidade de grupos que passam pela violência simbólica com o intuito de desnaturalizar o sentido estereotipado de homossexuais. A ideia de reinventar as representações também perpassa o próprio nome da publicação. Ao aliar a figura masculinizada do cangaceiro Lampião à esquina, local comumente idealizado como ponto de prostituição, refaz a representação masculina para além de signos da força e violência, além de oferecer luz a figuras marginalizadas que se encontram no limbo social (AMARAL, 2022, p. 7).

Ainda nesse contexto cabe destacar aqui essa referência de desconstrução e ressignificação

O uso de tais palavras em Lampião, na verdade, tem um propósito. O que nós pretendemos é resgatá-las do vocabulário machista para, em seguida, desmistificá-las. Veja bem, até agora elas foram usadas como ofensa, serviam como o meio mais simples para mostrar a separação que existe entre o nosso mundo e o dos outros. Isso faz com que, temendo o peso de tais palavras, criemos outras igualmente mistificadoras (Lampião da Esquina, 1978, p.3).

Afinal, o jornal enquanto artefato cultural imerso em um período histórico marcado sobretudo pela opressão e silenciamento pôde produzir sentidos políticos e culturais para os seus receptores?

Imerso no escopo do mundo moderno que a todo tempo reverbera novas configurações culturais tem-se percebido que há como diz Rosa Fisher (1997, p.62) “uma ampliação dos lugares em que nos informamos, em que de alguma forma aprendemos a viver, a sentir e a pensar sobre nós mesmos”. Existe, portanto, uma “cultura da mídia” de acordo com Douglas Kellner (2001, p. 9) que tem ofertado ou disponibilizado “os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente”.

Dessa forma, os artefatos⁶ sejam eles referenciados pela literatura, o rádio, as revistas, os jornais etc. passam a ser notados como mecanismos instrumentalizados de modo que permite não somente informar, mas sobretudo instruir, aconselhar e educar os seus espectadores operando de forma pedagógica como afirma Henry Giroux (2001) como “máquinas de ensinar”. Neste caso, o jornal Lampião por meio de seus conteúdos e textos culturais age na perspectiva de produtores de sujeitos.

⁶ Artefatos culturais resultam de um processo de construção e vinculação de significados culturais a diferentes objetos constituídos material e simbolicamente em uma cultura. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/viewFile/20750/13490> acesso em 25 de setembro de 2022.

Os artefatos culturais segundo Vinicius Cannavô (2021, p.76) “disseminam saberes que podem ser capturados pelos sujeitos interpelados, direta ou indiretamente, e neles as pedagogias engendram técnicas e práticas de si, atuando sobre si para que os discursos se concretizem”

Ao trazer a ideia do papel que tem o artefato cultural, Marlécio Maknamara afirma que

Narrativas seriadas como máquinas de ensinar: O que buscar e abordar? - dimensões e valores culturais que são privilegiados; - linguagens e saberes mobilizados para ensinar; - formas de capturar o tempo e o envolvimento da audiência; - significados a fixar e a ensinar. O que está em foco: a fabricação e o mecanismo do próprio artefato. Narrativas seriadas como textos culturais: O que buscar e abordar? - enunciações e conceitos em cena; - formas de inscrição com as quais são apresentados os elementos das narrativas (pessoas, culturas, estilos, cenários...), incluindo as nomeações (de objetos, indivíduos, realidades); - linguagens e códigos usadas para apresentar os significantes (representações); - divulgações de modos de vida usadas para reforçar verdades (ligadas a diferentes marcadores sociais, tal como gênero, geração, classe, raça/etnia, origem geográfica, etc.), as escolhas feitas para tornar esses modos de vida inteligíveis e aceitáveis, os saberes e valores que as narrativas seriadas estão a negar, a excluir, a preservar e a instituir/afirmar. O que está em foco: o sistema de significação do artefato que o faz produto e produtor de uma cultura específica. Narrativas seriadas como produtoras de sujeitos: O que buscar e abordar? - quem o artefato pensa atingir/quem ele pensa ser seu público; - quem o artefato quer que seja seu público/como ele quer que seja esse público; - definições de personagens/cenários/focalizações/localizações no enredo como frentes de captura de público e suposições de efeito sobre esse público. O que está em foco: os modos de endereçamento do artefato e suas estratégias para dialogar com seu público (MAKNAMARA, 2020, p.10).

Ao reforçar essa ideia Maknamara sinaliza

Trata-se de uma contribuição que considera, como Woodward (2008), que todo artefato cultural regula a vida social conectando suas formas de representação, articulação e consumo e as identidades a eles associadas. Nesta minha proposição, cabe a quem investiga o artefato captar e evidenciar seu(s) “princípio de inteligibilidade”, ou seja, a ideia que regula um exercício particular de poder, uma maneira de pensar, analisar e definir os elementos que, em sua natureza e relações, concorrem para efeitos específicos de poder. São temas e focos de questionamentos possíveis para estudos afeitos a pesquisas pós-críticas em educação interessados em investigar as tramas de artefatos culturais que ensinam, demandam e produzem sujeitos e terminam por envolver lhes em estratégias de governo quando aparentemente apenas fazem divertir. Os diferentes artefatos acionados pela cultura da mídia podem ser lidos como textos: composições linguísticas que, mais que mediar e comunicar relações entre palavras e coisas, incorporam e produzem significados, saberes, valores. Textos produzem e disponibilizam formas particulares de ver, saber, sentir e descrever e, assim, concorrem para processos de subjetivação (MAKNAMARA, 2020, p. 11-12).

Compreende-se assim, que o jornal *Lampião da Esquina* enquanto um artefato cultural constrói, produz e vincula por meio de suas divulgações impressas, matérias, enunciações, conceitos e textos culturais valores, saberes e significados para o público leitor através de seus elementos narrativos nos quais estão envolvidos pessoas, culturas, estilos, cenários, incluindo as escolhas sejam estes de objetos, indivíduos, realidades e dimensiona, portanto, diferentes marcadores sociais, tal como gênero, geração, classe, raça/etnia, assim as decisões tomadas por sujeitos e as suas escolhas feitas tornam modos de vida inteligíveis e aceitáveis permitindo que tomem consciência e aprendem a todo tempo e de diversos modos.

Para além disso, é possível perceber a produção no escopo do jornal de uma pedagogia cultural para os seus leitores(as)? Mas primeiramente como conceituar o que seja a pedagogia?

Há modos díspares de conceituá-la. Talvez seja possível afirmar que as mudanças nesse conceito se relacionam com as transformações sofridas pela sociedade. Assim, o conceito de pedagogia é móvel e está implicado com as exigências que cada sociedade impõe para a formação das pessoas. Afinal, se as sociedades sofrem mudanças, os conceitos utilizados para entendê-las e produzi-las adentram nesse jogo, não sendo estáticos. Em suma, há muitos embates nas maneiras de definir os conceitos e a pedagogia encontra-se, inevitavelmente, no meio disso (CAMOZZATO, 2015, p. 503).

Segundo Jane Felipe de Souza (1995, p.1) salienta que “não podemos ver a pedagogia como um mero domínio de técnicas. Ela caracteriza-se como um modo de produção cultural diretamente envolvida nas formas como o poder e os significados são utilizados tanto na construção, quanto na organização do conhecimento”.

Nesse sentido, Larissa Pinto Martins sinaliza

Ao compreender a força pedagógica da cultura contemporânea, os diferentes meios de comunicação transmitem pedagogias carregadas de significados e significantes que buscam levar os sujeitos a novos debates acerca de gênero, raça, classe, sexualidades etc. Os discursos, fortemente marcados por relações de poderes, provêm de diferentes segmentos econômicos, sociais e culturais orientados por várias ideologias e são apresentados por múltiplos agentes que consolidam as verdades e buscam convencer sobre as perspectivas de vida, de expressão, de ser e de estar no mundo. Essa maquinaria econômico-cultural forma um jogo eficiente de produção e disputa de subjetividades. Não a menos que os processos de interação dos sujeitos com a mídia tenham sido apresentados como um poderoso tópico de pesquisa no campo da educação (MARTINS, 2020, p.35).

A respeito sobre pedagogias culturais, a autora reforça que

As pedagogias culturais também apresentam uma maneira peculiar de se concentrar. É uma forma de se relacionar com as pessoas em um entrelaçamento entre elas e as narrativas apresentadas. Histórias compostas com personagens, roteiros, imagens e efeitos sonoros envolvidos na produção de sentidos que convidam as pessoas a se identificarem. A relação entre as pessoas e o foco de um discurso midiático está intimamente ligada ao estabelecimento de uma certa identidade propagada por um determinado artefato por meios de seus discursos imagéticos e representações. Elisabeth Ellsworth (2001) e MARTINS (2020) aponta uma certa convocação e interpelação que pode acontecer em diferentes intensidades, a partir de uma certa rede de identificações que possuem a intencionalidade de construir efeitos e produzir novas posições para os sujeitos na sociedade. A pesquisadora Karina Woitowicz (2014), explica por exemplo que com as mudanças enfrentadas pelo movimento feminista e de mulheres havia uma necessidade de criar um discurso próprio que fosse capaz de promover questionamentos e mudanças como uma forma de estratégia para uma educação feminista, capaz de produzir uma História das, sobre e com as mulheres (MARTINS, 2020, p.35).

Isso não me parece diferente das intencionalidades emergidas com o *Lampião da Esquina*, o editorial buscava de forma veemente romper com a ótica da heterossexualidade compulsória e com os padrões estabelecidos, ainda que orientadas majoritariamente pela lógica do pensamento eurocêntrico: branca, heterossexual, burguesa e cristã, assim podemos pensar o jornal enquanto um artefato cultural na qual há presença de pedagogias que buscam promover mudanças em seus receptores sejam por meio de mensagens de caráter político cultural e de seus discursos, gerando novos olhares, novos pensamentos e conhecimentos a partir de problematizações que tensionam debates ao questionar sobretudo o que socialmente está estabelecido e representando como tradicional, conservador e “certo” promovendo portanto novas ressignificações validando assim saberes outros e ensinios para os leitores.

Através dela, é possível construir novas concepções de mundo e, com isso, auxiliar-nos nas construções identitárias através das subjetividades presentes em seus discursos. Segundo Rosângela Soares:

As pedagogias culturais são locais onde as identidades sociais, e entre elas identidades sexuais e de gênero, são produzidas. O entendimento de que tais práticas educativas são fundamentalmente políticas se dá através do reconhecimento de que esses espaços culturais e suas formas específicas de pedagogia são locais de produção de significados, forjados em relações de poder. São processos constituídos de práticas sociais, ao mesmo tempo em que produzem, organizam e regulam ideias e concepções sobre que ações são possíveis e legítimas (SOARES, 2008, p. 47).

Para a autora, os meios de comunicação através da sua produção cultural fornecem modelos a serem seguidos, tanto de como ser homem, quanto de como ser mulher, sendo assim, modelos de comportamentos a serem aceitos ou não e, dessa forma, constroem as percepções de gênero, sexualidade, raça e outras identidades culturais. Nesse sentido, as mudanças produzidas pela mídia alternativa contribuem para compor novas posições de sujeitos, assim como, constroem novas identidades sociais para seu público.

Vale dizer que minoria aqui não abarca a dimensão numérica e sim de atribuição de sentidos, ocupação de espaços, garantia de direitos e igualdade social, tocar em temas sobre os dilemas vividos pelos chamados grupos minoritários ou sujeitos historicamente marginalizados poderia funcionar enquanto estratégia política importante de reconhecimento e autoafirmação, este artefato, portanto, veiculou uma pedagogia cultural para a sociedade, na medida em que permitiu produzir sentidos, saberes, práticas e sentimentos de autoafirmação identitária, de pertencimento a sociedade, enquanto um grupo que estava se organizando e tinha a necessidade de buscar os seus direitos.

A autora Viviane Castro Camozzato aponta que

A pedagogia procura responder as exigências que cada tempo coloca para a produção de tipos de sujeitos que lhe correspondem, levando adiante o mundo em que vivem, adaptando-se a ele. Ela envolve um conjunto de saberes e práticas que cada indivíduo é incitado a fazer operar sobre si para tornar-se sujeito de determinados discursos. Porém, as transformações na esfera dos saberes e nas tecnologias vêm cada vez mais desalojando as certezas, as permanências, provocando, também, que os sujeitos fluam entre as diversas posições-de-sujeito que lhes são oferecidas a ocupar (CAMOZZATO, 2014, p. 575).

Embora a mídia hegemônica institucionalizada operasse no sentido de não permitir fazer circular os discursos e representações de grupos tidos minoritários das identidades femininas, indígenas, étnico raciais e homossexuais, o jornal operou enquanto uma instância pedagógica capaz de difundir lugares e reconhecimentos àqueles/àquelas que viviam na obscuridade da vida social.

É perceptível ver a dimensão educativa do editorial mesmo em diferentes épocas e em um período histórico e político de silenciamento onde a liberdade era limitada de certa forma, mesmo com a censura, perseguição, repressão, privação de direitos e liberdades políticas, o jornal *Lampião da Esquina* buscava atuar de maneira ativa e perspicaz como uma fonte de informação, intencionando levar o conhecimento por meio de suas matérias e assim educar, ampliar sentidos e direitos aos sujeitos considerados minorias sociais.

Sendo assim, ele tem a sua convergência a um modo de endereçamento? Qual é o modo de endereçamento do Lampião? Eles estão escrevendo para os gays? Ou eles estão escrevendo para dizer nós temos direito à diferença?

Ao parafrasear as ideias de Elisabeth Ellsworth (2001) o modo de endereçamento é um termo de forma geral que remete aos estudos sobre o cinema, mas que também se estende e abarca a crítica ligada a arte e a literatura, a sociologia, a antropologia, a história e a educação. São questões que perpassam o social e individual, como aquelas que pretendem compreender qual é a relação envolvente entre o texto de um filme e a experiência de quem recebe a mensagem transmitida, ou seja, do espectador, como exemplo dessa relação podemos citar também a estrutura de um romance e a interpretação feita pelo leitor, uma pintura e a emoção da pessoa que a contempla, uma prática social e a identidade cultural, um determinado currículo e sua aprendizagem. O objetivo é saber, portanto, qual a relação entre o que está do lado de “fora” da sociedade e o lado de “dentro” da psique humana.

A ideia de modo de endereçamento depreende então que se há uma compreensão entre o texto de um filme e a experiência do espectador, é possível assim em contrapartida influenciar, manipular e moldar a resposta desse espectador, convocá-lo a uma posição a partir da qual ele deveria ler o filme; além de ser possível ensinar os espectadores a contrapor, contrastar e resistir a determinada posição que um filme quer que eles assumam. Dessa forma, Ellsworth apresenta e enfatiza o argumento no qual está baseado o conceito de endereçamento:

Para que um filme funcione para determinado público, para que ele chegue a fazer sentido para uma espectadora, ou para que ele a faça rir, para que a faça torcer por um personagem, para que um filme a faça suspender sua descrença [na “realidade” do filme], chorar, gritar, sentir-se feliz ao final – a espectadora deve entrar em uma relação particular com a história e o sistema de imagem do filme (ELLSWORTH, 2001, p. 14).

Desse modo, para que seja possível compreender e internalizar os conteúdos, por exemplo, de um filme ou um programa de TV é necessário construir de forma prévia um conhecimento, um entendimento e uma consciência lúcida a partir de um ponto de vista social e político particular, de modo que o espectador precise adotar os interesses sociais, políticos e econômicos correspondentes ao conhecimento construído para aquele tipo de filme ou programa de televisão. De outra forma, não seria possível compreender determinada produção segundo seus termos.

O modo de endereçamento de um filme tem a ver, pois, com a necessidade de endereçar qualquer comunicação, texto ou ação “para” alguém. E, considerando-se os interesses comerciais dos produtores de filme, tem a ver com o desejo de controlar, tanto quanto possível, como e a partir de onde o espectador ou espectadora lê o filme. Tem a ver com atrair o espectador ou a espectadora a uma posição particular de conhecimento para com o texto, uma posição de coerência, a partir da qual o filme funciona, adquire sentido, dá prazer, agrada dramática e esteticamente, vende a si próprio e vende os produtos relacionados ao filme (ELLSWORTH, 2001, p. 24)

Não há um único modo de endereçamento de um filme. Dentre infinitas possibilidades de constituição de um perfil de público, temos que admitir que existe nesse processo relacional uma “via de mão dupla”, ou seja, o espectador nunca é, apenas ou totalmente, quem o filme pensa que ele é. E nesse contexto, o filme também não é exatamente o que ele (o filme) pensa que é.

O espectador ou a espectadora nunca é tampouco exatamente quem ele ou ela pensa que é... A maneira como vivemos a experiência do modo de endereçamento de um filme depende da distância entre, de um lado, quem o filme pensa que somos e, de outro, quem nós pensamos que somos, isto é, depende do quanto o filme ‘erra’ seu alvo (ELLSWORTH, 2001, p. 20).

Como adição disso ainda temos que levar em consideração os públicos reais que chegam ao cinema. Quando isso ocorre, o modo de endereçamento de um filme torna-se apenas um dentre os muitos que formam o cotidiano de um determinado espectador. Nesse interim vale lembrar que é diferente ver um filme em casa com amigos, no cinema com a mulher ou o marido, com colegas em uma sala de aula. Desse modo, Ellsworth (2001, p.23) diz o seguinte “A posição que um espectador ou espectadora ‘assume’ em relação a um filme, e a partir da qual ele ou ela dá sentido ao filme e dele extrai prazer, muda drasticamente, dependendo dos (conflitantes) modos de endereçamento que possam estar disponíveis”

Apesar disso, a autora afirma que os espectadores reais sempre leram os filmes em direção contrária a seus modos de endereçamento, “[...] ‘respondendo’ aos filmes a partir de lugares que são diferentes daqueles a partir dos quais o filme fala ao espectador” (p. 31). A partir disso, há questionamentos sobre as diferentes leituras que são feitas não apenas por parte do mesmo espectador, mas ainda das diferentes leituras feitas por diferentes tipos de públicos.

Segundo Ellsworth, “É a partir dessa ‘posição-de-sujeito’ que os pressupostos que o filme constrói sobre quem é o seu público funcionam com o mínimo de esforço, de contradição ou de deslizamento” (2001, p. 15).

Portanto, de forma geral, afinal de contas para quem era esse jornal e a quem ele remetia? Para quem esse artefato cultural estava endereçado e escrito? A que público atingia?

Como e a partir de onde ou de que lugar (espaço social) o leitor (a) lia o jornal. Nesse contexto a dinâmica pode ser pensada na medida em que o jornal chamava a atenção do leitor a tomar uma decisão particular na proximidade e conhecimento para com as matérias publicadas que lhes interessavam, uma posição coesa e coerente a partir da qual a estrutura do jornal funciona, e adquire sentido ao oferecer, portanto, prazer, coragem, força e representatividade.

O modo de endereçamento do jornal a princípio tinha como seu principal público os homossexuais, porém abriu espaços significativos em suas páginas para a participação de outros segmentos da sociedade, como as mulheres, os índios, os negros entre outros de forma que rompia com a estigmatização desses sujeitos sociais. Portanto, o editorial convocava os leitores a tomar posições críticas, de enfrentamento, de queixas a fazer sobre aquilo que a leitura de um determinado material com tal enfoque poderia representar e resistência diante da censura e da repressão. O jornal também se endereçava para o campo político ao fazer questionamentos contra a repressão.

Dessa forma, o modo de endereçamento do jornal tinha a ver sobretudo com a intencionalidade e a necessidade de endereçar alguém, um público-alvo e nesse vínculo a engrenagem e a fluidez entre os conteúdos vamos dizer do objeto de estudo (editorial) e os sujeitos leitores neles envolvidos eram de uma relação envolvente que mantinha por parte de quem recebe a mensagem transmitida uma contemplação de entusiasmo e vigor diante da fragilidade e medo da opressão sofrida.

Em “Pode o subalterno falar?” de Gayatri Chakravorti Spivak (2010) enfatizou como grupos sociais subalternizados são mantidos silenciados pelas estruturas de poder coloniais. De acordo com a autora (2010, p.17) figuras como a sujeita subalterna feminina, por exemplo, era duplamente calada e, assim, nesse processo o “Outro” como sujeita/o é inacessível para a/o intelectual ocidental.

Sua crítica é sobretudo a respeito de uma violência na forma de pensamento do etnocentrismo intelectual europeu incorporado numa visão da cultura dominante ocidental que incidia sobre o Oriente, onde se posicionava no direito de representar e falar em nome do subalterno. Esta contrariedade se mostrava em especial aos franceses Michel Foucault e Gilles Deleuze, que enxergavam os sujeitos como objetos, assim o gênero feminino é dominado pelo gênero masculino sendo privado de representação nesse caso política.

Spivak (2010) desenvolveu um controverso argumento sobre a possibilidade de fala do subalterno. Para a autora, a resposta é não, o subalterno não pode falar. Primeiro, porque sua fala não atinge o nível dialógico em sua totalidade. Isto é, ao sujeito das margens (ou do centro

silencioso, silenciado) resta o exercício de uma precária e subalterna subjetividade por meio de discursos que operam com códigos e repertórios, afinal, hegemônicos. Spivak, de outro lado avançou no sentido da defesa da necessidade de uma revisão de agências e posicionamentos de grupos subalternos e o desdobramento em ações políticas.

Ao aproximar a ideia acerca do Jornal *Lampião da Esquina* ao icônico clássico da autora, podemos perceber que ela está preocupada com a mudez do subalterno nos dando um alerta para uma possibilidade de seu agenciamento. Nesse sentido, a fala do subalterno depende não de uma concessão, ou da permissão para narrar. Antes, coloca-se como estratégia de resistência sujeita, portanto a negociações e embates assim como realizado no Jornal *Lampião da Esquina*. Na verdade, o que a autora faz é de fato levantar o debate sobre o tratamento dado à questão das diferenças (culturais) pelas teorias do pós-moderno e sugere um equívoco de enfoque das relações entre as especificidades e o dominante cultural.

O subalterno pode realmente falar? Diante dessa pergunta, Spivak questionou o próprio lugar de onde teorizou. Com isso, mostrou-se consciente da própria cumplicidade com relação à representação do ser subalternizado:

Pode-se afirmar que não há nenhum sujeito subalterno irrepresentável que não possa saber e falar por si mesmo. A solução do intelectual não é se abster da representação. O problema é que o itinerário do sujeito não foi traçado de maneira ao oferecer um objeto de sedução ao intelectual representante [...] A questão que se apresenta é: como podemos tocar a consciência do povo, mesmo quando investigamos sua política? Com que voz-consciência o subalterno pode falar? (SPIVAK, 2010, p. 61).

Falar em agência é falar em estratégia. Enfim, que saída, em termos de agência, tem o subalterno? Um conceito bastante elucidativo neste sentido é o de singularidade ou responsabilidade ética. Spivak compreendeu que o diálogo entre os polos (eu – outro, centro – periferia) implica em responsabilidade de ambos os lados. Trata-se, assim, de uma relação ética de criação de um espaço discursivo para o Outro existir. A autora enfaticamente colocou que a agência, dentro deste espaço, significa a constante negociação de representações e recriações e o conseqüente questionamento dos termos desta negociação.

Figura 2- “Povo gay já pode falar”



Fonte: 2 - estampa da capa da edição nº18, novembro de 1979

De acordo com a ideia de Renan Quinalha (2021, p.147) “caracterizando os homossexuais como uma “minoría oprimida” que “precisa de voz”, a proposta do jornal politiza essa condição e inovava ao postular”:

Lampião reivindica em nome dessa minoria não apenas se assumir e ser aceito – o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negaram: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua realização, enquanto tal (QUINALHA, 2021, p.147)

O fato de o jornal ter sido de forma muito contundente e hercúlea eclodido no contexto de imprensa alternativa na época de parte da abertura política de 1970, durante os anos de censura promovida pelo Golpe Militar de 1964 já reforça um espírito de protagonismo e agenciamento dentre muitas coisas, o teor das publicações criadas e editadas traziam matérias com temáticas voltadas para o campo político e cultural e representavam sobretudo uma classe

que era destituída de voz na sociedade como um todo, nesse quesito o periódico mostrou ser uma das importantes “vozes que clamam no deserto” no intuito de expressar a resistência em meio ao caos repressivo para a construção de uma identidade nacional pluralista.

Sendo assim, o *Lampião da Esquina* nasceu neste contexto, numa aliança de mobilização entre amigos via comunicação escrita visando desse modo uma voz emergente e de resistência cultural.

1.1 Papel, lâmina e impressão: O *Lampião da Esquina* como mediador cultural além das fronteiras

A partir da análise proposta, será possível traçar um panorama estético ao conhecer o jornal como artefato e identificar as suas características formais (capa, diagramação, cores); e também suas propostas editoriais (temáticas e argumentos que estão presentes nesses artefatos); seções do jornal e os elementos gráficos articulados na construção visual do discurso, se possui uma linguagem formal ou não para os assuntos densos, construções informais, notas bem-humoradas ou não para quebrar tabus; as capas construídas como cartazes; o uso da fotografia e das ilustrações para traçar o perfil do homossexual que o jornal desejou apresentar e, ainda, o papel dos anúncios para financiar a publicação e dar visibilidade a produtos e serviços destinados aos diversos públicos consumidores.

Ao fazer um enfoque teórico metodológico a partir dos Estudos Culturais, parto da premissa que o jornal *Lampião da Esquina* é um tabloide, como então podemos discuti-lo? Quais são as suas características?

O primeiro número, a edição zero que não foi comercializada, teve uma estética experimental e foi distribuída para pessoas escolhidas pelos editores do jornal. Para tal empreitada de seus onze idealizadores, nove se cotizaram para montar uma editora – Da Esquina – e enviaram cartas a “12 mil amigos e amigos de amigos homossexuais de todo o Brasil” (MACRAE, *apud* NETO, 2013) para arrecadar os fundos necessários e que foram responsáveis pela publicação de seus dois primeiros números (NETO, 2013 p.7).

Na edição zero o jornal foi chamado apenas de *Lampião*, porém já havia um jornal homônimo. Então, a partir da segunda edição o nome foi alterado para *Lampião da Esquina*, no qual a primeira edição foi aberta ao público e lançada em abril de 1978, e a última em junho de 1981, com o total de 38 periódicos publicados, mais 3 edições extras, as quais continham

matérias já divulgadas anteriormente, e não possuíam a informação do mês, apenas do ano em que foram veiculadas.

O jornal teve uma circulação aproximada de 10 a 15 mil exemplares em todo o país, suas vendas eram comercializadas por meio de bancas dos jornais e assinaturas. Além disso, o conselho editorial do jornal alternativo *Lampião da Esquina* era formado por 11 intelectuais e artistas assumidamente homossexuais, a saber: Adão Costa, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteadó, Francisco Bittencourt, Gasparino da Mata, Jean Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, e Peter Fry e segundo Rodrigues, o “surgimento desse jornal faz parte do inconformismo diante da repressão e do conservadorismo que se abatia sobre uma parcela da sociedade brasileira” (RODRIGUES, *apud* MOSQUEIRA, 2015 p. 29).

Antes de explicitar os nomes que compunham o corpo do então impresso que surgia, um enunciado explicava as causas de sua criação. A ver

A ideia de publicar um jornal que, dentro da imprensa alternativa, desse ênfase aos assuntos que esta considera “não prioritários”, surgiu em novembro do ano passado e provocou uma série de reuniões; na principal delas, realizada em São Paulo, onze pessoas assumiram o que a mesma imprensa alternativa chamava de “compromisso histórico”: estava criado LAMPIÃO, e ficou decidido que os onze criadores formariam um Conselho, encarregado de traçar a linha editorial desta publicação (LAMPIÃO DA ESQUINA, abril de 1978, n. 0, p. 2).

De forma preliminar e como um delinear sobre o que será aprofundado no decorrer da pesquisa o jornal¹ fora composto, por exemplo, por seções fixas, tais como: Cartas na Mesa que tratava da parte destinada à leitura das cartas enviadas por leitores. Os títulos são uma abordagem humorística sobre o tema de cada carta. Nesse espaço, os homossexuais tinham voz e usavam o momento para elogiar *Lampião da Esquina*, criticar outros jornais, denunciar violências cometidas, contra gays, dar sugestões de assuntos para o jornal além de declarar orgulho por suas sexualidades. Foi uma das seções mais importantes, por permitir a interação do público e que os gays se expusessem, “saíssem do armário”, ainda que muitas cartas fossem desconhecidas.

A outra seção era conhecida como Esquina, se tratava do espaço destinado para reunir notícias e, de acordo com o tema específico da nota, o texto era acompanhado de charge, ilustração ou fotografia. Quando porventura um assunto adicional era inserido na mesma página a divisão era feita por um box em torno da notícia secundária ou apenas por fios para delimitar a divisão entre elas.

Figura 3 - Seção Esquina

ESQUINA

A verdade sobre Garcia Lorca

Sábido Del, que deu o nome ao artigo, cita uma carta de Garcia Lorca a seu pai, em 1935, onde ele se refere ao seu pai como "o pai da verdade".

... a verdade que Lorca, antes de ser assassinado em 1936, já tinha dito: "meu pai não é meu pai, meu pai é a verdade".



... a verdade que Lorca, antes de ser assassinado em 1936, já tinha dito: "meu pai não é meu pai, meu pai é a verdade".

O nosso prazer é melhor?

Para começar de conversa, não se trata de um prazer, é um prazer. O que se está a falar é de um prazer que se vive no momento em que se vive. É um prazer que se vive no momento em que se vive. É um prazer que se vive no momento em que se vive.

Receita para ter um filho

Esta receita é para quem quer ter um filho. É uma receita que se pode aplicar a qualquer situação. É uma receita que se pode aplicar a qualquer situação.

Fonte: 3 - Edição Experimental nº 0 abril 1978.

A seção Reportagem, era onde a matéria da capa estava localizada. Com entrevistas e assuntos relevantes sobre acontecimentos da época que refletiam na comunidade gay, como o desenrolar da ditadura militar e entrevistas

Figura 4 - Seção Reportagem



Fonte: 4 - Ano 1 - n° 10- março de 1979

A partir da edição 05, a coluna Bixórdia que era uma espécie de “passatempo”, como nos jornais contemporâneos possuem a seção de lazer com jogos, charges, assuntos informais. No *Lampião da Esquina* esse espaço destinava-se a trocadilhos com gírias LGBTs, pensamentos do dia, piadas e, também as charges. Além de espaços sobre temas culturais.

As capas se caracterizavam e se organizavam da seguinte maneira: tinham uma estrutura formada por cabeçalho com informações que remetiam a data, número da edição, ano, cidade, classificação de idade, preço, nome e logotipo do jornal. Dando continuidade, logo na parte abaixo aparecem as manchetes junto aos elementos que variam entre tipografia, lettering, ilustração, fotografia, colagem e caixas de diálogo (prosopopeia), com utilização de duas a três cores na arte. Na sequência, há o rodapé composto de informações técnicas do jornal, como: conselho editorial ou outras matérias de destaque.

O *Lampião da Esquina* surgiu e permite identificar os reflexos dessa nova linguagem. Suas capas são estruturadas de forma que se assemelham a cartazes, porque não seguem o padrão do miolo e utilizam da criatividade para produzirem composições inéditas a cada edição. Na estrutura do cabeçalho, o logotipo foi aplicado em diferentes tons, seguindo a mesma cor utilizada na composição da manchete; o nome “Lampião” é escrito em caixa alta e bold; a classificação de idade começou ser descrita a partir da edição de número três. A maior parte das capas possuem duas cores, mas é possível notar a presença de capas monocromáticas ou com três cores em sua composição.

Figura 5- Capas do Lâmpião ao longo dos anos



Fonte: 5 - ANO 3 n° 28 - setembro de 1980 e Edição Experimental n° 0 - abril de 1978

De maneira sucinta, vale reportar nesse aspecto que o reconhecimento institucional dos primeiros estudos voltados para as classes populares se deu com destaque para autores como Richard Hoggart, Edward P. Thompson e Raymond Williams, ligados de forma incisiva e crucial à formação de adultos e autores de três livros pioneiros na temática⁷. Eles tornaram-se precursores das ideias para o conceito concebido de “cultura” das relações de poder voltadas estrategicamente para mudanças sociais. Os autores converteram assim as suas ideias para as transformações e interpretações sobre os modos de vida das classes operárias trabalhadoras, resistindo sobretudo às investidas e influências econômicas, sociais e políticas.

Nesse contexto ao discutir essa recepção autores como Richard Hoggart vai contribuir para a contextualização desse recorte ao falar sobre um processo de alfabetização/ um letramento cultural das classes trabalhadoras inglesas assim para se contrapor a Escola de Frankfurt ele vai mostrar que as mídias não são capazes de somente alienar porque existe uma

⁷ Três textos que surgiram no final dos anos 50, são identificados como as fontes dos Estudos Culturais: Richard Hoggart com *The Uses of Literacy* (1957), Raymond Williams com *Culture and Society* (1958) e E. P. Thompson com *The Making of the English Working-class* (1963). O primeiro é em parte autobiográfico e em parte história cultural do meio do século XX. O segundo constrói um histórico do conceito de cultura, culminando com a ideia de que a "cultura comum ou ordinária" pode ser vista como um modo de vida em condições de igualdade de existência com o mundo das Artes, Literatura e Música. E o terceiro reconstrói uma parte da história da sociedade inglesa de um ponto de vista particular - a história "dos de baixo". Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3363368/mod_resource/content/1/estudos_culturais_ana.pdf acesso em: 30 de março de 2020.

recepção, existem os usos e os usos estão ligados a experiência de cada trabalhador e com o cotidiano.

Nas análises de seu clássico *The Uses of Litteracy* (1957), suas desconfianças com a industrialização da cultura fazem com que sua abordagem das práticas culturais populares se ancore nessa crença, motivo pelo qual, em sua obra, apareça a distinção problemática entre “cultura de massa” – imposta ao povo – e “cultura popular” – expressão cultural do povo. Em *The Uses of Litteracy*, o objeto central é o impacto da cultura de massas sobre as tradições culturais da classe trabalhadora, que estariam sendo destruídas pela má qualidade das novas manifestações. Para Elisa Cevalco (2003, p. 21), “sua atenção detida aos procedimentos da imprensa popular, do cinema e dos costumes da vida cotidiana faz do seu livro um dos primeiros exemplos do tipo de investigação que marcaria os estudos culturais”.

Nesse contexto Vinícius Barbosa Cannavô reporta essa ideia

Visualizamos na obra de Hoggart (1957) a relevância agora concedida às análises acerca da vida cultural dos trabalhadores, apontando que não há apenas submissão, mas resistências a partir das expressões ordinárias mais simplórias e aparentemente sem pertinência. Aspectos produzidos e manifestos no cotidiano de vida das pessoas são formas autênticas e legítimas de ser e estar no mundo. A cultura manifesta-se de maneira diversa em qualquer formação social ou época histórica. Um grande número de interações ativas, expressas através da oralidade e da memória, transmitem o passado do povo e tem potencial para modificar a história (CANNAVÔ, 2021, p.35).

Em 1964, Hoggart fundou, a partir do Departamento de Inglês da Universidade de Birmingham, o Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, o qual dirigiu até 1968. O CCCS (Centre for Contemporary Cultural Studies) foi o primeiro espaço institucional dos Estudos Culturais como disciplina acadêmica. De Birmingham saíram os primeiros professores e alunos da nova disciplina, que aos poucos foi sendo instituída nas universidades de vários países, inclusive no Brasil.

Seu primeiro número contemplou 16 páginas, aumentando depois para 20 com o passar dos meses. Próprio de seu tempo, foi um jornal inteiramente datilografado. Aguinaldo Silva (2016) fala sobre a dificuldade que era montar suas páginas, o trabalho físico era executado por ele e por Adão Costa.

As capas, bem como todas as ilustrações que estampavam as páginas, eram elaboradas a partir de recortes de imagens coladas cuidadosamente para que o formato saísse preciso na impressão. Assim, como marca de comunicação a procura pela diversidade de eixos temáticos o jornal buscava assuntos de grupos dissidentes por meio de suas capas ao trazer ainda que

poucas chamadas principais voltadas para outros grupos sociais. Thasio Fernandes Sobral sinaliza

Só para ter uma ideia os indígenas estamparam apenas uma capa, a da edição 8, com o título “Índios: eles eram puros, saudáveis e transavam numa boa aí chegou o homem branco e então”. As pautas relacionadas ao movimento negro, discriminação racial ou cultura negra também seriam escassas em suas chamadas principais. Das 38 edições, apenas a edição 15 (agosto, 1979), *Negros: qual o lugar deles?* foi voltada prioritariamente para a temática e a população negra. O número 10 (março, 1979) estampava *Minorias exigem em São Paulo: felicidade deve ser ampla e irrestrita*. As mulheres obtiveram um pouco mais de atenção aos olhos do mensário sendo a matéria principal de capa de quatro edições: na 3 (agosto, 1978), em *as Mulheres na redação*; na 11 (abril, 1979), sobre *Lesbianismo, machismo, aborto, discriminação: são as mulheres fazendo política*; na 12 (maio, 1979), que abordaria *Amor entre mulheres*; e, na edição 17 (outubro, 1979), sob o título *corre, que lá vem os home! Estão matando as mulheres* (SOBRAL, 2019, p.56).

Figura 6 - Índios e Mulheres



Fonte: 6 Edição nº 8 - à esquerda e Edição nº 3 - à direita

Ainda nessas publicações das chamadas para as matérias do editorial

Figura 7 -Capa - Lesbianismo, Machismo, Aborto e Discriminação



Fonte: 7 - Ano 1—Nº 11 de Abril de 1979

De início a capitalização para a circulação das matérias jornalística, era subsidiada por meio da ajuda de colaboradores que doaram algumas quantias em moeda. A organização era feita no modelo de tabloides⁸ consistia em um impresso altamente colorido e imagético, o que não deixava de fora a densidade dos textos que compunham as matérias.

O jornal tinha como suporte a veiculação e a funcionalidade de seus editoriais que eram permanentes como é o caso de “Cartas na Mesa”, onde a condução era feita da seguinte maneira: as cartas dos leitores eram publicadas e respondidas.

Para além disso, outras 07 seções também compunham: “Ensaio”; “Opinião” (com artigos variados); “Esquina” que era a parte que se preocupava em fazer a seguinte tarefa: reunir ou aglomerar todas as notícias, já o editorial “Reportagem”; “Literatura” (geralmente publicados poemas e contos);

A seção nomeada “Tendência” (divulgava obras culturais como livros, peças e exposições) quase que em sua totalidade era alguém do conselho editorial quem apresentava as matérias, mas ainda contava com a participação em algumas edições de colaboradores no caso homens e mulheres.

⁸ O termo tabloide designa um formato de jornal que surgiu em meados do século XX, no qual cada página mede aproximadamente 43 x 28 cm, as notícias são tratadas num formato mais curto e o número de ilustrações costuma ser maior do que o dos diários de formato tradicional. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/34715/1/Allan%20Douglas%20do%20Nascimento.pdf> acesso em: 13 de julho de 2022.

Nesse sentido, Pereira sinaliza que

A seção “Tendências”, por exemplo, presente em todas as edições anunciava o que de novo estava sendo produzido em diferentes manifestações artísticas no mundo todo. Embora os principais anúncios e convites se dessem sobre a temática homossexual, muitas outras enunciações estiveram presentes, como, por exemplo, a arte negra e a arte feminista. Geralmente a seção escrevia críticas sobre filmes, exposições artísticas, peças de teatro e livros. Havia um espaço dedicado à literatura, onde diversos poemas e contos foram publicados, como o poema “Distância” de Ulisses Tavares e sua crítica social: “O índio não pode caçar. O negro não pode falhar. O poeta não pode sonhar. O homossexual não pode amar. Das Minorias, nenhuma dessas (consolo e esperança) é aquela que decreta que a maioria não pode comer. (LAMPPIÃO DA ESQUINA, agosto de 1979, n. 15, p. 08).

A coluna “Bixórdia” contemplava diversas fofocas do mundo homossexual, o nome também era o nome da festa elaborada pela editora *Lampião da Esquina* para comemorar os aniversários do jornal e onde diferentes artistas, famosos e anônimos, agradeciam com suas belas e divertidas apresentações. Além destas seções fixas, em diferentes edições, números grandes de páginas foram ocupados por entrevistas com personalidades conhecidas no ambiente social e intelectual brasileiro.

Além dessas fontes, o jornal sempre abria uma brecha para informações culturais outras como, por exemplo, indicações de livros, exposições, shows e filmes; e, também, para a parte das entrevistas. A escala de produção dos conteúdos era feita pelos conselheiros editoriais e por convidados que variavam a cada edição. Inicialmente, o periódico estava mais preocupado em retirar o “gay” da margem social, oportunizando o discurso às minorias. Já em sua fase final se adaptara ao gueto e torna-se mais ousado, contendo até mesmo ensaios sensuais e abordando temas mais “polêmicos” para a época do que fazia em sua fase inicial.

Entre tantos outros nomes, concederam entrevistas ao jornal: o então presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, Luís Inácio Lula da Silva; o estilista renomado Clodovil Hernandez; os cantores Lecy Brandão e Ney Matogrosso; o jornalista e ex-militante do Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8), Fernando Gabeira; o teórico e ativista do Movimento Negro no Brasil, Abdias Nascimento; os escritores Cassandra Rios e Paulo Coelho; a feminista e reconhecida sexóloga Marta Suplicy; e as atrizes Norma Bengel, Zezé Mota e Rogéria.

Embora durante as entrevistas fossem abordadas diferentes questões 36 relacionadas a atuação profissional e militante dos entrevistados, geralmente eles eram orientados a falarem sobre a temática principal do impresso: as homossexualidades. Seu primeiro número chegou às bancas apenas como *Lampião*. Ao lado do nome havia a imagem simbólica de Virgulino

Ferreira, o cangaceiro Lampião que, segundo Aguinaldo Silva (2016), era o símbolo máximo do machismo no país. Essa combinação transmitia a ideia de que o jornal teria vindo para se posicionar através da sátira.

No entanto, mais que uma brincadeira, a mensagem principal era de posicionamento frente a questões latentes na sociedade da época, visto que “*Lampião da Esquina* foi o primeiro, em âmbito nacional, a abordar a questão da sexualidade, e principalmente da homossexualidade, além de lutar contra a repressão e o preconceito” (RODRIGUES, 2015, p. 90).

Na obra de Jesús Martín Barbero “Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia” o autor espanhol discutiu o conceito de mediações de estrutura, formas e práticas de vinculação.

Pensar a indústria cultural, a cultura de massa, a partir da hegemonia, implica uma dupla ruptura: com o positivismo tecnologista, que reduz a comunicação a um problema de meios, e com o etnocentrismo culturalista, que assimila a cultura de massa ao problema de degradação da cultura (BARBERO, 2015 p.137).

Chama a atenção no autor, sua preocupação com a história, os gêneros literários, atualizados no cinema latino- americano ou mesmo nas radionovelas traçadas em seu livro num panorama histórico e sociológico da cultura na América Latina, panorama esse que se converge sobretudo para um campo específico, a “cultura de massa”, lugar esse que surge como um todo homogêneo no qual se produzem a hegemonia e as lutas políticas no contexto do mundo contemporâneo envolvendo indivíduos, classes e grupos sociais.

A sexualidade sempre foi um tema muito debatido e explorado, quer de forma artística, quer pelo viés científico, nas produções humanas, quais são moldadas representações de acordo com tempo e espaço de uma determinada sociedade. Por meio de diversas práticas discursivas e sociais, a nossa sexualidade constituiu-se e permanece refazendo-se incessantemente. A relação com o nosso corpo e o gênero fazem parte de construtos culturais que são, entre outros fatores, incentivadores de dinâmicas sociais. Nessa perspectiva, consideramos que a sexualidade e os elementos que orbitam a sua volta são práticas importantes para se compreender o emaranhado das relações sociais em que estamos inseridos.

Esse momento histórico brasileiro é conhecido como período de parte da abertura, quando alguns segmentos da sociedade depararam-se com a possibilidade de questionamento, em diversos âmbitos públicos, e com a oportunidade de construção de novas formas de estar em sociedade. Dentre as inúmeras esferas sociais, destacamos o movimento homossexual.

Nesse cenário, entendemos a homossexualidade como uma parte da sexualidade humana sujeita a inúmeros questionamentos e estimuladora de movimentos em diversos âmbitos da sociedade, na condição de prática sexual-afetiva “não predominante”. Compreendemos esse segmento da sexualidade, para além da prática em si – relações sexuais-afetivas com pessoas do mesmo sexo –, mas como um segmento que aglutina pessoas que se identificam como homossexuais ou homoafetivas e, como tais, produzem movimento, cultura e política na sociedade, razões pelas quais escolhemos o objeto de análise desta investigação: *Lampião da Esquina*.

Assim, ao compreendermos o contexto da leitura de “Dos meios às Mediações” observamos também que o conceito de mediação se aplica a diversos universos sejam eles de grupos populares, produtores da indústria cultural etc., que Martín-Barbero denomina mediação se aproxima em muito ao que chamamos de relações sociais e culturais.

Consideramos que os jornais são instrumentos construídos em parte por grupos dominantes, no caso das grandes empresas midiáticas também em parte, por grupos minoritários, no caso dos jornais de bairro, ONGs, associações, coletivos e outros. Em ambos os casos, para atender a demandas ideológicas diversas, sedimentam-se, nas folhas do jornal, os seus objetivos e interesses, ou seja, interpretações da sociedade em que estão inseridos.

Não podemos considerar que os meios de comunicação são instâncias ligadas à obrigação com a verdade ou pelo menos com a vontade de se manter transparente. Nesse sentido, acreditamos na parcialidade dos meios de comunicação, já que essa obrigação para com a verdade assumida pela imprensa é construída e possui objetivos que visam desde o lucro a manter visões hegemônicas. Ademais, esses construtos midiáticos, quando entram em contato com o público e com ele interagem, são estimuladores de dinâmicas e promovem movimento em diversas esferas da sociedade.

Vivemos em uma sociedade que, há mais de duas décadas, vem sentindo o impacto da tecnologia da informação como ferramenta facilitadora de dinâmicas sociais, o que leva muitas pessoas a classificar o seu meio como a sociedade da informação ou sociedade do conhecimento. Manuel Castells (1999) alertou para o fato de que tanto a informação como o conhecimento sempre foram centrais nas sociedades historicamente conhecidas; o que é inovador são a praticidade e a popularização da microeletrônica, que, através das redes tecnológicas, possibilita novas capacidades para uma antiga organização social, que tem como base as redes. Portanto, vivemos em uma sociedade de redes de comunicação digital, que, de acordo com o autor, é a coluna vertebral da sociedade em rede do século XXI.

Com as mais crescentes transformações ocorridas no mundo contemporâneo principalmente com o início do processo da globalização se pode notar que as modificações no ambiente das lutas sociais, caracterizado pelo referencial de oposição “movimentos sociais versus Estado”; já que muitos problemas e reivindicações ultrapassam as fronteiras locais (SCHERER-WARREN,1998, p.17), e continuam ocorrendo só que numa escala transnacional.

Partindo desse pressuposto nota-se que a expansão da globalização trouxe uma maior fluidez principalmente das novas tecnologias da comunicação que possibilitaram os mais diversos grupos sociais de se expressarem de uma forma mais ativa, visto que como corrobora Manuel Castells (1999) as lutas coletivas da contemporaneidade apresentam movimentos sociais com uma estrutura cada vez mais horizontal e se “travam” também na rede.

Com esta pesquisa pretende-se refletir sobre a mídia impressa explorando sua condição como fonte de mediação e seu papel na esfera pública. Isto porque ambos nos remetem à discussão sobre o papel da mídia impressa nos processos de interações sociais, sejam eles constituídos no interior dos embates entre diferentes grupos sociais, sejam eles estabelecidos na relação destes mesmos grupos com o Estado instituído o qual visa debater e operar segundo a democracia vigente na sociedade.

Nesse aspecto sinaliza-se o que nos apontou Martín-Barbero:

Se democrática é uma sociedade na qual desaparecem as antigas distinções de castas, categorias e classes, e na qual qualquer ofício ou dignidade é acessível a todos, uma sociedade assim não pode não relegar a liberdade dos cidadãos e a independência individual a um plano secundário: o primeiro ocupará sempre a vontade das maiorias. E desse modo o que vem a ter verdadeira importância não é aquele em que há razão e virtude, mas aquele que é querido pela maioria, isto é: o que se impõe unicamente pela quantidade de pessoas. Dessa maneira o que constitui o princípio moderno do poder legítimo acabará legitimando a maior das tiranias (MARTIN-BARBERO, 1997, p.45).

Nesta abordagem, falar em mediação é falar de processos de constituição de sentidos e estes se dão nos processos de interações sociais, ou seja, na observação de objeto específico. Em função disto, tendo ciência das especificidades do objeto aqui selecionado, temos como aporte teórico de Martín-Barbero:

A comunicação e a cultura constituem hoje um campo primordial de batalha política: o estratégico cenário que exige que a política recupere sua dimensão simbólica- sua capacidade de representar o vínculo entre os cidadãos, o sentimento de pertencer a uma comunidade – para enfrentar a erosão da ordem coletiva (MARTIN-BARBERO, 1997, p.15).

Em um dos seus estudos o autor chegou ao conceito de Mediações, que seriam nada mais do que os lugares em que a cultura se concretiza, mudando o modo como os receptores absorvem a mensagem dos meios. Para ele, as mediações são mais do que a “intencionalidade comunicativa”, elas apontam as possibilidades interpretativas com as quais o receptor lida quando se apropria dos discursos da mídia, haja vista que não há recepção passiva dos expectadores.

Martín-Barbero entendeu que a mídia deve ser tomada no contexto das mediações, como parte integrante – e determinante – delas, já que as mensagens veiculadas pela mídia se transformam quando os receptores se apropriam delas. Devido às diferentes mediações vivenciadas pelos receptores, diversificados serão os sentidos que as mensagens irão ganhar. À medida que elas ganham novos significados, elas se desdobram em novas práticas e em novas ações. Dessa forma, Martín-Barbero e outros autores latino-americanos apostam a possibilidade de reelaboração dos discursos da mídia por parte das pessoas que compõem a sociedade, o que desmistifica o poder onipresente da mídia, sendo necessário investir nas possibilidades de ação – e não somente na reação – dos receptores e na construção de um saber coletivo.

Contextualizando um pouco essa pesquisa, a década de sessenta foi marcada por publicações voltadas para o público “gay”, sido representada bem antes disso em periódicos como o *Snob*⁹, de 1961 e o *Lampião de Esquina*, de 1978, entre outros de vida rápida e circulação restrita (LIMA, 2001).

Recentemente, vê-se interesse em temas que abordem a importância da mídia no processo de representatividade, e os veículos segmentados ganham eminência nesse contexto. A empatia causada em determinados grupos ao ver indivíduos com características próximas às suas ocupando posições e territórios específicos, principalmente nas formas mais tradicionais de manifestações midiáticas, traz o sentimento de pertencimento àquele nicho.

Porém, ao não se sentir representado, um indivíduo muitas vezes é classificado como fora do padrão, o que, em muitos casos, o leva a buscar encaixar-se artificialmente nos perfis representados.

Enquanto pilar das formas de organização política e social configuradas na modernidade, o jornalismo possibilitou que a garantia de visibilidade política se formasse a

9 De 1963 a 1969, O *Snob* totalizou 100 edições, em que se incluem duas extras e uma especial. A distribuição, de início entre amigos, com o passar dos anos ganhou repercussão na “comunidade entendida”, estando disponível nos pontos de encontro das “bichas”. De produção doméstica, mimeografado em papel ofício, veiculava fofocas, informações sobre locais de encontros sexuais, notícias de pessoas da rede e parcerias amorosas. Cinema, teatro e poesia também eram alvo de comentários e troças, bem como o que lhe deu origem: relatos de festas e concursos.. A única informação sobre sua circulação foi encontrada no n. 8, de 1964, que registra a distribuição de 30 exemplares. (COSTA, 2010).

partir da ideia de reconhecimento recíproco, ou seja, o “direito de ser visto e ouvido, uma vez que equivale ao direito de existir/contar social, política e culturalmente, tanto na esfera individual quanto na coletiva; das maiorias ou de minorias” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 35).

A ideia de visibilidade política não só perpassa o jornalismo, mas dialoga com a máxima pluralidade de fontes e de abordagens. Observa-se que na imprensa hegemônica, em especial a de cunho factual, jornalistas tendem a comportar-se de forma prática-moral (SÁNCHEZ-VÁZQUEZ, 1987), isto é, tomam decisões baseadas em problemas empíricos, levando em conta mais as consequências imediatas e objetivas de suas ações frente a si próprios, a seus pares e a outros atores influentes no processo de produção noticiosa, inclusive o público.

A naturalização de alguns desses problemas de ordem prática-moral, todavia, tende a transformar dilemas em rotinas, fator que inibe reflexões sobre o fazer jornalístico e impede que tais implicações sejam compreendidas por tais produtores, algo que merece ser instigado na formação acadêmica dos futuros profissionais.

O jornal passou a ter boa aceitação entre os homossexuais (LAMPIÃO, 2016) por ter inovado tanto em abordagens jornalísticas quanto em questões de linguagem. Além disso, acredita-se que *Lampião da Esquina* tenha conseguido combater alguns dos princípios da heteronormatividade, que é “a reprodução de práticas e códigos heterossexuais, sustentada pelo casamento monogâmico, amor romântico, fidelidade conjugal, constituição de família” (CALEGARI *apud* DARDE, 2008, p. 224), ou seja, os homossexuais querem o direito de viver sua sexualidade e não acabar com os homens, visto que seu desejo se orienta nessa direção.

Em “*Breve Histórico da Imprensa Homossexual no Brasil.*” Marcus Antônio Assis Lima (2001) constrói um panorama da imprensa alternativa no Brasil e destaca *Lampião da Esquina*, especialmente em sua fase inicial como marcante para a história da representatividade dos homossexuais na imprensa brasileira, pelo caráter politizado das reivindicações:

Pequenas notas contra os atos preconceituosos da sociedade eram constantes. Assim como ataques diretos a homófobos ou quem agisse de modo politicamente incorreto (embora não se usasse tal terminologia à época) em relação aos homossexuais. Já nos números finais, o jornal começou a publicar fotos eróticas, o que antes evitava. Com essa transferência do enfoque, *Lampião* perdeu a credibilidade, já que pornografia a indústria cultural produzia melhor e mais barato. Embora tenha durado pouco, o jornal marcou a imprensa brasileira pelo seu vanguardismo nas posições defendidas (LIMA, 2001, p. 24).

Também por uma perspectiva histórica, Carlos Ferreira (2010) voltou as atenções para o *Lampião da Esquina* como um jornal alternativo “crítico, pluralista e partidário”, que surgiu e desapareceu repentinamente durante o processo de redemocratização do país. O autor mencionou a questão da pluralidade trazida pela publicação, bem como o teor de denúncia que marcou a linha editorial do veículo. No entanto, destaca-se como essencial no trabalho o levantamento sobre as condições de distribuição das edições: por meio das cartas que eram publicadas, percebe-se que o produto era consumido em diversas cidades e regiões do país:

São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Campinas, Porto Alegre. E, também de cidades onde as dificuldades de circulação eram maiores como em Manaus no Amazonas, Ceará Mirim no Rio Grande do Norte, Teresina no Piauí, Campina Grande na Paraíba, Coronel Fabriciano em Minas Gerais, dentre outras (FERREIRA, 2010, p. 10).

Corroborar-se nesse sentido de pluralidade sob o conceito de massa com o que Martin-Barbero (1997, p.44) afirmou “Se antes situavam-se fora, como turbas que ameaçam com sua barbárie a “sociedade”, as massas se encontram agora dentro: dissolvendo o tecido das relações de poder, erodindo a cultura, desintegrando a velha ordem.”

Lampião da Esquina foi, aliás, o primeiro veículo segmentado voltado ao público homossexual com circulação nacional (MARIUSSO, 2015). E essa é uma das características que o colocam como essencial para a compreensão política e identitária dessas pessoas, o veículo serviu de bandeira para denunciar a violência contra esse grupo social. A ver:

A visibilidade dada aos homossexuais mortos e aos vivos por meio dessas matérias contribuiu para pensarmos que, para além das questões de um movimento de afirmação homossexual, ou de uma luta entre direita e esquerda, o *Lampião da Esquina* construiu e manteve a história daqueles que foram excluídos da sociedade por meio dela própria (MARIUSSO, 2015, p. 119).

Interessante observar sua importância na formação da identidade de grupos e políticas de visibilidade, que buscou traçar uma linha editorial que era atravessada pela construção pública de um lugar no Brasil da virada dos anos 1970 para 1980, de um sujeito homossexual, pelas implicações do uso de categorias de identificação como gay e pelo debate de se vincular ou não os “homossexuais” a uma política de visibilidade às “minorias” sociais como sinaliza.

Observa-se que, apesar da ausência dessas publicações hoje, *Lampião da Esquina* é entendido como um registro de um grupo que demonstrou a necessidade de ser ouvido e se manifestar. Já Rogério Reis dos Santos (2017) utilizou as narrativas da publicação que serve de

objeto de estudo a esta pesquisa para estudar a resistência do movimento homossexual durante o período da ditadura, considerando o veículo um rompimento com a imprensa censurada, já que Santos (2017, p.14) apontou que “se dirigia aos seus leitores de uma forma muito debochada, porém crítica e politizada, afrontando o regime militar e servindo de voz para reivindicar os direitos da comunidade homossexual”.

Além da questão da violência, Alexandre Magno Maciel Costa e Brito (2016) reforçou como o jornal trabalhou com pautas sensíveis em relação aos problemas enfrentados pelo grupo social, embora reitere que os avanços nas políticas públicas tenham sido singelos.

Ainda no escopo da história da imprensa, James Naylor Green (2000) alertou para a relevância do processo mundial de politização dos grupos homossexuais na consolidação da proposta editorial do *Lampião da Esquina*. Em meio a um contexto de crescimento do medo em relação à AIDS, popularizado durante o início dos anos 1980 pela imprensa sensacionalista, sobretudo, o jornal *Notícias Populares*, que produziu durante o período diversas reportagens depreciativas de grupo social. O trabalho destacou ainda o papel político dos editores do jornal, que participaram de conferências e congressos para discutir direitos do grupo social, bem como o papel homofóbico dos movimentos de esquerda (GREEN, 2000). Vale ressaltar que Green foi uma peça importante para institucionalizar o movimento.

Muriel Emídio Pessoa do Amaral (2013) também utilizou o *Lampião da Esquina* como objeto de estudo. No entanto, o foco do autor está nas representações do corpo masculino no periódico.

Dialogando com o discurso capitalista, os veículos homoeróticos seguiram essa linha de conduta para se firmarem nesse nicho de mercado editorial. A forma de visibilidade homossexual não perpassa necessariamente as questões de protesto e manifestação de ideologia como apresentou em alguma época o jornal *Lampião da Esquina*. Atualmente, há a apropriação dos valores capitalistas como o consumismo e formas de prazer, um movimento midiático que não se restringe apenas aos veículos homoeróticos, mas também em outras publicações independente da classificação de gênero ou identidade (AMARAL, 2013, p. 184-185).

Outra característica marcante das análises do *Lampião da Esquina* que perpassam as questões de visibilidade homossexual está no fato de que a publicação também atingiu grupos e abordou causas sociais ainda marginalizadas na época como, por exemplo, o movimento feminista. O empoderamento do grupo homossexual permitiu que outros grupos viessem a romper com as estruturas sociais e sentir também a necessidade de se manifestar e se concretizar enquanto identidade: “foi possível perceber como os editores defendiam e apontavam para a

necessidade de dar voz a outros grupos também marginalizados/discriminados como mulheres, negros e índios” (SILVA, 2017, p. 65).

Porém, ao não se sentir representado, um indivíduo muitas vezes é classificado como fora do padrão em muitos casos isso o leva a buscar encaixar-se artificialmente nos perfis representados. A partir da ilusão de uma representação, Spivak (2010) apresentou dois interessantes conceitos. Em *vertretung* (falar por) o intelectual busca assumir o lugar do Outro, principalmente em discursos políticos. Já o *darstellung* (representar), predominante no espaço artístico e filosófico, ocorre um ato de performance do subalternizado por parte dos intelectuais. Em ambas as relações, presume-se uma relação dialógica entre falante e ouvinte. No entanto, como o subalterno não está incluso neste diálogo, ele acaba não possuindo agência de fala. Mesmo quando ocorre uma autorrepresentação, este diálogo não se realiza, devido ao fato de sua voz ser ignorada.

O sujeito subalterno não é visto como alguém que detém uma consciência representativa. Por outro lado, entre a cruz do Sujeito de desejo e poder, e a espada do Sujeito oprimido, o intelectual recusa ambas as categorias, acreditando piamente em sua transparência. Mas na verdade, o intelectual pós-colonial, falando ou representando seu “aliado” subalterno, acaba tornando-se um explorador da divisão internacional do trabalho (SPIVAK, 2010). Para solucionar o problema deste imperialismo epistêmico, Spivak (2010) sugere que o intelectual deve trabalhar contra a subalternidade, criando espaços para que o subalterno possa falar.

Portanto, percebe-se que o veículo é considerado o primeiro meio impresso brasileiro a retratar o ponto de vista dos homossexuais sobre diversas questões, inclusive a sexualidade. O jornal passou a ter boa aceitação entre os homossexuais (LAMPIÃO, 2016) por ter inovado tanto em abordagens jornalísticas quanto em questões de linguagem. Nesse contexto, O *Lampião da Esquina* apresentou-se com o objetivo de contestar, desmistificar e levantar pautas até então pouco debatidas na sociedade, de forma autêntica e inteligente.

Buscou-se durante esta pesquisa compreender, mediante uma breve e sucinta revisão bibliográfica o olhar e as estratégias narrativas, discursivas e visuais utilizadas na publicação que foram capazes de criar engajamento.

Entende-se que a iniciativa obteve sucesso editorial durante o período de existência justamente por ter se tornado um espaço de representação identitária para os homossexuais. Esse contexto só foi possível, no entanto, devido a uma combinação da abertura política e das consequências da multiplicação e dispersão das sexualidades. O resultado disso se apresenta quando, por exemplo, se percebe pela análise das capas que houve predominância de temas

voltados a questões de moral e comportamento e, também, política, responsáveis por dois terços das abordagens trabalhadas nas manchetes e chamadas do período analisado.

Observa-se que parte da abertura política e as mudanças culturais da época expuseram contradições entre o jornalismo alternativo promovido pelo *Lampião da Esquina* e parte dos ideais do espectro político da esquerda – mais próxima, por essência, dos projetos de jornalismo alternativo no período. Outro ponto importante e que vai em encontro à revisão bibliográfica está no fato de que, ao apelar para a linguagem mais coloquial, escrachada e cômica, o jornal desmistificou e escrachou as formas de violência contra os diversos grupos sociais tais como, das mulheres, dos indígenas, negros, gays etc.

Dessa maneira, entende-se que o *Lampião da Esquina* utilizou em suas capas estratégias narrativas, discursivas e visuais que, de certa forma, desvendavam as mais diversas formas de diversidades, entendidas aqui como um processo de estigmatização de pessoas que não partilham do padrão de sexualidade hegemônico, resumido, conforme Darde (2008), a partir do casamento monogâmico, no ideal romântico de amor e na constituição idealizada de família com um núcleo constituído por uma relação heterossexual.

Movido com uma forte insurgência e engajamento político nas questões de Gênero no Brasil, o *Lampião da Esquina* tornou-se referência nas discussões sobre questões de gênero na década de 1970. Nesse contexto, em meio a efervescência da ditadura militar, a chamada esquerda brasileira engajou-se na disputa que envolvia uma série de questões sociais e políticas. Entretanto, partindo-se das reportagens do periódico, as ações da esquerda da época, referentes às demandas LGBT, poderiam ser questionáveis causando tensões no período em que ele era impresso. A maior parte da esquerda hoje atua na defesa das liberdades sexuais e contra as opressões de gênero. Contudo, por meio dessa análise, observou-se que as causas LGBT foram as últimas a serem entendidas como questões políticas pela esquerda da época.

Ao parafrasear as ideias de Renan Quinalha (2021), o estalinismo tinha uma linha moralista que dominava o campo progressista a época, principalmente em Cuba e na China. A revolução social brasileira não passava pela revolução sexual, ainda que estivesse no discurso progressista, esses grupos enfrentaram a homofobia. Apenas no final da década de 1970 foi aberta esta discussão sobre a sexualidade dissidente pelo movimento trotskista conhecido por Convergência Socialista (CS) bastante atuante com os grupos de esquerdas sendo fundada em 1978 pela liga operária que atuou na construção do Partido do Trabalhadores (PT).

A CS foi a primeira entidade da esquerda da esquerda socialista a abrir espaço para a auto-organização dos organização dos homossexuais como um embrião

daquilo que mais recentemente tem sido compreendido como setoriais LGBTs dentro dos partidos políticos.

Nesse ensejo, o *Lampião* na ótica de Aguinaldo Silva “era um jornal de esquerda na medida em que questionava o status quo e o status quo era a ditadura de direita” (SILVA, 2016).

Embora houvesse essa afirmação, se fizermos uma análise geral o jornal também fazia questionamentos ferrenhos e constantes quanto as ações que eram investidas pela esquerda tradicional. Esse exemplo pode ser percebido quando a publicação da edição de número 02, de julho de 1978, faz a narrativa sobre o encontro do Movimento da Convergência Socialista. Nesse contexto, João Silvério Trevisan faz um desabafo ao referir-se ao ensaio “Estão querendo convergir. Para onde?”

De 24 a 30 de abril aconteceu a Semana do Movimento de Convergência Socialista, organizada pela Revista Versus, visando a elaboração da plataforma de um possível Partido Socialista Brasileiro. Discutiram-se problemas como Anistia, Constituinte, Liberdades Sindicais e a necessidade de um Comando Geral dos Trabalhadores. [...], mas o que houve realmente de inesperado foi a inclusão, no temário, dos problemas relacionados com as chamadas “minorias” (denominação comumente empregada para caracterizar grupos cuja opressão não depende exclusiva ou diretamente da produção voltada para o lucro): mulheres, negros, índios e homossexuais. [...] A palavra homossexual só foi pronunciada uma única vez: o presidente sussurrou-a e quase se engasgou como se dissesse um palavrão... Já nas reuniões preparatórias, a inclusão de um homossexual na mesa [...] provocou protestos, um determinado grupo, inclusive, ameaçou retirar-se caso isso se efetivasse. [...] A repressão sexual da esquerda patriarcal é um fato a ser denunciado. [...] Acho que os ventos ainda não foram suficientes para dissipar a desconfiança quanto às intenções meramente eleitoreiras do populismo (agora disfarçado?) que virou à esquerda brasileira (LAMPPIÃO DA ESQUINA, julho de 1978, n. 02, p. 09).

Ao corroborar com essa ideia João Lenon Siqueira Pereira reforça que

Com críticas à direita e à esquerda¹⁰, a escrita jornalística de *Lampião* não se furtou ao enfrentamento na defesa dos grupos que pretendia representar. Nesta mesma reportagem e em várias outras publicações questionou a falta de representatividade de gays, mulheres, negros e indígenas em eventos considerados ou que pretendiam ser inclusivos. Falou sobre o preconceito em suas diferentes formas e atuações e apontava publicamente os culpados e, ao que parece, não importando-se em que lado do jogo político se encontravam.

¹⁰ No livro *Revolucionário e Gay: a vida extraordinária de Herbert Daniel*, James Green (2018) narra como a homossexualidade era condenada pelas esquerdas. A partir da biografia do revolucionário e exilado político brasileiro, o autor aponta como sua orientação sexual era “escondida” para que pudesse participar de organizações comunistas. Escreve que “em muitos aspectos, este foi o primeiro exílio de Herbert – não em outro país, mas num mundo interior no qual mantinha seus desejos sexuais escondidos das pessoas que o cercavam” (GREEN, 2018, p.40).

“O namoro dos gays com a esquerda não era correspondido” (SILVA, 2016) apud PEREIRA (2020). Mas não apenas os homossexuais não conseguiam “namorar” a esquerda brasileira, outras minorias também tinham suas falas invisibilizadas dentro das discussões políticas sob a alegação de que estariam causando divisionismo em uma “luta maior”. Isso acontecia, especialmente, quando acionados aos debates marcadores como sexo e raça, ou seja, organizações como o movimento feminista e o movimento negro dispunham de espaços reduzidos no seio das discussões, o que causava inúmeras tensões (PEREIRA, 2020, p. 52).

De todas as reportagens elencadas, talvez uma das mais contundentes se refira à entrevista com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (Lula), de 1979, na chamada “Alô, Alô, classe operária: e o paraíso, nada?”, páginas 9 a 11. Nesse sentido, a ideia era de que os homossexuais seriam produtos da decadência da burguesia, e totalmente descartados e sobretudo incapazes de agregarem-se na “luta maior”, uma referência a luta de classes. Em certo ponto da entrevista, Lula afirma: “Homossexualismo na Classe Operária? Não conheço. Feminismo? Eu acho que é coisa de quem não tem o que fazer” (LAMPPIÃO, 1979, p.10)

Ao fazer uma paráfrase, em sua análise João Silvério Trevisan (2002) vai perceber que no processo decorrente a época mais severa da ditadura militar houve um crescimento exponencial do movimento de esquerda, marcado por todos os que se colocavam contra ao regime militar. Contudo, com a ampliação dessa corrente política, questões gerais relacionadas à estrutura da sociedade brasileira, que relega as margens homossexuais, mulheres e negros, constroem a ideia de minorias, referindo-se a temas considerados específicos e menores, a serem trabalhados após a revolução socialista além de que uma notável parte da esquerda de forma direta estava vinculada aos movimentos populares católicos, o que nesse sentido fica claro que esse ajuntamento pode ter influenciado a postura de invisibilidade além de fomentar a prática da homofobia.

Figura 8 - Capa com Lula na primeira página



Fonte: 8 - Capa do Lâmpião da Esquina ano 2 nº14, de julho de 1979

"Homossexualismo na classe operária? Não conheço." (Luís Inácio da Silva, o Lula) "Viado aqui no ABC? Tem, sim. Só que eles dão duro igual a nós." (João Borges da Silva, operário) 'Lula, o metalúrgico? Não, esse eu não conheço. Mas manda ele falar comigo...' (Emanuel Alves da Conceição, a Claudete, "operário honorário" do metrô carioca). A notícia da existência, nos gordos arquivos da Escola de Comunicações da Universidade de São Paulo, de uma tese "provando" que não há homossexualismo na classe operária, estava há alguns meses atravessada em nossas gargantas. Seriam os homossexuais produtos (ainda que bastardos) da decadência burguesa, e, como tal, incapazes de se alinhar com os movimentos de vanguarda desse país? Sempre de olho na tese da USP, fomos ouvir "o outro lado da questão" - os operários do ABC, além dos que estavam mais próximos de nós, o pessoal da construção civil, no Rio. E _apesar da posição um tanto PSD adotada pelo metalúrgico Lula sobre o assunto constatamos que não só há homossexuais proletários, como também que a classe operária se revela, em relação ao assunto, menos preconceituosa que certos setores da inteligência nacional, a qual, por sinal, concorda inteiramente com o dono da Metais Vilares: operário deve ganhar mais, para produzir melhor. Mas - perguntamos nós -, e o prazer, como é que fica? (O LAMPPIÃO DA ESQUINA, 1979, p. 9)

Figura 9 - Lula: além de tudo um símbolo sexual?



Fonte: 9 -Lampião da Esquinaano2 n°14, de julho de 1979

O ano de 1978, que marca o pontapé inicial do jornal foi também o momento que se cristalizou de forma concreta o Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR), que depois viria a ser chamado de Movimento Negro Unificado (MNU). Seu advento fora um marco histórico para a trajetória do Movimento Negro no Brasil e acolhido com muito entusiasmo pelo jornal que naquele momento, corria atrás de manter contato e assim propagar mediante as vinculações das matérias as causas das lutas políticas travadas pelos negros a partir desta organização.

É notável perceber que desde a primeira edição contemplada do *Lampião da Esquina* o anseio de, também, construir uma relação com a minoria negra era algo a ser considerado relevante quando a partir de seus escritos se percebe as abordagens de matérias referentes a grupos oprimidos que encontrariam voz e espaço no jornal. Porém, essa aproximação ainda que mantida de forma tímida diferente do que aconteceu, por exemplo, com as mulheres, não fora estreitado logo de começo o que não significa uma omissão do jornal em deixar de informar sobre o tema.

Algo importante a ser notado nesse sentido é a forma como a edição de agosto de 1979, com a manchete “De bicha, negro e louco todos nós temos um pouco” na qual o ativista da causa negra, Abdias do Nascimento, é capa e traz o relato de uma intimação que o jornal recebeu do Dops (Departamento de Ordem Política e Social) sob o título "pra que tanto medo?". O artigo ilustra bem o momento político e a pressão sofrida pela imprensa.

Dia 10 de julho. Um dos lampiônicos, ao chegar à sede do jornal, encontra o envelope com o timbre do Serviço Público Federal. Dentro dele, endereçado ao "Ilmo. Sr. Diretor do Jornal Lampião da Esquina", a "solicitação" do

'delegado responsável pelo IPL 25/78-DOPS", enviada pelo Departamento de Polícia Federal.: "Senhor Diretor, a fim de instruir inquérito policial que ora tramita nesta Regional, solicitamos a V. Sa se digne determinar providências no sentido de fazer apresentar nesta DOPS, sita a Avenida Rodrigues Aires 01, 2º andar, centro, no dia 13 de julho próximo, às 15 horas, o Tesoureiro eu pessoa encarregada da contabilidade relativa à movimentação do jornal LAMPIÃO DA ES. QUINA, munido das respectivas escriturações ou balancetes relativos aos meses de janeiro a maio de 1979 (LAMPIÃO, 199, p.5).

A redação do *Lampião da Esquina* recebeu Abdias com muito entusiasmo com o objetivo de fazer de sua atuação no jornal a pauta sobre a questão negra em suas publicações. No mês de agosto do ano de 1979, Abdias Nascimento ocupou grande parte do número do jornal, visibilidade essa que pode ser verificada já na capa da edição número 15.

Figura 10 - Capa com Abdias Nascimento



Fonte: 10 - *Lampião da Esquina* ano 2 nº 15 agosto de 1979

A presença de Abdias Nascimento no jornal não surgiu de forma ocasional, assim torna-se necessário compreender o motivo do porquê da concessão da entrevista. De forma prévia antes mesmo desse importante encontro, o *Lampião da Esquina* era taxativo ao exigir e questionar a presença maciça dos negros, afinal por onde andariam os negros que não apareciam para jornal? João Carlos Rodrigues no mês de julho daquele ano já perguntava em reportagem.

“E o negro é ‘beautiful’?”. Assim a causa estava posta: “a forma de luta adequada ainda não surgiu.”(LAMPIÃO DA ESQUINA, julho de 1979, n. 14, p. 08).

A esperada e importante entrevista com Abdias foi explicada por João Carlos Rodrigues e Silvério Trevisan para o jornal *Lampião da Esquina*. Rodrigues expõe as razões:

O Abdias como um líder muito radical e muito influente, se o Abdias não quisesse ou se o Abdias não desse o aval, digamos assim, iria prejudicar muito a aproximação entre os lados. O Abdias foi um ato de inteligência política não só do *Lampião* quanto do Abdias. Ele não teve nenhum problema, não mostrou o menor preconceito, entendeu? Foi uma entrevista (LAMPIÃO, 2016).

João Lenon Siqueira Pereira corroborou:

E Trevisan complementa afirmando que “era muito importante, [...] levava a uma discussão política semelhante à questão da homossexualidade” (LAMPIÃO, 2016). A apresentação que o jornal faz da reportagem (entrevista) detalha os precedentes deste encontro. “Esta foi a mais catimbada de todas as entrevistas que nós fizemos.” (LAMPIÃO DA ESQUINA, agosto de 1979, n. 15, p. 10). O Instituto de Pesquisas da Cultura Negra teria decidido procurar o jornal após a leitura do artigo “E o negro é beautiful?”. O próprio autor do texto, João Carlos Rodrigues era amigo de Abdias e “procurou-o para falar do LAMPIÃO e de nossa intenção de abrir espaço para todos os ‘grupos estigmatizados’.” (Idem, p. 10). (PEREIRA, 2020, p.163).

Interessante notar que na capa do jornal a chamada da mensagem: “Democracia racial é o governo da minoria branca” mostra o quanto Abdias se preocupava com a questão negra no Brasil, ao tecer uma crítica de cunho politizado em suas ideias, assim no processo das entrevistas. O *Lampião* deixou evidente a satisfatória fala de Abdias como um sujeito de aguçada visão que, mesmo diante de tantas questões, respondeu todas totalizando um número de três páginas no tabloide, alguns polêmicos e incisivos argumentos tocou em pontos relativos a Igreja Católica e seu lado paternal, a negligência dos partidos de esquerda em invisibilizar o agenciamento do negro, para Abdias as forças progressistas no Brasil, para o negro, sempre foram muito direitistas: “[...] a maioria da esquerda também está identificada com as forças mais reacionárias em matéria de coisa negra. E nela o preconceito é mais difícil de combater, porque tem sempre esse charme de que são progressistas etc.” (LAMPIÃO DA ESQUINA, agosto de 1979, n. 15, p. 11).

E nesse contexto, como conscientizar a sociedade a respeito das causas da negritude? Para Abdias isso equivale a dizer sobre um movimento que se caracterize como transparente, autêntico e original capaz de reconhecer a questão racial ao ponto de estar desenraizada de outras vertentes como o marxismo visto que “eles estão sempre falando no problema do negro,

mas de um negro subordinado; nunca reconhecem a legitimidade da nossa luta” (LAMPPIÃO DA ESQUINA, agosto de 1979, n. 15, p. 11). E assim infere-se que em todas as identidades estão a classe comanda pelo macho branco.

Pereira (2020, p. 168) salientou que

A disponibilidade de Abdias foi explorada, também, para que opinasse sobre um assunto caro ao jornal *Lampião da Esquina*: a luta de todas as minorias e, a luta dos homossexuais, principalmente. João Carlos Rodrigues pergunta: “devem agir juntos?” e Abdias completa: “Claro! Às vezes os objetivos não coincidem. Mas no geral, no sentido da repressão, sim. E então o ideal é que trabalhem juntos contra ela” (LAMPPIÃO DA ESQUINA, agosto de 1979, n. 15, p. 12).

O *Lampião da Esquina* trouxe uma grande visibilidade a cantora Lecy Brandão. Talvez tenha sido a pessoa negra com mais abordagens nas páginas do jornal, e isso se concretizou sobretudo, pelo fato de Lecy ser lésbica e negra além de representar a “Música Popular Brasileira (LAMPPIÃO DA ESQUINA, novembro de 1978, n. 06, p. 10).

Essa é a questão que mais parece interessar aos editores quando entrevistaram a cantora ou quando escreveram sobre ela. Porém, mesmo que a questão negra não fosse o foco na maioria das publicações sobre Lecy, ela apareceu imbricada no interior das discussões. A cantora lembrou quanto foi difícil aparecer nas páginas do jornal. À época, compositora da Mangueira, foi duramente criticada por pessoas que levaram o *Lampião* aos dirigentes da escola de samba cobrando explicações pelo fato de ela ter concedido entrevista a um jornal que “era discriminado”. “Você dar entrevista para o *Lampião* era um negócio que era muito complicado.” (BRANDÃO, 2016).

Entre diálogos e permissões, *Lampião da Esquina* foi aos poucos aderindo às questões raciais, direcionando um outro olhar para a população negra diferente daquele estigmatizado através de uma discriminação histórica. Nas edições em que a temática negra surgiu, ela é apresentada a partir de diferentes abordagens, mas todas, sem exceção, tocam de alguma forma no racismo como um mal a ser combatido.

2. “Saindo do Gueto” - O debate dos direitos humanos e marcadores da diferença na imprensa e imprensa alternativa

Esse capítulo tem por objetivo mostrar o tipo de imprensa ao qual o *Lampião da Esquina* manteve uma aproximação bem como faz um relato sobre imprensa alternativa e imprensa ligada ao LGBT ao mesmo tempo que dinamiza o debate dos direitos humanos e marcadores da diferença.

Nos anos obscurantistas e altamente repressivos do contexto da ditadura militar (1964 – 1985), a imprensa alternativa fez o serviço de oposição ao autoritarismo empregado pelo Estado, trazendo um debate de temas importantes para grupos sociais minoritários e sem o devido espaço nas mídias tradicionais além disso, vítimas de perseguição e morte. Assim, muitos periódicos vieram à tona, nasceram e morreram no período, como foi o caso do *Lampião da Esquina* (1978 – 1981), um jornal condizente com a causa homossexual, mas que também pautava outras questões, entre elas a racial e a feminista. Trata-se, portanto, de um produto político de caráter importante para a memória e os estudos sobre a homossexualidade em tempos antidemocráticos.

Se no século XXI, após diversas investidas, lutas com suor e sangue e reconhecimentos, a homossexualidade sofre preconceito, no contexto e cenário da ditadura militar a perseguição e a opressão era não apenas uma ameaça, era uma “caça” que parecia não ter fim se tornando uma repressão constante. Assim, a apropriação de palavras como “Bichas” e “lésbicas” eram termos pejorativos utilizados principalmente pela polícia truculenta e repressiva, não tinham praticamente em nada seus direitos civis reconhecidos. Tudo o que se manifestasse em desfavor aos interesses do regime autoritário era sinônimo de disparate e imoralidade, assim toda forma de comportamento fora do padrão heterossexual estabelecido era considerada uma transgressão contra a moral e os bons costumes, pautados sobretudo pelo apoio da religião.

O *Lampião da Esquina* nasceu através da ação de jornalistas e intelectuais homossexuais descontentes com a representatividade homossexual que dispunham na imprensa brasileira. A ideia de criar um jornal “homossexual” partiu do jornalista João Antônio Mascarenhas que convidou outros jornalistas homossexuais para executar a tarefa (SILVA, 2016). Tomados pela influência de leituras de jornais estadunidenses como foi o caso de *Gay Sunshine* bem como também do conhecimento pessoal do diretor do jornal *Winston Leyland* que estava em visita ao Brasil, o grupo então decidiu criar uma publicação semelhante ou um pouco vamos dizer

parecida onde as vozes homossexuais e seus múltiplos anseios fossem expostos ao público leitor do país (LAMPPIÃO, 2016).

Assim, Pereira afirma que

No mês de abril de 1978, chegou às bancas do Brasil dentro do contexto e de uma edição experimental, o jornal que causaria euforia e alegria em alguns e ao mesmo tempo incômodo e desconforto em tantos outros nos três anos seguintes. O pontapé inicial então foi com a edição publicada de número zero, com o conselho editorial formado pelos jornalistas: Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata e João Antônio Mascarenhas, pelo crítico de cinema Jean Claude Bernardet, pelo cineasta e escritor João Silvério Trevisan, pelo artista plástico Darcy Penteado e pelo antropólogo inglês Peter Fry (PEREIRA, 2020, p. 34).

Os editores e jornalistas escrevem no momento da redemocratização, nesse contexto temos mudanças na tentativa de abrandar o regime autoritário mas ele não acabou, temos dentro desse contexto também a greve de 1979, a luta por direitos humanos de maneira geral, a afirmação do movimento feminista, do movimento LGBT, então o Lampião é mais que um jornal preocupado com a homossexualidade, como um todo está envolvido e enfrentando uma perspectiva da margem contra um regime da caserna pela liberdade de expressão de mulheres, negros, indígenas entre outros.

Sentir que estamos trabalhando para a construção de um mundo melhor, onde os direitos humanos e os das minorias, sejam respeitados, pois o assumir se constitui um ato essencialmente político, através do qual o indivíduo reconhece-se como integrante de um grupo oprimido, primeiro e indispensável passo para lutar contra a opressão. Evidentemente, quem teme defender-se, pelo receio de identificar-se, não se encontra preparado para fazer-se respeitar. [...] (LAMPPIÃO DA ESQUINA, julho de 1978, n. 02, p. 02)

Nesse sentido vale destacar que ao observar no decorrer da pesquisa algumas das tantas produções realizadas acerca do jornal Lampião e as diferentes contribuições que proporcionam, percebi de forma visceral uma lacuna ou uma ausência de uma pesquisa que contemplasse o jornal para além das homossexualidades sendo notória uma quase inexistência nas produções existentes de novas investigações sobre outros indivíduos colocados à margem da sociedade. Portanto, ao analisar num contexto mais abrangente as produções do editorial existia a presença marcante de outros sujeitos, classificados inclusive pelo próprio jornal como “minorias” que se faziam presentes em suas páginas.

Assim, foi com essa visão e com esse refinamento que procurei delimitar uma nova problemática da pesquisa ao fixar o olhar para estes outros sujeitos que não aqueles pertencentes aos gêneros dissidentes¹¹, então de que forma as mulheres e num espectro mais amplo o movimento feminista, os negros e as populações indígenas foram representados no jornal nos anos em que ambos os movimentos sociais se organizavam publicamente na luta por direitos.

De que modo estas minorias, que não as representadas por homossexuais, surgem no interior das páginas? Quais os tensionamentos aflorados ao se formar uma representação sobre elas? E quais as temáticas que protagonizaram as discussões a respeito desses grupos? Um jornal que pretendeu, desde seu início, “dar voz a todos os grupos injustamente discriminados – dos negros, índios, mulheres” (LAMPPIÃO DA ESQUINA, abril de 1978, n. 0, p. 02), tem muito a revelar sobre sua própria identidade e sobre as relações a partir dele construídas.

Os jornalistas que estavam diretamente ligados à criação do jornal tinham como objetivo inicial desde o seu número experimental – número zero –, fazer-se “representar” enquanto homossexuais. Porém, embora essa fora a batalha mais árdua a ser travada pelo grupo do conselho editorial e colaboradores, nas próximas edições o espaço aberto ao debate sobre outros sujeitos e as discussões relacionadas a outros grupos foi gradativamente aumentando. Nesse caso esses grupos, cujas causas das lutas por direitos e as reivindicações tomavam fôlego nos textos do jornal, foram intitulados por “minorias”. À medida que movimentos distintos se organizavam na esfera pública na luta por direitos no contexto da abertura política do país agregando diferentes planejamentos e projetos no que diz respeito a mudança social as suas exposições foram sendo acompanhadas de perto pelo tabloide.

Os editores afirmam que Lampião

[...] apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico-cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz. [...] o que LAMPPIÃO reivindica em nome dessa minoria é não apenas se assumir e ser aceito – o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negaram: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal. (LAMPPIÃO DA ESQUINA, abril de 1978, n. 0, p. 02).

¹¹ A palavra dissidente, aqui, refere-se aos sujeitos que não contemplam às normas de gênero e sexualidade hegemônicas.

Assim quanto à exposição dos sujeitos esse seria o desejo do jornal, e nesse momento é importante compreender que tanto os sujeitos homossexuais quanto outros sujeitos desprovidos de reconhecimento étnico, racial etc. estão inseridos no contexto também de minoria e que, por serem oprimidos e rechaçados pelo sistema hegemônico ao ter os seus direitos negados mediante violências físicas ou simbólicas são merecedores do direito a igualdade e ao direito portanto de voz, portanto são seres humanos com direito de lutar.

Dessa forma, podemos compreender que no aspecto do tecido social as minorias perdem as suas humanidades, como exemplo dessa desqualificação podemos observar inclusive no mesmo exemplar a reportagem com a chamada: “Lontras, piranhas, ratos, veados e gorilas, atenção: vocês também têm direitos (A ONU decidiu)” (LAMPPIÃO DA ESQUINA, abril de 1978, n. 0, p. 11).

No interior do texto, o conceito de minoria:

[...] a simples Declaração dos Direitos do Animal já é um ponto de partida. Graças à ela, eles se tornam a mais exótica de todas as minorias (e LAMPPIÃO reafirma aqui o seu conceito de minoria: é um grupo sobre o qual a sociedade repressiva mantém seus tacões, mesmo que ele não seja minoritário, como as mulheres, por exemplo) a ver levantada a bandeira da luta por seus direitos. (LAMPPIÃO DA ESQUINA, abril de 1978, n. 0, p. 11).

Os autores Alison dos Santos e Carin Klein (2021) sinalizam que a primeira reportagem da seção “Opinião”, da edição de número 0, chamada “Saindo do Gueto”, de autoria do Conselho Editorial do jornal, diz o seguinte:

É preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanos e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter.[...] Lampião reivindica em nome dessa minoria anão apenas se assumir e ser aceito –o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal. [...] Nós pretendemos também ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias. Falando da discriminação, do medo, dos interditos ou do silêncio, vamos também soltar a fala da sexualidade no que ela tem de positivo e criador, tentar apontá-la para questões que desembocam todas nesta realidade muito concreta: a vida de (possivelmente) milhões de pessoas (LAMPPIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 2).

Segundo as ideias de Santos e Klein ao fazerem a leitura sobre esse excerto podemos verificar um enunciado ainda proferido atualmente, que se refere

a dar “voz a todos os grupos injustamente discriminados” e que convoca de modo imperativo, os/as leitores/as a sair do “gueto”, a “destruir uma imagem padrão” e “soltar a fala” para as diferentes formas de viver o gênero e a sexualidade. O gueto é acionado como o local onde os grupos minoritários, discriminados, ignorados e excluídos são obrigados a povoar, ficando à margem de outros integrantes da sociedade. O texto prossegue, ressaltando a humilhação e as privações que uma/a homossexual vivia no período em questão, necessitando ficar recluso, às sombras (ou no armário), em razão da sua sexualidade. O argumento construído no editorial coloca em xeque os processos vigentes e normalizadores para viver o desejo e a sexualidade, evidenciando o caráter dinâmico e disputado dos saberes e compreensões em torno do gênero e sexualidade (SANTOS & KLEIN, Carin, 2021, p.9).

Nesta mesma direção, na edição de número 0, o Conselho Editorial, na pessoa de Aguinaldo Silva (SILVA, 1978, p. 5), informa que a ausência de mulheres na redação da publicação não ocorreu de modo premeditado, que diversos convites foram feitos para diversas mulheres escritoras, no entanto, todos foram recusados. Neste sentido, na edição de número 1, a reportagem intitulada “Nossas Gaiolas Comuns”, têm a autoria creditada apenas ao nome feminino de Mariza, cujo nome não estava listado entre os colaboradores da edição anterior. Mariza inicia o artigo entoando um verdadeiro convite para que o leitor se integre à luta e à resistência, não apenas de suas próprias conquistas, mas que os/as leitores/as também se alienem prol dos interesses de todos os grupos excluídos:

As lutas das mulheres, dos negros, dos homossexuais, dos índios, dos prisioneiros –categorias historicamente silenciosas –têm nos ensinado que a História tem sujeitos e objetos, aqueles que falam e aqueles de quem se fala, mas também que os sujeitos variam ao longo deste processo. Estas lutas têm ainda nos ensinado que o conhecimento pode ser sinônimo de poder e que a fala torna visíveis questões concretas, mas não reconhecidas, não registradas, portanto, sem existência histórica. Essa fala, no entanto, ao mesmo tempo em que é revolucionária, é conservadora por ser parte de uma linguagem, desta mesma linguagem que por tanto tempo manteve invisíveis as categorias de pessoas que agora começam a tentar um autorreconhecimento tentando afirmar-se como sujeitos de sua própria história (LAMPIÃO, 1978, p. 2).

O texto segue questionando acerca da luta de homens e mulheres homossexuais, que embora possuam suas especificidades no que se refere às causas, necessitam conquistar reconhecimento amplo das diferenças, sem que isso implique a produção de desigualdades entre os diferentes grupos.

A autora argumenta que a resistência contra a opressão é uma das lutas mais antigas das sociedades humanas e que no transcorrer da história tem assumido variadas formas e nomes. Neste sentido, infere que uma das primeiras tarefas a realizar é seguir reivindicando a quebra de paradigmas e estigmas que inferiorizam os homens e as mulheres homossexuais, dando visibilidade àquilo que muitos/as são ensinados/as a silenciar, esconder e deixar nas sombras.

Isso significa nomear, dizerem voz alta o que todos já conhecem, mas preferem silenciar a respeito da homossexualidade. Significa difundir e disseminar os conhecimentos possíveis, acerca dos homens e mulheres homossexuais, suas existências, desejos, necessidades, projetos, criações, garantindo direitos enquanto seres humanos individuais e sociais. Nessa perspectiva, “Gaiolas comuns” torna-se uma luta que deveria ser comum a todos/as, de habitar lugares possíveis, legítimos para viver, circular, amar, ser respeitado/a, mas que necessita ganhar espaço, romper as grades.

Bom ainda contextualizando esse pensamento sobre as reflexões e as experiências das pessoas subalternizadas inseridas no cenário da cultura hegemônica, cabe destacar aqui a noção sobre interseccionalidade ao que diz respeito aos marcadores da diferença. Desse modo, apresento um pouco essa ideia de pensar que as opressões são múltiplas e, no caso dessa população que marca presença na cena do jornal ou desses sujeitos que estão no contexto autoritário, eles têm uma opressão que é sobretudo repercutida na questão étnica racial, quanto a sexualidade, entre outras.

Assim a autora Sirma Bilge (2009) nos traz a noção de que

A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (BILGE, 2009, p. 70).

Depreende-se dessa noção que a interseccionalidade remete a ideia de contraposição e contradição da questão da complexidade das identidades e desigualdades sociais que estão enclausuradas, ou seja, identidades relacionadas às categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual que se encontram em um estado de sufocamento estando cativas, presas, recolhidas e confinadas.

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (COLLINS, & BILGE, 2021, p.16).

Os olhares sobre o jornal não eram bons inclusive por parte dos comerciantes, muitas vezes era deixado de lado sem importância e sem a atenção devida, havia a boicote assim era posto no “fim da fila” das exposições nas bancas. Os homossexuais, as lésbicas, as travestis, os negros, as mulheres e os indígenas eram representados de forma ímpar e diferente da mídia hegemônica, assim eram tratados como seres humanos comuns e políticos, com desafios, gostos, histórias, opinião e luta, de modo que João Silvério Trevisan, ao abordar sobre a censura relata em um documentário que "houve um momento em que um grupo paramilitar começou a soltar bomba em bancas e deixava panfletos dizendo: 'enquanto vocês venderem tais jornais, nós vamos atacar vocês'. E lá estava o nome do Lampião"

Outra minoria abordada era a questão dos negros.

Figura 11 - Qual é o lugar dos negros no Brasil? Abdias Nascimento responde.



Fonte: 11 - Ano 2 nº15, de agosto de 1979

Nesse contexto sobre a luta por direitos civis, Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling apontam

A discussão sobre a tolerância associada à pauta dos direitos civis entrou no debate público animada por novas formas de militância política que se organizaram durante os anos de 1970: o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR), o Centro da Mulher Brasileira (CMB) e o Somos: Grupo de Afirmação Homossexual. Os movimentos de minorias políticas alargaram os contornos da luta democrática e fizeram circular seus pontos de vista em publicações próprias que combinavam um novo ativismo político, no qual se reivindicava o reconhecimento da diferença associado à

pauta da demanda por igualdade e universalidade de direitos, e que introduzia novas categorias analíticas, como gênero ou sexualidade: Nós mulheres, *O Lampion da Esquina* e Sinba (SCHWARCZ & STARLING, 2015, p. 474).

Ainda que o ano de 1978 fosse caracterizado como simbólico, representativo e mesmo emblemático para a história do país principalmente pela questão da “abertura política” perpassada na administração pelo governo do general Ernesto Geisel¹², todavia as políticas de Estado de uma ditadura que desde 1964 agia através da repressão fazia com que o povo brasileiro ainda sentisse os resquícios dessa investida. Diante da truculência e violência do Estado brasileiro, diversos segmentos da sociedade se organizaram formando assim uma oposição civil à ditadura militar.

Dessa maneira, João Lenon Siqueira Pereira salienta que

Desde a luta armada no final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970 até a organização dos movimentos sociais na transição da década de 1970 para 1980, diferentes grupos se instrumentalizaram estrategicamente para divulgar suas reivindicações e estabelecer contato com a sociedade a fim de derrubar um regime visivelmente violento (NAPOLITANO, 2006). Movimentos diversos apresentavam descontentamento social e político e, em um contexto de crescente combate, tanto a grande imprensa como a imprensa alternativa mantiveram uma atuação importante na oposição política, na luta por direitos e na reconquista da democracia. De acordo com Aguiar (2008, p. 235) foi “graças à ditadura de 1964, que o conceito alternativo ficou associado a uma posição antigovernista generalizada” e, entre os veículos que embarcaram nessa missão oposicionista, estava o tabloide *Lampion da Esquina*. (PEREIRA, 2020, p. 36)

Após a edição do AI5, em 1968 as represálias aos veículos de comunicações que não “andavam na linha” vamos dizer e que não acatavam ou cumpriam as ordens das autoridades se intensificaram, e nesse contexto eram corriqueiras as apreensões de jornais e revistas que

¹² Ernesto Geisel foi um dos presidentes do país durante a ditadura militar. Teve papel de destaque no movimento de deposição de João Goulart, e assumiu a chefia do gabinete militar do presidente Castelo Branco. Em 1966, foi promovido a general. Em março de 1967, tornou-se ministro do Superior Tribunal Militar e, entre 1969 e 1973, foi presidente da Petrobrás. Tomou posse como presidente em março de 1974. Foi durante seu governo que a ditadura começou a enfraquecer por um processo de transição à democracia, definido por ele mesmo como uma “abertura lenta, gradual e segura”. Já em seu primeiro ano no cargo, permitiu a propaganda política da oposição e aboliu a censura prévia à imprensa. No ano seguinte, no entanto, a imagem de seu governo foi manchada pela morte do jornalista Vladimir Herzog no DOI-Codi de São Paulo. Em 1977, apresentou o Pacote de Abril. No ano seguinte, teve de enfrentar a primeira greve de massa desde 1964, a dos metalúrgicos do ABC paulista, liderada por Luiz Inácio Lula da Silva. No final do mesmo ano, revogou o AI-5, cujo prazo de validade era de 10 anos, ou seja, seus efeitos expirariam no ano seguinte. Em 15 de março de 1979, entregou o cargo para João Baptista Figueiredo. Ainda foi o presidente da Norquisa-Nordeste e do Conselho de Administração da Companhia Petroquímica do Nordeste (Copene). Morreu em setembro de 1996. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-ditadura/geisel/> acesso em: 14 de setembro de 2022.

continham, aos olhos das investigações certas “ameaças” sejam conteúdos como artigos ou notícias que afrontavam o Regime Militar.

Jefferson Gomes Nogueira (2015, p.13) diz que “na noite de 13 de dezembro, o jornal [O Estado de São Paulo] “recebe a visita da Polícia Federal que sugere a alteração do famoso editorial “Instituições em Frangalhos”; a postura do jornal é de resistência e recusa o que motiva a apreensão”. (AQUINO, 1999, p.54). Ainda nesse sentido “Durante a abertura da 11ª Semana de Estudos de Jornalismo na Universidade de São Paulo, em 1970, discursando sobre o tema “Censura e Liberdade de Imprensa”, (idem)

Em uma justificativa que se configuraria como uma resposta a respeito da liberdade de imprensa no Brasil a um dos presentes na plateia, o jornalista e diretor do jornal O Estado de São Paulo, Júlio Mesquita Neto respondeu:

Se o senhor lê o Estado de São Paulo, sabe que o jornal vem sendo editado praticamente sob protesto. Desde o dia 13 de dezembro de 1968 que não publicamos nosso primeiro editorial. Não comentamos matéria política por não dispormos de liberdade suficiente para dizer o que pensamos. O senhor aludiu à liberdade de publicação de notícias. Como jornalista, conhece o assunto. A verdade é que há uma censura e que essa censura frequentemente não permite a divulgação de uma série de fatos. Temos de agir nesse contexto. Publicamos o que, dentro do possível, podemos, e chegamos ao ponto de ter edições apreendidas na boca da rotativa. Isso aconteceu quando, num momento de excepcional gravidade, fizemos um editorial sobre a situação geral do país. É um fato. Contra a força não há argumentos (AQUINO, 1999, p.54).

No pontapé inicial do regime militar, ocorreram uma extensa “onda” de repressões, onde houve dentre muitos acontecimentos os encarceramentos, aberturas de processos e Inquéritos Policiais, aposentadorias compulsórias de professores, prisões de estudantes etc. É nesse turbilhão que emerge a censura e a repressão aos meios de comunicação.

Pela primeira vez, desde 1964 a imprensa – que Castello Branco e mesmo Costa e Silva numa primeira fase, consideraram intocável – é atingida pela repressão, instaurando-se a censura. Muito ampla nos primeiros momentos da crise, ela se tornará um pouco mais branda tempos depois, mas não mais deixará de existir, aumentando o controle sobre as informações conforme as oscilações da situação política e social do país (AQUINO, 1999, p.56).

Dessa forma Nogueira (2015, p.13-14) salienta que “nesta busca pela legitimação do regime militar o controle da imprensa e do jornal, houve a disseminação da ideologia da Doutrina de Segurança Nacional. Luiz Gonzaga Motta (2002), em seu livro Imprensa e Poder

ressalta dentre muitas coisas que existe uma mútua relação e que não existe poder sem imprensa muito menos imprensa sem poder.

Durante o regime militar, pensando ainda nessa ideia era da alçada do Ministro da Justiça mover-se por meio de rigorosa autoridade e fiscalização embargar e suspender todo e qualquer processo de impressão e apreensão de tiragens inteiras de jornais. É o que se percebe quando a publicação “constitua ou possa vir a constituir o meio de perpetração de crimes previstos na Lei de Segurança” (MORAES FILHO, 1982, p.56).

Assim, de acordo com Marilena Chauí, citada no estudo de Aquino sinaliza que

Naquele período, mais importante do que controlar a narrativa dos fatos que envolviam as ações das organizações de esquerda, era a sua completa neutralização. A omissão da informação era conseguida, principalmente, dentro dos periódicos que aceitavam “trabalhar no limiar da autocensura”. Motta (2002) destaca que os agentes atuavam por meio de recados telefônicos ou bilhetes nem sempre identificados, utilizando-se de fórmulas clássicas como as expressões: “de ordem superior”; “policia federal”; “pede”; “fica terminantemente proibida a divulgação”; “da ordem do Exmo. Sr. general diretor geral da PF [Policia Federal]” etc. Alves (1999) enfatiza que a censura faz parte da estratégia do Estado Autoritário, na tentativa de criar a imagem de um país harmonioso e livre de conflitos, produzindo, assim, uma representação de nação democrática. “É na defesa da ordem que se justifica a ação repressora”. (ALVES, 1999, p.80), assim a propaganda ideológica cumpre um papel fundamental dentro do contexto de preservação do status quo de qualquer regime político. Chauí (1986) afirma que o indivíduo participa da vida social e política na proporção ao volume e ao acesso quantitativo e qualitativo de informações que lhe são disponibilizadas. Não basta a possibilidade de acesso às informações e sua capacidade de aproveitá-las, mas, e, sobretudo, pela capacidade e da possibilidade de nelas podermos intervir como produtor do conhecimento e do saber. “Não é qualquer um que pode dizer qualquer coisa a qualquer outro em qualquer lugar sobre qualquer circunstância. Há, portanto, regras de interdição quanto ao emissor, ao receptor, à mensagem, seu tempo e seu lugar”. (CHAUÍ, 1986, apud. AQUINO, 1999, p.190).

Durante a ditadura no Brasil a imprensa alternativa não se configurou apenas um instrumento de oposição ao regime, mas como um meio politizador na agregação de segmentos invisibilizados socialmente, pois estava vinculada às diversas lutas de minorias que foram silenciadas e sufocadas historicamente, como os negros, as mulheres, os homossexuais e tantos outros grupos de sujeitos que apresentam desvantagens e desigualdades, assim saber como o jornal discutiu o tema é, também, saber sobre os próprios sujeitos considerados por ele e que, de alguma forma, participaram da construção de suas narrativas.

Assim, Bernardo Kucinski (2001, p. 16), afirmara veementemente que “a imprensa alternativa surgiu da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas

de protagonizar as transformações que propunham, e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade.” Se não foram poucos os jornais que se lançaram entre 1964 e 1980 em oposição à ditadura militar, igualmente não foram poucas as brigas compradas pela imprensa “nanica”, sobre isso Bernardo Kucinski (2001) afirma que

Durante os quinze anos de ditadura militar no Brasil, entre 1964 e 1980, nasceram e morreram cerca de 150 periódicos que tinham como traço comum a oposição intransigente ao regime militar. Ficaram conhecidos como imprensa alternativa ou imprensa nanica. A palavra nanica, inspirada no formato tabloide adotado pela maioria dos jornais alternativos, foi disseminada principalmente por publicitários, num curto período em que eles se deixaram cativar por esses jornais. Enfatizava uma pequenez atribuída pelo sistema a partir de sua escala de valores e não dos valores intrínsecos à imprensa alternativa. Ainda sugeria imaturidade e promessas de tratamento paternal. Já o radical de alternativa contém quatro dos significados essenciais dessa imprensa: o de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída para uma situação difícil e, finalmente, o do desejo das gerações dos anos de 1960 e 1970, de protagonizar as transformações sociais que pregavam (KUCINSKI, 2001, p.5).

Ao reportar as últimas ideias de Kucinski podemos notar que, dos quatro sentidos mostrados que visam, portanto, caracterizar a imprensa tida alternativa, três desses significados traíam um reforço na medida em que pressupunham uma relação de oposição entre esse tipo de imprensa e a chamada grande imprensa, apesar de o autor destacar a ideia de oposição acreditamos que a relação estabelecida também pudesse ser apresentada sob outra categoria que seria sobretudo aquela ligada por uma correlação e completude.

Para além disso, é importante enfatizar também como Kucinski afirmava de forma bem evidente o posicionamento político dos jornais alternativos. A ver

Em contraste com a complacência da grande imprensa para com a ditadura militar, os jornais alternativos cobravam com veemência a restauração da democracia e do respeito aos direitos humanos e faziam a crítica do modelo econômico. Inclusive nos anos de seu aparente sucesso, durante o chamado “milagre econômico”, de 1968 a 1973. Destoavam, assim, do discurso triunfalista do governo ecoado pela grande imprensa, gerando todo um discurso alternativo. Opunham-se por princípio ao discurso oficial (KUCINSKI, 2001, p.5).

É importante destacar que não é que os periódicos alternativos dessem força aos interesses econômicos e políticos que a grande imprensa buscava alcançar. Os periódicos alternativos se caracterizavam sobretudo pela oposição à grande imprensa, mas a relação de

correlação que supomos existir se consolidara graças à preocupação de cada forma de imprensa em atingir públicos específicos.

Por um lado, as características de produção da grande imprensa sejam eles ligados ao aparelhamento organizacional, financeiro e técnico além das grandes tiragens buscavam manter seus interesses econômicos, ou seja, visando sobretudo o lucro e, também, interesses sociais com o objetivo de obter apoio político por meio de um alcance de um amplo público até então indeterminado e impreciso. De outro ângulo e perspectiva, porém, os jornais alternativos, como era o caso do *Lampião da Esquina*, representava e retratava de maneira a mostrar a especificidade de seu público leitor que abarcavam: mulheres, feministas, negras, negros, trabalhadoras, trabalhadores, homossexuais, entre outros.

Débora de Souza Bueno Mosqueira reforça

Vale definir os três tipos de impressos que compunham a imprensa alternativa, e que segundo Maria Paulo Araújo (2006) são⁴¹: Jornais de esquerda – eram publicações que se vinculavam tanto a jornalistas de oposição quanto aos partidos e organizações políticas clandestinas, podemos citar: *O Pasquim* (1969-1991), *Opinião* (1972-1977), *Movimento* (1975-1981); Revistas de contracultura – reuniam intelectuais e artistas que produziam sua “arte” fora do âmbito comercial, suas principais publicações foram: *Flor de Mel*, *Biscoitos finos* e o *Almanaque biotônico vitalidade*; Publicações de movimentos sociais – estão reunidos neste campo o movimento estudantil, os movimentos de bairro e os movimentos tidos como “minorias”: os feministas *Brasil Mulher* (1978-1980), *Nós Mulheres* (1976-1978), etc.; movimento negro: *Tiçã* (1978-1982) entre outros; e publicações dos movimentos homossexuais organizados, *Lampião da Esquina* (1978-1981) é o mais representativo deles (MOSQUEIRA, 2016, p.27).

Dessa maneira, nesse contexto alternativo, cada parte de público apresentava atributos singulares nesse sentido é que Tânia Regina Luca (2008, p.139) afirma que “[...] a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público”, com a condição de que a informação escolhida para chegar até o público-alvo fosse de natureza do interesse de quem divulgava a informação. Assim, a imprensa converte-se em um jogo de posições no qual é afetada por questões sociais, econômicas e culturais inclinando-se a afetar, portanto, os sujeitos a quem destina vender as suas devidas informações.

A classificação da imprensa alternativa no Brasil por parte de Kucinski (2001) se deu em duas classes amplas de jornais alternativos. A saber

Havia, basicamente, duas grandes classes de jornais alternativos. Alguns, predominantemente políticos, tinham raízes nos ideais de valorização do

nacional e do popular dos anos de 1950 e no marxismo vulgarizado dos meios estudantis nos anos de 1960. Em geral pedagógicos e dogmáticos, os jornais alternativos políticos foram, no entanto, os únicos em toda a imprensa brasileira a perceberem os perigos do crescente endividamento externo, ainda em 1973, e o agravamento das iniquidades sociais. Revelaram novos personagens do nosso cenário, como os boias frias, protagonizaram em suas páginas os movimentos populares de reivindicações e de protesto e discutiam os temas clássicos das esquerdas, como o do caminho da revolução brasileira e as táticas e estratégias de oposição durante o longo processo de abertura. Tanto a linguagem dogmática da maioria dos jornais políticos, formulada de modo canônico, como sua postura pudica, refletiam o marxismo de cunho religioso e os preceitos morais do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), predominante durante a maior parte do ciclo alternativo. Diversamente da contracultura norte-americana dos anos de 1950 e 1960, que deixara pouco espaço para o que Theodore Roszak chamou de “marxistas antigos que continuavam a soprar as cinzas da revolução proletária esperando por uma fâisca”, as esquerdas brasileiras, oprimidas pela ditadura, não tiveram tempo para preencher as dimensões psíquicas do ideal revolucionário (KUCINSKI, 2001, p.5-6).

Esse primeiro agrupamento era constituído por periódicos voltados para um público com anseios militantes voltados para uma esquerda política, Kucinski (2001) também lembra que esse grupo de jornais, em geral, possuía um caráter pedagógico e dogmático. Por essa razão fica evidente uma preocupação tanto para com o processo de formação quanto de informação do público leitor. Podemos citar alguns dos tabloides das cidades de Rio de Janeiro e São Paulo classificados e aponta como exemplos de periódicos pertencentes a uma imprensa alternativa “[...] predominantemente política”.

De acordo com Ronielysson Cezar Souza Pereira (2017, p.32) no Rio de Janeiro havia os tabloides “Reunião, Folha da Semana, Brasil Semanal, Politika, Opinião, Jornal de Debate e Enfim. Na cidade de São Paulo destacamos os tabloides: Amanhã, Fato Novo, Movimento, Dois Pontos, Cobra de Vidro, Novo Rumo, Jornal da Vila e Batente”.

Outros periódicos relevantes de caráter político que se enquadravam no formato standard também foram apresentados como: Correio da Manhã, que era do Rio de Janeiro, e Em Tempo, de São Paulo também apresentou um grupo de jornais que, em última instância, não eram desvinculados das discussões políticas e sociais, mas enfatizavam outras relações. Nesse caso, os jornais alternativos a que o autor se referia compunham um grupo que privilegiava a dimensão cultural da sociedade, isto é:

Tinha suas raízes justamente nos movimentos de contracultura norte americanos e, através deles, no orientalismo, no anarquismo e no existencialismo de Jean Paul Sartre. Rejeitavam a primazia do discurso ideológico. Mais voltados à crítica dos costumes e à ruptura cultural,

investiam principalmente contra o autoritarismo na esfera dos costumes e o moralismo hipócrita da classe média (KUCINSKI, 2001, p. 6).

No primeiro grupo de jornais apresentado por Kucinski (2001) ele inferiu que uma parte da imprensa alternativa se tornou sucedânea de organizações políticas clássicas. Por outro lado, os jornais que ele afirmou que se preocupavam com uma discussão cultural sobre a sociedade nos permitem inferir que abriram espaços para o discurso e a militância de sujeitos históricos que começaram a se organizar mais intensamente no final da década de 1970, como, por exemplo, os homossexuais. No caso do *Lampião da Esquina*, não se tratava apenas de uma imprensa alternativa puramente culturalista, mas de um jornal que deu visibilidade para discutir as homossexualidades no Brasil.

Bernardo Kucinski (2001, p. 6) apontou o fato de que, no período entre as décadas de 1960 e 1980, “[...] o que identificava toda a imprensa alternativa era a contingência do combate político-ideológico à ditadura”. Sendo assim, a imprensa alternativa também se constituía como um espaço de luta por meio de práticas discursivas e, portanto, representava uma alternativa, para jornalistas e intelectuais, em relação à produção discursiva da grande imprensa sobre o contexto da época. Entretanto a oposição à ditadura não foi a única característica da imprensa alternativa.

Ana Maria Nethol (1982 apud KUCINSKI, 2001, p. 12-13) nos lembra de que a imprensa alternativa “[...] tinha como componente básico o repúdio ao lucro e, em alguns jornais, até mesmo o desprezo por questões de administração, organização e comercialização”. Sem entrar no mérito da questão sobre o lucro da imprensa alternativa, observamos que aquela situação gerava um ponto paradoxal: a busca por uma distribuição cada vez maior (sem a preocupação de maximizar lucros para manter-se economicamente) versus a dificuldade de estabelecer um volume considerável de leitores e assinantes.

Também é preciso considerar que a disseminação da imprensa alternativa ficou mais viável com o aprimoramento das técnicas de impressão. A inserção dessa técnica de impressão aperfeiçoou a produção e a impressão de grandes volumes de jornais. Em outras palavras, agilizou o processo de produção e gerou um tempo ocioso nas gráficas. Com a agilidade na produção o tempo ocioso foi utilizado para a impressão de materiais de terceiros a baixos custos e em pequenas tiragens.

Segundo Bernardo Kucinski (2001, 8) e Márcio Leopoldo Gomes Bandeira (2006, p. 54), o método de impressão offset chegou ao Brasil em meados da década de 1970. No mesmo período a Editora Abril implantou no Brasil um sistema nacional de distribuição de periódicos.

Isso estimulou o surgimento de jornais alternativos, mas havia a necessidade de ter uma tiragem mínima de 25 mil exemplares.

Bernardo Kucinski (2001) aponta que as distribuidoras cobravam o pagamento adiantado, o que correspondia a 40% da receita dos periódicos. Na prática, a intenção das distribuidoras não era propiciar a venda dos periódicos concorrentes, mas era apenas reduzir seus próprios custos de produção. Isso gerava um endividamento dos jornais alternativos porque esses periódicos priorizavam o aspecto político em detrimento do caráter comercial das informações publicadas, acarretando, portanto, um curto período de sobrevivência a suas publicações.

Com influência de leituras de jornais estadunidenses como foi o caso de *Gay Sunshine* e do conhecimento pessoal do diretor do jornal *Winston Leyland* que estava em visita ao Brasil, o grupo então decidiu criar uma publicação semelhante onde as vozes homossexuais e seus anseios fossem expostos ao público leitor do país (LAMPPIÃO, 2016). Vale destacar

No seio da imprensa alternativa emergiu o *Lampião da Esquina*, marcado pela temática direcionada para as relações homoeróticas ao mesmo tempo em que era pressionado pelo contexto de emergência do movimento homossexual no Brasil. Outro aspecto considerado como influente na produção discursiva do *Lampião da Esquina* diz respeito às diferentes experiências de vida de alguns de seus produtores e colaboradores, João Silvério Trevisan pontuou que a temática de seus artigos no *Lampião da Esquina* foi influenciada por suas experiências sociais, políticas e culturais durante o tempo em que esteve exilado fora do Brasil. Essa informação nos faz considerar um detalhe importante sobre o *Lampião da Esquina* e que antecede a sua emergência em 1978: o grupo de jornais alternativos, segundo a classificação realizada por Bernardo Kucinski (2001, p. 5), no qual o *Lampião da Esquina* emergiu propiciou o anseio militante com a expressão sociocultural da homossexualidade.

Aguinaldo Silva, que foi um dos criadores do *Lampião da Esquina* e posteriormente tornou-se o editor-chefe, segundo Bernardo Kucinski (2001, p. 73), “foi um dos principais colaboradores d’Opinião, do Rio de Janeiro, além de ter sido um dos fundadores e dos conselheiros do tabloide Movimento, de São Paulo”. Esses dois jornais, citados na trajetória de Aguinaldo Silva, pertenciam ao grupo de jornais classificados por Bernardo Kucinski que enfatizavam uma dimensão política das notícias divulgadas.

Nesse detalhe observamos dois aspectos relevantes sobre a inserção do *Lampião da Esquina* na história da imprensa alternativa que foi a questão do respaldo profissional de Aguinaldo Silva estava relacionado aos dois jornais essencialmente políticos-ideológicos,

Opinião e Movimento onde adquiriu a experiência que lhe permitiu estar à frente do *Lampião da Esquina* enquanto um empreendimento. Importante lembrar que embora o *Lampião da Esquina* tenha emergido de dissidências de um grupo de jornais de teor político, o periódico visava discutir temas ligados aos sujeitos marginalizados socialmente: mulheres, pessoas negras, indígenas, deficientes físicos, homossexuais. Em última instância, podemos pensar essa preferência temática tanto como uma opção comercial quanto uma perspectiva política, perspectiva na qual o jornal buscava inserir-se.

Em segundo lugar que o *Lampião da Esquina* apresentou uma dupla oposição em relação ao contexto sociopolítico da época sendo uma relativa a oposição à ditadura civil-militar e uma posição em conflito com grupos políticos de esquerda porque estes não levavam a sério e nem reconheciam a necessidade de discutir questões específicas sobre a situação de mulheres, feministas, lésbicas, homossexuais, e travestis dentro da sociedade ou dentro da militância política.

2.1 “Lampião: uma luz brilha nas esquinas escuras da ditadura” - O contexto das ditaduras na América Latina

Para compreendermos as ditaduras na América Latina e o movimento homossexual latino-americano, precisamos entender o contexto histórico ao qual ele está inserido. Dessa forma, segundo Edvaldo Correa Sotana (2014, p. 325):

O desfecho da Segunda Guerra Mundial gerou uma breve expectativa em torno do estabelecimento da paz mundial. No entanto, o temor de um novo conflito passou a integrar o cenário internacional no começo de um período denominado Guerra Fria. Disputas políticas, econômicas, diplomáticas e ideológicas começaram a ser travadas entre Estados Unidos e União Soviética. Aos poucos, formavam-se dois blocos: um capitalista e o outro socialista.

Ambos os países procuraram por aliados em suas ideologias e a América Latina não passou despercebida diante das duas potências. A pressão externa e questões internas dos países latino-americanos foram influenciadas em sua cultura, economia e no campo político.

Como consequência surgiram regimes nacionalistas, populistas e ditaduras militares ao longo do século XX. Podemos citar alguns países como Chile, México, Cuba, Argentina, Uruguai, Paraguai, Nicarágua, Equador, Bolívia e Brasil, entre outros, que tiveram suas histórias marcadas neste processo. Quatro destes países ainda conservam em seus códigos

penais artigos que criminalizam atos homoeróticos: Chile, Equador, Cuba e Nicarágua, embora na última década não se tenha registros de repreensão quanto a essa prática afetiva (MOTT, 2019).

Entre meados das décadas de 1960 e 1980 a América Latina, em especial a América do Sul, viveu um momento histórico marcado por regimes militares. As consequências dessa época trouxeram reflexos que até hoje podem ser sentidas, pois, ainda não foram superadas. Dentre as consequências desse regime militar ditatorial, podemos destacar a mais importante delas que foi a exclusão, extinção e eliminação patrocinada pela repressão de uma considerável parcela, ou em alguns países, da maioria das lideranças políticas de esquerda, nas quais podemos incluir nesse escopo progressistas, sindicais, estudantis, intelectuais, comunistas, entre outros.

Uma significativa parcela das pessoas que se salvaram ou sobreviveram à repressão imposta nesses países nunca mais passaram a viver e a desfrutar a vida como era antes. Suas vidas foram mudadas para sempre, pessoas tiveram cargos profissionais e carreiras totalmente comprometidas, vocações abandonadas, a questão do exílio que por mais que fosse um plano temporário, passou a ser definitivo (MOTT, 2014).

Muitas pessoas em anos posteriores faleceram em decorrência dos sofrimentos ocorridos durante o tempo ditatorial, de acordo com Simone Rodrigues Pinto (2010) no regime nazista o extermínio foi um genocídio em massa e de caráter generalizado. Nos países da América Latina foi de um sistema diferenciado e seletivo, com práticas brutais com requintes de crueldades.

Como exemplo dessa mortandade, podemos citar cem mil mortos e cinqüentamil desaparecidos na Guatemala na década de 1980, aproximadamente trinta mil desaparecidos na Argentina na segunda metade da década de 1970 e um acervo de horrores que parecia não ter fim. Com a “era das ditaduras”, a América Latina nunca mais voltaria a ser a mesma¹³.

Nas décadas de 1960 e 1970 houve uma gradativa concentração mobilizadora de movimentos sociais na América Latina que por um viés político reivindicaram e solicitaram o direito de voto ampliado e de uma democracia mais eficiente. No que diz respeito a economia, requeriam melhor distribuição de terra e direitos trabalhistas, entre outras demandas de caráter

¹³ Revista Anistia Política e Justiça de Transição / Ministério da Justiça. – N. 4 (jul. / dez. 2010). – Brasília: Ministério da Justiça, 2011. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/central-deconteúdo/anistia/anexos/2011revistaanistia04.pdf> Acesso em: 09 ago. 2021.

social¹⁴.

Nesse contexto, é importante ressaltar que o resultado da Revolução Cubana ocorrida no ano de 1959 tornou-se uma posição de destaque no Continente. Contrário ao governo de Fulgêncio Batista, apoiado pelos Estados Unidos, a luta perdurou por mais de três anos, grupos subalternos da sociedade em Cuba uniram forças ao movimento que, ao ingressar ao poder, propôs muitas reformas que mudaram consideravelmente o patamar de distribuição da riqueza na sociedade caribenha.

Se olharmos por meio de um ângulo mais amplo, em nível mundial que seja da descolonização, a Revolução Cubana dava mostras que também na América Latina era possível ocorrer mudanças sociais.

Nesse sentido, Ricardo Antônio Souza Mendes (2013, p. 08) nos diz que, com início em 1964 se expandiu em grande parte da América Latina o crescimento de ditaduras que apadrinharam ou aderiram à Doutrina de Segurança Nacional (DSN), uma forma de se referir a situação ou ao momento até então vivenciado. Países sul-americanos como o Paraguai (1954), a Argentina (1966 e novamente em 1976), Chile (1973) e Uruguai (1976) deram prosseguimento ao caso brasileiro.

Em contrapartida, a quase maioria dos países da região exceto o México e a Venezuela foram sujeitados a regimes de caráter ambíguo, com práticas autoritárias, contudo, sem um caráter ditatorial. Em todos esses países os militares tomaram a frente uma coalizão formada também por membros ligados à sociedade civil e apoiado por partidos políticos de direitas no Brasil, Argentina, Chile e Uruguai (PADRÓS, 2004, p. 54).

A implantação da ditadura de Segurança Nacional no Brasil concretizou-se em 1968, com sua organização estrutural se estabelecendo após o movimento civil-militar ter colocado os militares no poder em 1964. Mas desde o começo, a repressão era excessiva no país e de forma contínua, da tortura enquanto instrumento das atividades de inteligência e segurança (FICO, 2003, p. 181).

Fora suscitado uma limpeza refinada no que diz respeito a vida política, houve crescimento de cassações e perseguições políticas, resultando-se numa centralização do poder nas mãos do executivo, com esvaziamento do legislativo e judiciário.

A implantação da Lei de Segurança Nacional significou a efetiva implementação da DSN no Brasil, autorizando a intervenção do governo em “qualquer nível de atividade social

¹⁴ Movimentos Sociais por Emilio Taddei, José Seoane e Clara Algranati - Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/movimentos-sociais>. acesso em: 18 de agosto de 2022.

se julgasse que a segurança nacional havia sido violada”. A partir daí ampliou-se o número de pessoas que seriam enquadradas como opositores do regime. A tortura tornou-se um recurso de controle social, “um poderoso instrumento, ainda que degradante para seus usuários, para subjugar a sociedade” (SKIDMORE, 1988, p. 219).

No Chile, os militares se apossaram do poder com grande ajuda da elite política e empresarial civil, com a queda de Salvador Allende no fatídico onze de setembro de 1973. Dois anos mais tarde, começou o processo de distanciamento das elites político empresariais da estrutura de poder.

O Estado caracterizou-se cada vez mais por se tornar militarizado. Todas as áreas administrativas foram ocupadas por membros das forças armadas e policiais como, por exemplo: governos de províncias, prefeituras, postos de chefia das diversas empresas nacionais e até mesmo os presidentes de associação de bairros.

No ano de 1977, partidos políticos em sua grande maioria foram dissolvidos. O que ficou fora do poder de alcance dos militares foi o comando da economia, destinado aos seguidores da Escola de Chicago. A repressão aos opositores no Chile alcançou índices de depuração política, não vistos na América Latina até então. Milhares de vítimas, incluindo cerca de dois mil membros das próprias Forças Armadas foram eliminados. Cerca de um por cento da população chilena foi detida somente no primeiro ano do novo governo (ROUQUIÉ *apud* MENDES, 2013, p. 09).

No Uruguai a repressão ditatorial iniciou-se ao longo do governo civil do colorado Pacheco Areco em 1968, e acabou por completar-se cinco anos depois na Presidência de Juan Maria Borbaderry. Oposto ao caso chileno, o principal recurso para impor medo a oposição não foi a eliminação física, mas a forma de tortura de encarceramento massivo e o sequestro realizado por membros das Forças Armadas, gerando o que Enrique Padrós (*apud* MENDES, 2013, p. 10) denomina por “pedagogia do medo”. Segundo Rouquié (*apud* MENDES, 2013, p. 10), ao longo do regime de DSN no Uruguai foram feitos cerca de cinco mil prisioneiros políticos, quinze mil cidadãos perderam seus direitos, cerca de sessenta mil pessoas passaram pelas prisões. Desse total, apenas dois por cento não foi submetida à tortura.

Os militares uruguaios lançaram-se no controle completo do poder após a destituição de Borbaderry em 1976, iniciando um processo de ato-institucionalização do regime. O conselho de ministros era civil, mas os militares passaram a ocupar todos os espaços, com a transformação dos “serviços públicos em casernas”.

Já na Argentina, mais de duzentas mil pessoas exilaram-se fugindo do regime

estabelecido após a ascensão ao poder do General Videla, que inaugurou o rodízio de juntas militares no poder em 1976. Os números oficiais, segundo informações da Comisión Nacional sobre Desaparición de Personas (CONADEP), apresentam a existência de cerca de nove mil mortos e desaparecidos, mas cogita-se, a partir de números apresentados pelas organizações dos direitos humanos, algo em torno de trinta mil pessoas (ROMERO, 2006, p. 199).

Cerca de trezentos e sessenta campos de tortura estiveram em funcionamento entre 1976 e 1983 (MENDES, 2018). O Regime de Segurança Nacional na Argentina apresentou um caso tragicamente inovador: o confisco de crianças, cujos pais “foram desaparecidos” ou presos. Também nesse país, os militares espalharam-se pelos principais órgãos da administração do Estado.

O papel de destaque das Forças Armadas nessas ditaduras coloca em relevância a importância do conjunto de ideias que norteou o seu controle político, a DSN. Em 1968, a Europa, Estados Unidos e América Latina atravessaram momentos demarcados por revoluções culturais nos quais os questionamentos como gênero, sexualidade e identidade se apresentaram ao público.

3 A questão das homossexualidades/sexualidades transgressoras na América Latina nas páginas do *Lampião da Esquina*

O movimento gay no continente americano teve seu início nos Estados Unidos (GREEN, 2003).

A rebelião de *Stonewall*, ocorrida em 1969, na cidade de Nova Iorque, foi o início de uma longa luta que se estende até os dias atuais e fez com que se iniciasse um movimento político e social que inspirou movimentos em toda a América Latina.

Ainda não sabemos a história completa sobre a fundação dos primeiros grupos politizados de homossexuais na América Latina, mas parece que a maioria dos grupos que surgiram no início dos anos de 1970 e 1980, tiveram entre seus fundadores e líderes, membros de partidos comunistas ou de seus grupos dissidentes, ou ainda, provenientes de outras formações esquerdistas (GREEN, 2003, p. 21).

Ainda que a esquerda nestes anos não os representasse, pois em sua gênese estavam arraigados aos preconceitos construídos em nome de uma fé ou de uma pseudomoral. Em novembro de 1969 foi fundado em Buenos Aires, Argentina, o grupo gay *Nuestro Mundo*. A criação desse grupo foi importante e, em 1971 foi criada a Frente de Liberación Homossexual de la Argentina (FLH) com a coalizão de quatro grupos diferentes que dissolveu-se em 1976, devido à forte repressão que sofreram no governo de Isabel Perón (GREEN, 2003, p. 22).

No México em 1978, foi criado a Frente Homossexual de Ação Revolucionária (FHAR). No Brasil, tivemos outras publicações para além do jornal *Lampião da Esquina* voltadas ao público gay, chamado de *Snob* (1963-1969) que foi idealizado e produzido por Agildo Guimarães e serviu de inspiração a outros jornais, criando a imprensa gay. Essa publicação foi voltada para encontros sociais dos homossexuais cariocas e de colunismo social (SOARES, 2018).

Após alguns anos do decreto AI-5(13 de dezembro de 1968) no Brasil, onde por meio deste decreto aumentava a repressão como um todo, sobretudo a imprensa que sentira muito.

Entre os anos 60 e início dos 70, circularam no Rio de Janeiro mais de quinze títulos: *Snob*, de Gilka Dantas, *Le Femme*, *Subúrbio à noite*, *Gente Gay*, *Aliança de Ativistas Homossexuais*, *Eros*, *La Saison*, *O Centauro*, *O Vic*, *O Grupo*, *Darling*, *Gay Press Magazine*, 20 de Abril, *O Centro* e *O Galo*. Em

Niterói, surgem Os Felinos, Opinião, O Mito e Le Sophistique.

Assim muitos outros periódicos voltados ao público gay desapareceram. Já em fins da década 1970, gradualmente abriu-se espaço para os movimentos sociais, e nasceu assim o *Lampião da Esquina*, e através deste jornal nasceu também um grupo social e de engajamento gay brasileiro que data de 1978.

O surgimento do *Lampião da Esquina* faz parte do inconformismo diante da repressão e do conservadorismo que se abatia sobre uma parcela da sociedade brasileira. O *Lampião* foi o primeiro, em nível nacional, a abordar a questão da sexualidade, e principalmente da homossexualidade, além de lutar contra a repressão e o preconceito fortemente recrudescidos durante a ditadura militar (RODRIGUES, 2007, p. 210).

Durante a pesquisa nas edições do *Lampião da Esquina*, centraram-se em três termos a saber: América Latina, Latino americano e Latina América. Como resultado dessa pesquisa, foram localizadas dezoito matérias correspondentes de abril de 1978 a junho de 1981. Tornase relevante constatar a seleção de uma capa que não apareceu na busca, porém estava relacionada ao tema. Sendo assim, tabelamos dezenove matérias, conforme tabela abaixo e percebemos o período de publicações conforme dados obtidos:

Tabela 1 - índice de pesquisa de matérias

ANO	1978	1979	1980	1981
MATÉRIAS	3	10	3	3

Percebe-se, ao analisarmos a tabela que o ano de 1979, foi o ciclo em que ocorreram mais edições ligadas à América Latina. Dentre as várias matérias que foram publicadas no *Lampião da Esquina*, temos um editorial de João Silvério Trevisan, (já conhecido pelo livro de contos *Testamento e Jônatas deixado a Davi*), no qual estava em processo de escrita um romance inspirado em suas andanças pela América Latina.

Para além dessa matéria há outras que apresentam claramente a política dos países vizinhos como Argentina, Chile e México, os quais estavam vivendo o mesmo clima de repressão brasileira, e seus correspondentes encontraram no *Lampião da Esquina* uma forma de expressar suas angústias e registrar sua história.

Podemos destacar, entre algumas passagens dessa longa reportagem, o foco para a capa

(imagem 03) e seu interior utilizando-se de três páginas para relatar os acontecimentos latino-americanos frisados aqui. Sua capa apresenta a seguinte chamada, *Latinamérica: NA TERRA DOS HOMBRES, PAULADA NAS BONECAS!*

Figura 12 - *Latinamérica: NA TERRA DOS HOMBRES, PAULADA NAS BONECAS!*



Fonte: 12 - *Lampião da Esquina* ano 1 n° 7, dezembro de 1978.

Em seu interior há cinco subtítulos, o primeiro, *Na Argentina é assim: paulada nas bonecas! Um documento do Exílio* feita por Ricardo e Héctor, com tradução de Aguinaldo Silva e traz a narrativa histórica da Frente de Libertação Homossexual (FLH), e toda a situação vista e passada por eles, que estavam no exílio na Espanha, e pelos seus pares que continuam na capital da Argentina.

Relatos da troca de governo, com a queda de Isabel Martínez de Perón, como a polícia agia desde a década de 1930, com uma espécie de facistização, ou como não precisava ser homossexual, apenas “parecer” como um, que já ia para a delegacia, era fichado, e as penas variavam de vinte um a vinte e oito dias de reclusão. Esta pena se viu aumentada em temporadas de jogos de futebol e como funcionavam as denúncias pelos vizinhos, mesmo que as festas fossem feitas em uma casa, e aparentemente não incomodassem, se houvesse uma única reclamação, eram levados e fichados.

Se alguém desconfiasse de seu professor (a) e denunciasse os mesmos, perderiam seus empregos, tanto a esquerda como a direita, eram homofóbicas, advogados negavam-se a defender homossexuais, a homofobia e o moralismo imperavam.

Surgiam questões sobre as diferenças das ditaduras vivenciadas nos dois países vizinhos, ao qual foi respondida da seguinte maneira:

Os companheiros de LAMPIÃO nos perguntam quais são as causas que determinam que a repressão sexual no Brasil e na Argentina se manifestem de maneiras diferente. Esta pergunta exige uma análise histórica complexa. Para começar, a origem histórica da Argentina se relaciona com a Espanha imperial dos reis católicos e com o Santo Ofício. Os índios homossexuais do Rio da Prata, na época da colônia, eram condenados a ser comidos vivos pelos cachorros. Depois da primeira guerra mundial a homossexualidade na Argentina se expandiu, cresceu: a moral tradicional – por sorte! - entrou em crise. Logo quando a crise mundial de 1929, se esgotam o espaço e as possibilidades de certos projetos econômicos - sociais, e então na classe dominante se impõe e setor mais autoritário, mais reacionário e puritano, que se caracterizou por sua fidelidade à tradição e aos “bons costumes”. Usou do “moralismo” para disciplinar e subordinar a população ao seu esquema de poder.

Na outra página na seção Reportagem, “*Não somos turistas, somos fugitivos*”, matéria de Francisco Bittencourt, esta foi uma reportagem solicitada por um jornal de grande circulação, que na verdade gostaria de saber porque no verão do Brasil o país era invadido pelos argentinos, já que o contrário geralmente ocorria, muitos brasileiros iam até Buenos Aires, era a moda naquela década. Pois então, Bittencourt narrou alguns encontros com argentinos e brasileiros, e destacou que os argentinos que por aqui passavam, vinham por vezes de carona, e o destino principal era o Rio de Janeiro, seguido da Bahia, devido ao Carnaval que já era famoso.

Além disso, um dos agentes motivadores para a invasão argentina era a boemia e ~~lugar~~ onde eles poderiam amar e serem amados, mesmo que por vezes passassem por mais fechados e até tinham fama de aproveitadores do jeito caloroso e acolhedor dos brasileiros. Alguns vinham e ficavam, outros voltavam de verão em verão, mas o fato era que fugiam da repressão Argentina para viverem suas histórias de amor. Não que no Brasil não houvesse repressão, mas no caso da homossexualidade era deixada em outro plano. O Comunismo era tido como o alvo a ser derrotado, em terras tupiniquins.

Seguindo para o próximo subtítulo, e indo um pouco mais longe geograficamente, aparece a chamada, *Chile: denúncias da matança*. Não muito diferente da repressão argentina, essa matéria sobre a situação chilena é um artigo do Chileno Carlos Manuel publicado na revista norte-americana "Vector", de junho de 1974, com tradução do João Silvério Trevisan.

Nesse artigo, o autor faz um relato pessoal, onde percebe-se que a partir de outubro de 1972, tudo se desenrolou até o golpe que retirou o governo socialista de Salvador Allende pelos militares, ocasionando a sua morte, assim como de outras pessoas. Sua memória do onze de setembro de 1973, houve bombardeios e tinha sido instaurado um toque de recolher onde ninguém deveria sair as ruas, então quem estava nas fábricas ou em qualquer lugar que estivessem trabalhando, deveriam continuar lá, as rádios e TVs passavam apenas programas americanos.

Três dias após o golpe, ainda escutavam tiros e explosões. Perto da casa de Carlos Manuel, havia uma fábrica, que trabalhadores continuaram dentro delas a fim de obedecer a junta militar, eles foram chamados para fora e fuzilados.

Cinco dias após o golpe o toque de recolher foi se tornando mais branda a fim de que as pessoas saíssem as ruas, para reabastecerem de mantimentos, porém não era seguro estar nas ruas, e militares faziam várias batidas no mesmo ônibus, embora o autor deste artigo fosse gay acreditava que nada o afetaria, já que nunca se metera com política e nem com sindicatos, sua convicção logo cairia por terra, já que o novo governo baixou uma portaria, onde proibia, barbudos, cabeludos e mulheres de calça comprida, nas palavras do governo, “Tais costumes ‘marxistas’ deveriam desaparecer do Chile...”, quando as pessoas iam nas padarias de seus bairros para comprar o pão, policiais faziam batidas, se encontrassem pessoas com tais características as retiravam com truculência.

Após uma semana, não existia mais constituição e o parlamento, os membros deste que apoiavam o governo de Allende começaram a ser perseguidos, “e assim 100 anos de democracia, eram enterrados, por tempo indeterminado”. Quando Carlos Manuel buscou notícias de seus amigos, só teve notícias de pânico, morte e brutalidade.

Além de alertas, que o mesmo recebera não poderia mais flertar, nem mesmo em lugares que antes era seguro a eles, pois poderia ter sido um policial à paisana, ou seja, uma emboscada.

Houve também a repressão por determinadas literaturas marxistas, e de cunho pornográfico. Tanto terror instaurado, que fez que Carlos Manuel se desfizesse de dois terços de seus materiais, o que não foi queimado, foi guardado por um amigo da polícia. Outro cuidado que eles tinham de ter era o de não se encontrarem com mais de duas pessoas, pois poderia ser caracterizado como reunião subversiva, e algum vizinho na ânsia de querer agradar o governo poderia denunciar, em busca de alguma simpatia, e segurança.

Muitos corpos ficaram desaparecidos, outros flutuaram pelo rio Mapocho, que cortava Santiago, e se algum parente reclamasse do desaparecimento, dizendo que seu parente não era

homossexual ou marxista, os militares apenas falavam que também cometiam erros porque eram humanos. E Carlos Manuel termina seu texto dizendo que:

Segundo os novos donos de poder, “a liberdade foi restaurada com a queda do regime marxista do Presidente Allende”. Na época em que deixei meu país, a Junta Militar afirmava que os únicos adversários das Forças Armadas Chilenas estavam tentando organizar guerrilhas para lutar contra o regime. Naturalmente, diziam eles, os guerrilheiros eram todos marxistas homossexuais.

Em Buenos Aires: dois policiais por quarteirão, não há em específico o nome do autor para essa reportagem, porém ela narra a extinta FLH, e diz que apenas a elite homossexual era representada por ela, ademais diz como ficou a Argentina com dois policiais por quarteirão e o quão difícil era ter encontros amorosos. Um dos representantes da FLH estava exilado no Brasil, e em uma de suas conversas, contou como estava a repressão na Argentina. E que todo “o mal homossexual” era tido como coisa de marxista / comunista, quando na verdade,

O marxismo utilizou e utiliza a homossexualidade como um instrumento para sua penetração e como aliada para seus objetivos. Mas todo mundo sabe que nos países comunistas os maricas são tratados como um verdadeiro vício social, daí marginalizados todos, exterminados e vistos exatamente como são: um grande mal. (...) Os marxistas exportam a homossexualidade mas tomam cuidado para não tê-la dentro de casa. Em relação àqueles invertidos que já existem entre nós, propomos que sejam enfiados em campos para reeducação e trabalho forçado, de tal modo que responderão a duas necessidades de uma só vez: serão separados do resto da sociedade e compensarão o país pela perda de um homem útil.¹⁵

Na terceira página, e última matéria do dossiê da América Latina, *México: que viva el macho*. É uma entrevista publicada na revista —Sucesso para todos”, nº2218, 1975 - traduzida por João Silvério Trevisan. Nela é apresentada uma entrevista com seis pessoas homossexuais, sendo três mulheres e três homens que tiveram seus nomes alterados por segurança.

Inicia-se a matéria, contando a história do México e suas práticas culturais, além de enfatizar os laços familiares e religiosos, e apresenta também a influência dos Estados Unidos no turismo e em alguns pensamentos retrógrados na questão homoafetiva. Os entrevistados responderam as seguintes questões: “Por que vocês são homossexuais? O que acham do ambiente homossexual no México? Como é que vocês procuram um parceiro? O que vocês pensam das batidas policiais contra os homossexuais?”

¹⁵ Em Buenos Aires: dois policiais por quarteirão. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, n. 7, p. 7,8, dezembro 1978.

Os entrevistados ao responderem tais questões, também faziam um desabafo, do quanto era difícil se relacionar naquele país, onde os policiais reprimiam, faziam chantagens e queriam dinheiro em troca da liberdade e do silêncio de um encontro, além disso descreveram os lugares por eles frequentados, e do quão era difícil um relacionamento estável com alguém, já que a maioria, não se sabe ao certo queriam apenas relacionamentos mais casuais, talvez para correrem menos riscos de serem fchados na polícia.

No caderno cartas na mesa, o *Lampião da Esquina* recebeu e respondeu alguns de seus leitores, a matéria com o título *Mais Argentina*, trata-se de um argentino retratando a repressão sofrida em seu país e a resposta retratando a repressão em terras brasís M.P., inicia a sua carta desculpando-se pelos seus irmãos de pátria, e justificando que já havia morado por 6 meses no Rio de Janeiro, e ele cita características do estado, lindo, ao mesmo tempo, repressor, e violento, mas destaca que na Argentina a repressão é maior, e que no Brasil os gays gozavam de mais liberdade.

Percebemos isso em sua fala,

[...] Brasil e Argentina são diferentes, muito diferentes, e a vida no Brasil é muito livre; vocês podem andar na rua com toda a liberdade, têm jornal guei, têm Cinelândia, têm a Galeria Alaska, as boates: aqui na Argentina não é igual, não tem nada; então, nós ficamos malucos com tanta repressão: e quando saímos da Argentina fazemos muitos lios... estragos.

Em seguida a resposta do *Lampião* foi uma explicação sobre a repressão usada contra os homossexuais dos dois países, suas diferenças além de um convite de amizade entre eles, e ainda uma indagação.

[...] mas não vamos esquecer a gente má e ruim que nos oprime; a luta pela liberação dos homossexuais é, atualmente uma das coisas mais bonitas que ocorrem no mundo, mais na América Latina ela é também trágica; porque aqui a repressão é tão requintada, encontra tantas formas inovadoras de se manifestar, que provocam enganos como esteseu, de achar que isso aqui é um paraíso; veja só: a vocês argentinos, a repressão simplesmente faz desaparecer; quanto a nós, ela procura um artifício legal através do qual possa nos silenciar. Qual a diferença?

Sob o título *No México, a vez dos “jotos” e “lesbianas”*, trata-se de um artigo escrito por Anton Leicht, onde detalha o crescimento e a organização dos homossexuais no México ao mesmo tempo que relata um grande movimento em alguns países da América Latina. No ano de 1978 apenas 30 gays participaram do dia do orgulho gay em 26 de junho, já em 1979, cerca de 800 gays e lésbicas estiveram nas manifestações que naquele ano havia sido considerado a

maior manifestação da América Latina.

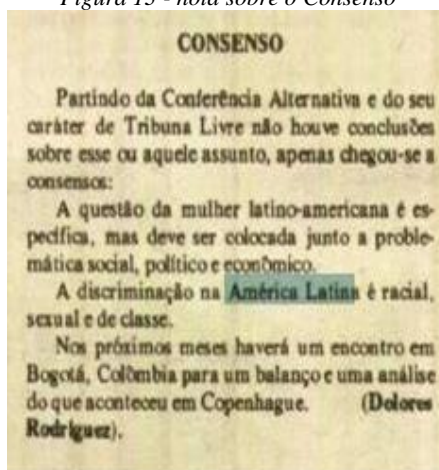
Além disso começaram a se organizar contra a repressão ou mortes sofridas pelos gays em frente as embaixadas dos respectivos países, exemplo: em frente à embaixada brasileira, fizeram um ato em defesa do grupo *Lampião da Esquina*, que havia sido fichado na sede da imprensa nacional, sob acusações “contra a moral e ao pudor público” no caderno Entrevista, com a chamada, *Uma igreja para o povo guei?* Leila Miccolis inicia uma entrevista de uma página e meia, juntamente com Glauco, Pascoal até a Rafaela Mambaba passou pra “dar um show”.

No caderno Esquina, chama-se a atenção para o título: *Copenhague Chama*, nele Dolores Rodriguez descreve o que ocorreu na Conferência Mundial das Nações Unidas sobre a Década da Mulher, organizada pela ONU, se reuniram entre 14 a 30 de julho de 1980 cerca de cinco mil mulheres, de várias regiões do mundo, discutiram entre outros assuntos, a situação das mulheres, racismo, sexismo, saúde, educação e emprego, a questão das mulheres emigrantes refugiadas, poucas brasileiras se fizeram presentes, apenas uma foi convidada oficialmente e participou com Comitê de Organização do Fórum, Leila Gonzales, ela abordou a questão da mulher negra.

Nesse ínterim, houve divergências entre as mulheres quando as ocidentais questionaram a mutilação dos órgãos genitais como a extirpação do clitóris que as africanas sofriam, por sua vez as africanas não responderam bem aos questionamentos dizendo que cada uma deveria se preocupar com a mutilação sofrida por elas através da educação extremamente preconceituosa que recebiam. Assim, chegaram a um consenso que as africanas estavam mais organizadas que as latino-americanas.

Sob o subtítulo *Manifestações*, relatam em 18 de julho de 1980, as mulheres mobilizaram uma manifestação em repúdio ao Golpe de Estado na Bolívia, porém foram reprimidas pela polícia e uma chilena teve o braço quebrado, causando um mal-estar com o governo dinamarquês, e no dia 21 ocorreu uma nova mobilização, com o aval da polícia. Houve também uma participação das lésbicas do grupo SOMOS/RJ E AUÊ/RJ, através de um documento enviado por Lélia Gonzales, onde ela explica a situação dos homossexuais no Brasil. Enfim ao final da conferência chegaram ao consenso

Figura 13 - nota sobre o Consenso

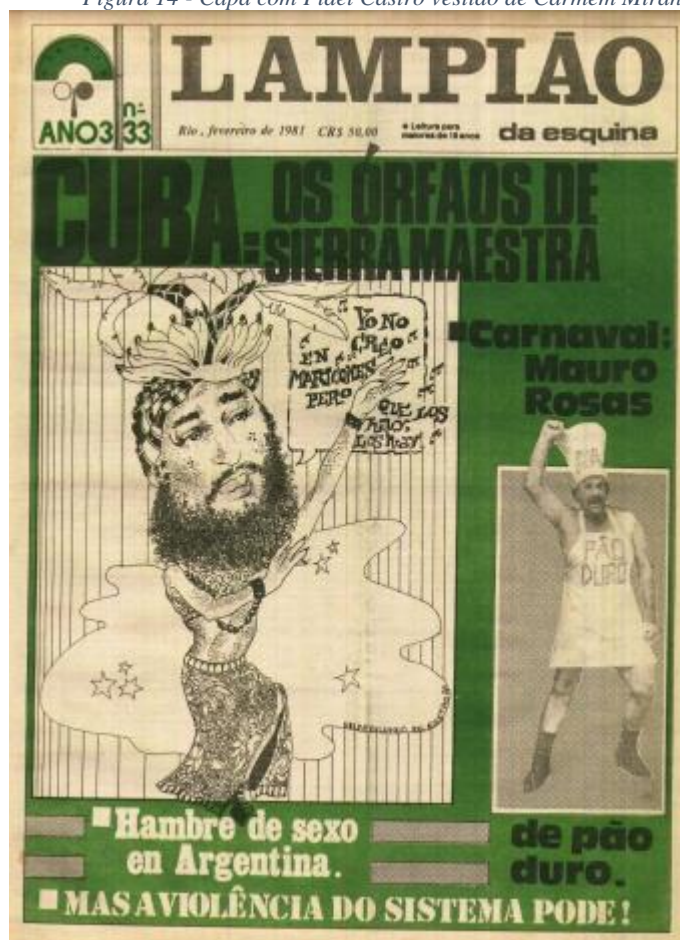


Fonte: 13 - Ano 3 n° 28, setembro de 1980

Esta capa do *Lampião* onde aparece a chamada afrontosa, com letras garrafais, CUBA: OS ÓRFÃOS DE SIERRA MAESTRA, traz Fidel Castro um importante líder socialista travestido, cantando e dançando “YO NO CREO EM MARICONES PERO QUE LOS HAY, LOS HAY!”.

O jornal *Lampião da Esquina* evidencia que a lacuna de um espaço para as minorias sociais nas discussões do campo progressista não estava *a priori* dos brasileiros, dessa maneira por meio das linhas escritas em seis compridas páginas os leitores puderam conhecer a situação dos homossexuais na Cuba comunista nesse contexto fora percebido com riquezas de detalhes a prática da discriminação e da violência pela esquerda cubana, ao ponto de que o número 33 do jornal acusou a sua revolução de assassina escrachando a figura de seu líder Fidel Castro na própria capa.

Figura 14 - Capa com Fidel Castro vestido de Carmem Miranda



Fonte: 14 - Lampião da Esquina, ano 3 n° 33 fevereiro de 1981.

Cabe lembrar que em 31 de agosto de 2010, o jornal online ESTADÃO trouxe uma matéria sob o título “Fidel admite que governo perseguiu gays em Cuba”, onde ele não faz o mea-culpa, diz que não tem preconceito, nega que o Partido Comunista esteve por trás de qualquer perseguição, e disse que tinha outros problemas na época, que eram tidos como maiores que a questão homossexual¹⁶.

¹⁶ O ex-ditador cubano Fidel Castro admitiu ontem que seu governo perseguiu homossexuais entre 1960 e o começo dos anos 1970. "Aqueles foram momentos de grande injustiça, grande injustiça!", disse ao jornal mexicano "La Jornada". Na entrevista, Fidel disse que foi um erro demitir membros homossexuais do governo e enviar gays e lésbicas para campos de trabalho. "Sim, nós fizemos isso", disse. Para em seguida completar: "Eu estou tentando limitar minha responsabilidade nisso tudo, porque, óbvio, eu pessoalmente não tenho esse tipo de preconceito". Porém, ao ser pressionado para dizer se foi o Partido Comunista ou alguma outra entidade que estava por trás das perseguições, Castro disse: "Não. Se alguém é responsável, sou eu". Segundo Fidel, eventos como a crise dos mísseis, em 1962, impediram que as perseguições fossem paralisadas. "Tínhamos tantos e tão terríveis problemas, problemas de vida ou morte, que não prestamos atenção suficiente." Campanhas do governo agora desencorajam a homofobia, e o Estado cubano já paga por operações de mudança de sexo para transexuais. Mariela, sobrinha de Fidel e filha do atual líder do regime, Raúl Castro, é atualmente uma das lideranças dos direitos homossexuais no país. Numa série de entrevistas entre 2003 e 2005, Fidel disse que os "velhos preconceitos" serão cada vez mais "coisas do passado". Disponível em: Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0109201018.htm> acesso em: 10 de março de 2022.

Para contextualizar esse cenário de forma pertinente é importante lembrar que existem algumas filmografias que retratam este período e que vale a pena citar para pensar como era essa questão da homossexualidade em Cuba é o caso, por exemplo, de: *Morango e Chocolate*¹⁷ de Reinaldo Arenas que apresenta de maneira visceral a vida dura e difícil, a discriminação feita por comunistas e as situações de constrangimentos sofridos por um gay em Havana, desconcertou Fidel. O filme de maneira muito inteligente explorou a amizade de um jovem comunista (que de início queria denunciar o “maricon” por ser um antirrevolucionário) com um gay, que outrora batalhou em favor da revolução alfabetizando camponeses, mas que nunca encontrou o seu lugar no regime castrista. Um personagem no filme, que sustenta não haver compatibilidade entre homossexualismo e revolução, diz sem meias palavras: “a revolução não entra pelo cu”.

Pela primeira vez o filme *Morango e Chocolate* expôs de forma pública o problema da discriminação sofrida pelos homossexuais na cuba socialista. Antes que qualquer incauto se apressasse para julgar e acusar o filme de ser uma encomenda da Cia para desestabilizar o regime, *Morango e Chocolate* é uma declaração de amor a Cuba e uma defesa, não ortodoxa, do socialismo e da revolução, na verdade se trata de um grito por liberdade, dignidade, respeito e democracia. Com um slogan poderoso como diz o filme: Socialismo sim, mas com democracia.

O enredo pensado de forma muito coesa traz um abraço emocionante de um jovem comunista com o gay, ainda que com a janela do apartamento fechada, esse contexto mostra uma figura de linguagem que nada mais é do que a metáfora do socialismo democrático que o filme tanto defende e com uma precisa condicional identitária: se Cuba quer ser mesmo respeitada na ordem internacional por aquilo que é e representa, então tem que começar a fazer o dever de casa, de modo que de forma perspicaz Reinaldo Arenas traz a história de um intelectual cubano que a princípio apoiou a revolução cubana de Fidel Castro contra a ditadura de Fulgêncio Batista e depois foi perseguido pelo novo governo sendo preso e sofrendo maus tratos na prisão, até fugir e se exilar nos Estados Unidos da América país este em que ele se suicidou após terminar sua obra de vida através das cartas enviadas para seus amigos.

Sendo assim é interessante lembrar que este espaço de tempo onde ocorreram tantas repressões e perseguições aos homossexuais, nenhum lado político de fato defendia os

¹⁷ 1994 / 1h 51min / Comédia dramática. Direção: Juan Carlos Tabio, Tomas Gutierrez Alea. Roteiro Senel Paz. Elenco: Jorge Perugorria, Vladimir Cruz, Mirta Ibarra. Título original *Fresa y Chocolate*. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-79843/> acesso em 10 de maio de 2022.

interesses que essa pauta trazia, nem a direita e nem a esquerda representavam tais propensões. O próprio grupo SOMOS, já havia percebido apenas o interesse de alguns partidos estarem usando pautas das minorias, para aparelhar junto aos interesses dos partidos.

Voltando a matéria a qual está capa representava, em seu interior na página 10, encontra-se um verdadeiro dossiê sobre as perseguições sofridas em Cuba pelos homossexuais, esta matéria a princípio seria publicada na revista argentina, Somos, porém a mesma foi impedida e fechada tornando-se inédita até abril de 1981.

Considerações finais.

Finalizamos aqui indicando a relevância da dimensão educativa e sobretudo pedagógica das mídias, entre elas sem sombras de dúvidas a jornalística, que operam de diferentes modos, em diferentes épocas e contextos históricos. Por meio deste estudo, podemos verificar que embora imerso a um universo de total repressão e (in)visibilidade e estando inserido em um período histórico e político de restrições, silenciamento, repressão, privação extrema de direitos e liberdades políticas, o jornal Lampião da Esquina buscou de forma hercúlea atuar como uma referência e um estandarte em meio ao caos estabelecido.

Por meio de seus conteúdos e matérias jornalísticas sejam eles de linguagem verbal e não verbal como a presença de signos, símbolos, capas, ensaios, tirinhas, charges, reportagens, cartas, entrevistas etc. despertou o interesse de leitores a tomarem postura enquanto sujeitos produtores e agenciadores políticos e sociais, assim instigou-os a saírem da zona de conforto e a assumirem um engajamento ao tomarem posições de luta, críticas, queixas, elogios, força, entusiasmo além de promover a transparência em educar os leitores e sujeitos colocados às margens, nesse sentido buscou ampliar sentidos políticos e de resistência além de viabilizar a conquista por direitos dos sujeitos considerados minorias.

Portanto, observou-se que o jornal enquanto um artefato cultural através de seus conteúdos atuou de forma a colaborar como um catalisador produtor de sujeitos ao promover ensinamentos e conhecimentos por meio de pedagogias culturais. Vale dizer assim que minoria aqui não se tratou de representar quantitativo numérico e sim se referiu a atribuição de sentidos, ocupação de espaços e lugares de honra, a devida garantia da aplicabilidade da lei e dos direitos humanos e de igualdade social. De modo que o lugar de fala sobre os diversos dilemas vividos pelos grupos minoritários e sujeitos historicamente silenciados e marginalizados poderia funcionar como força motriz enquanto estratégia política de reconhecimento, identidade e autoafirmação.

Argumentamos assim que este artefato cultural veiculou sobretudo pedagogias culturais para a sociedade, na intenção de instruir, produzir saberes e pertencimento, enquanto um grupo que estava sem referência, mas aos poucos se organizando e tinha a necessidade de buscar os seus direitos. Para além disso, o jornal utilizou-se de seu modo de endereçamento para o seu público-alvo e rol de leitores mantendo uma relação mútua envolvente entre os conteúdos e

matérias do editorial em consonância com a experiência e interpretação de quem neste caso recebia a mensagem transmitida.

Se de um lado, a mídia hegemônica institucionalizada e paramentada não permitia abrir espaço nem lugar de fala ao fazer circular os discursos e representações de homossexuais, das identidades femininas, das questões étnico raciais e indígenas, por outro, o jornal fez de seu agenciamento uma instância pedagógica capaz de difundir lugares reconhecimentos àqueles/àquelas que viviam as margens da sociedade, sem voz, acuadas e oprimidas na obscuridade da vida social.

No desenrolar deste trabalho procuramos também de certa forma ainda que sutil delinear uma aproximação com as teorias e epistemologias que escolhemos para embasar a leitura do jornal *Lampião da Esquina* pelas lentes da interseccionalidade. O propósito deste estudo foi também procurar investigar e achar respostas sobre as relações entre os marcadores sociais da diferença, as coalisões e tensionamentos entre grupos tidos por minorias: mulheres, indígenas, pessoas negras e homossexuais no jornal *Lampião da Esquina*. Assim edições aqui pinçadas nos possibilitaram perceber que as marcas sociais da diferença revelaram sobretudo identidades complexas ao compreender, por exemplo, que o choque entre sujeitos subalternizados é tensionado pelos conflitos que são gerados a partir de diferentes pontos de vista, experiências e especificidades das demandas e das opressões estruturais.

Nesse ensejo esperamos ter alcançado nosso objetivo que foi tentar discutir como as rotas de coalisão e os conflitos observados na experiência de *Lampião* contribuíram para uma mudança cultural, em relação à Diferença, que acionou o espaço de agência e cidadania. Podemos identificar que os sujeitos subalternizados que puderam de certa forma alcançar o objetivo que foi sobretudo a fala no *Lampião da Esquina* foram beneficiadas por marcas sociais da diferença como gênero, raça e classe, afinal de contas constatamos um contraste e de certo modo um paradoxo ao mesmo tempo, pois o corpo editorial e colaboradores que estavam na linha de frente tomando as decisões eram em sua maioria masculino, branco e de classe média alta.

As leituras permitiram enxergar o *Lampião da Esquina* como um veículo localizado no recorte espaço temporal que cumpriu um papel primordial à sua época, tendo sido espaço para a constituição de múltiplas experiências articuladas, cujos limites geraram dimensões de uma mudança cultural. Nesse sentido, as narrativas contadas atualmente acerca da Diferença, sejam estas de caráter étnico-racial, de sexualidade, de gênero, ou de classe, guardam relação com deslocamentos de sentidos provocados por mudanças culturais localizadas nesse contexto em

que Lampião acende suas luzes de modo que tais mudanças culturais relativas à Diferença, observadas neste trabalho, provocou lampejos de ressignificação dos sentidos historicamente construídos sobre determinados corpos subalternizados.

A comunicação, nesse sentido, foi uma potente pois permitiu que as chamadas "minorias" passassem a reivindicar existência sobretudo política e social, um espaço que existiu na transição entre o "gueto" e a "saída do gueto". O trabalho teve como objetivo também analisar a emergência e a presença de "vozes transgressoras" e de um discurso de resistência e representatividade por meio do Jornal Lampião da Esquina (1978-1981) o qual de forma simbólica como uma "luz no fim do túnel" e como "um farol dos afogados" pôde ir na contramão do discurso colonialista. Partindo das fontes de pesquisa analisadas verificou-se a presença de uma contra narrativa em suas matérias publicadas ao promover para os leitores saberes além de uma mente instruída, emancipada, anticolonialista e antissegregacionista.

Dessa maneira, ainda no contexto da ditadura procurou com muita audácia questionar e se sobrepor as repressões e censura da cultura dominante instituída e organizada numa hierarquia mais vertical possível que é intolerante, implacável e excludente com quem pensa e age diferente. A partir da pesquisa analítica em questão é possível afirmar que sim, houve um resultado de aproximação e de interlocução entre objeto de pesquisa e os pressupostos teóricos de autores e pesquisadores do campo dos Estudos Culturais e da imprensa de forma geral.

Este estudo fez também um delinear sobre imprensa e imprensa alternativa de oposição ao colocar em pauta um debate sobre a diferença para o Brasil a partir de uma perspectiva decolonial num Brasil da abertura em que a diferença está emergindo, assim nesse contexto podemos contactar com estudiosos e teóricos desse ramo ao acionar conceitos e ideias coerentes com a abordagem da pesquisa.

O que se denotou foi que durante o período do regime militar no Brasil, uma parte da imprensa brasileira se movia por meio de vigilâncias, censura e investigações.

Através das análises documentais e bibliográficas ficou evidente que o Lampião da Esquina foi um jornal incisivo de oposição e alternativo com um caráter crítico e pluralista. De início em seus números iniciais o tabloide com um tom carregado "de veneno" muito ácido expôs a "ferida aberta" que estava presente na sociedade: o preconceito e intolerância contra os homossexuais.

Verificou-se que as edições iniciais foram direcionadas também para a atenção e preocupação com os demais grupos e sujeitos sociais destituídos de autonomia, agenciamento e de um discurso explícito, de modo que o jornal permitiu a participação das mulheres, negros

e índios, que até então estavam esquecidos, às margens e no “gueto” somados aos gays. Observou-se também de modo geral que o *Lampião da Esquina* foi um jornal essencial não apenas para os gays e minorias, mas se configurou como um “divisor de águas”, e vamos dizer como um “despertar de um gigante”, pois a partir de seus ideais e interesses a sociedade a partir daquele momento começou a escutar e olhar de outra maneira para os sujeitos nele expressos.

A pesquisa também se pautou a analisar a construção de sentidos e práticas de subversão nas páginas do jornal *Lampião da Esquina* sobre as sexualidades na América Latina ao discutir a questão gay dos regimes autoritários latino-americanos. Nesse interim compreendemos que a presença do movimento gay se deu no continente americano nos Estados Unidos com a data marcante de 1969 com a conhecida rebelião de *Stonewall*, em Nova Iorque, ano emblemático de uma extensa luta que decorre até hoje. Esse estopim despertou o movimento político e social que inspirou movimentos em toda a América Latina. Assim grupos começaram a emergirem como: em Buenos Aires, Argentina, o grupo gay *Nuestro Mundo*. No México com a Frente Homossexual de Ação Revolucionária (FHAR).

Algo importante nesse contexto foi notar que no Brasil, além do jornal *Lampião da Esquina* teve outras publicações como foi o caso do *Snob* (1963-1969) servindo de inspiração e motivação para outros como o ocorrido em 1970 com o surgimento do *Lampião da Esquina* que fazia parte do inconformismo diante da repressão e do conservadorismo que se abatia sobre uma parcela da sociedade brasileira.

Assim o *Lampião* referenciou em suas capas e trouxe à tona o contexto das homossexualidades na América Latina como a que ele cita, por exemplo, aludindo a Cuba com a manchete em caixa alta: CUBA: OS ÓRFÃOS DE SIERRA MAESTRA, e nesse sentido lembra do nome de Fidel Castro com o slogan “YO NO CREO EM MARICONES PERO QUE LOS HAY, LOS HAY!”. Dessa forma países vizinhos encontraram no *Lampião da Esquina* uma forma de expressar suas angústias e registrar sua história.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. **Representação do corpo masculino:** relações de imagem, identidade e cultura sobre o corpo masculino no jornal *Lampião da Esquina* e na revista Junior. 2013. 193 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2013. Disponível em: Acesso em: 26 nov. 2020.

AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968/1978)**. São Paulo: EDUSC, 1999. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/historiaediversidade/article/view/877/866> Acesso: 30 julho de 2022.

BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. ed. 3. Petrópolis: Vozes, 2010.
BRANDÃO, Lecy. [Entrevista concedida a] **LAMPIÃO da Esquina**. Direção de Lívia Perez. Brasil: Doctela, 2016. DVD (85min), colorido. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/5062/JO_O_LENON_SIQUEIRA_PEREIRA_Disserta_o_16139958970688_5062.pdf Acesso em: 08 agosto de 2021.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. Introdução e Capítulo 5. Informação, educação e entretenimento. In: **Uma História Social da Mídia:** de Gutenberg à Internet. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, pp. 11-24 e 188-265.

BRITO, Alexandre Magno Maciel Costa e. **O Lampião da Esquina:** Uma voz homossexual no Brasil em tempos de fúria (1978-1981). 2016. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: < <https://repositorio.unb.br/handle/10482/21357> > Acesso em: 26 nov. 2020.

CAMOZZATO, Viviane Castro. **Entre a pedagogia legisladora e as pedagogias intérpretes**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 20, n. 61, p. 501-520, abr./jun., 2015.

CAMOZZATO, Viviane Castro. **Pedagogias do Presente. Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 573-593, abr./jun., 2014.

CANCLINI, Néstor García. Prefácio à edição inglesa: **O diálogo Norte-Sul nos estudos culturais e Introdução:** Consumidores do século XXI, cidadãos do XVIII. In: _____. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015, pp. 11-55.

CANNAVÔ, Vinícius Barbosa. **Pedagogias do Rap e a narrativa insurgente:** uma análise a partir das composições musicais do rapper Djonga. 2021. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Porto Alegre, 2013. 168 f. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/219912/001124408.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 05 set 2022.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo, Ed. Contexto. 1988. p.13.

CASTELLS, Manuel. Introdução: Nosso mundo, nossa vida; 2. A outra face da terra: movimentos sociais contra a nova ordem global e Conclusão: A transformação social na sociedade em rede. In: __. **O poder da identidade**. 8a ed. São Paulo, Paz e Terra, 2013, pp. 17-20; 93-140 e 417-427.

CASTELLS, Manuel. Prólogo: A Rede e o Ser; 1. **A Revolução da Tecnologia da Informação e Conclusão**: a sociedade em rede. In: _____. A sociedade em rede. São Paulo, Paz e Terra, 1999, pp. 39-118 e 565-573.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial 2003.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2021.

COSTA, Rogerio. **Sociabilidade homoerótica e relações identitárias**: O caso do jornal “O Snob” (RJ, década de 1960). Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v.02, n. 02, p. 61-92, jul./dez. 2010.

DARDE, Vicente William da Silva. **A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia brasileira**. Em Questão, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p.223-234, nov. 2008. Semestral. Disponível em: <http://migre.me/tEFrU>. Acesso em: 30 abr. 2016.

ELLSWORTH, Elizabeth. **Modos de endereçamento**: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FAUSTO, Bóris. **O regime militar (1964-1985)**. In: FAUSTO, Bóris. História do Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://mizanzuk.files.wordpress.com/2018/02/boris-fausto-historia-do-brasil.pdf>> Acesso: 03 junho de 2022.

FEITOSA, Ricardo Augusto de Sabóia. **Linhas E Entrelinhas**: Homossexualidades, Categorias E Políticas Sexuais E De Gênero Nos Discursos Da Imprensa Gay Brasileira. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2014.

FERREIRA, Carlos. **Imprensa homossexual**: surge o *Lampião da Esquina*. Revista Alterjor, São Paulo, v. 1, n. 1, p.1-13, nov. 2010. Anual. Disponível em. Acesso em: 26 nov. 2020.

FICO, Carlos. **Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano*: tempo da ditadura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FISCHER, Rosa M. B. **MÍDIA E EDUCAÇÃO DA MULHER: SOBRE MODOS DE ENUNCIAR O FEMININO NA TV**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis (SC), v. 9, n.2, p. 586-599, 2001 Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200015> Acesso em: 09 de abril de 2022.

GREEN, James N. **“Mais amor e mais tesão”**: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. Cadernos Pagu, Campinas, v. 1, n. 15, p.271-295, 2000. Disponível em: Acesso em: 18 novembro de 2020.

GREEN, James Naylor. **A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina.** **Cadernos AEL**, Campinas, v.10, n. 18/19, 2003.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. **Análise de conteúdo em jornalismo.** In: LAGO, Cláudia.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Bauru: EDUSC, 2001 Disponível em: <https://ufabcpoliticacultural.files.wordpress.com/2015/08/kellner_a-cultura-da-mc3addia_2001.pdf> acesso em: 02 de julho de 2022.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa.** 2 ed. [s. l.]: Edusp, 2001.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Direção de Lívia Perez. Brasil: Doctela, 2016. DVD (85min), colorido.

LIMA, Marcus Antônio Assis. **Breve Histórico da Imprensa Homossexual no Brasil.** Cronos (Pedro Leopoldo), Pedro Leopoldo/MG, v. II, n.3, p. 21-30, 2001.

LIMA, Marcus Antônio Assis. **Breve histórico da imprensa homossexual no Brasil.** Disponível em :<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-marcus-assis-IMPrensa-HOMOSSEXUAL-BRASIL.pdf>> Acesso em 22 de julho de 2022.

LUCA, Tânia Regina. **A história dos, nos e por meio dos periódicos.** In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

MAKNAMARA, Marlécio. **Quando artefatos culturais fazem- se currículo e produzem sujeitos,** Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 27, n. 1, p. 4-18, jan./abr., 2020.

MARIUSSO, V. H. S. G. **Da Invisibilidade ao Mercado: Movimento LGBTTTT e Consumo no Brasil Contemporâneo.** Monografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Aquidauana. 2012, p. 10-11.

MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. **Lampião da Esquina: homossexualidade e violência no Brasil (1978-1981).** 2015. 212 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. Disponível em: Acesso em: 26 nov. 2020.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** 7.ed.: Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

MARTINS, Larissa Pinto. **Chanacomchana é um barato! afetos e pedagogias na imprensa lésbica** / Larissa Pinto Martins. – 2020. 121 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande –FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio Grande/RS,2020. disponível em: <<https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/d643c914957f4d4446e2269043d4cdd28.pdf>> Acesso em: 20 de maio de 2021.

MENDES, Ricardo Antônio Souza. **Ditaduras civil-militares no Cone Sul e a Doutrina de Segurança Nacional** – algumas considerações sobre a Historiografia. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 5, n.10, jul./dez. 2013. p. 08.

MENDES, Ricardo Antonio Souza. **Visões das direitas no Brasil (1964-1965)**. Tese (doutorado). Universidade Federal Fluminense, Doutorado em História Moderna e Contemporânea Niterói, 2013.

MOSQUEIRA, Débora de Sousa Bueno. **“Então chegamos”**: representações do feminino nas páginas d’O *Lampião da Esquina* (1978-1981). **Albuquerque – revista de história**. vol. 7, n. 13. jan.-jun./2015.

NETO, Miguel Rodrigues de Sousa. **Movimento Gay e Imprensa no Brasil Contemporâneo: O Lampião da Esquina** (1978-1981). **XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, p.7**. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364954035_ARQUIVO_MovimentogayeimpressanoBrasilcontemporaneo-MiguelRodriguesdeSousaNeto.pdf> acesso em: 11 de outubro de 2020.

NETTO, Miguel Rodrigues de Sousa. **Homoerotismo no Brasil contemporâneo: representações, ambiguidades e paradoxos**. 2011. 189 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16290>> Acesso em: 11 de outubro de 2022.

NOGUEIRA, Jefferson Gomes. **A censura enganada: análise do discurso e formas de resistência do jornal O Estado de São Paulo durante o regime militar no Brasil**. História e Diversidade [recurso eletrônico] / Revista do Departamento de História. Cáceres: UNEMAT Editora. Vol. 6, nº. 1, (2015), 232 p. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/historiaediversidade/article/view/877/866> Acesso: 21 de agosto 2022.

PADRÓS, Enrique Serra; MARÇAL, Fábio Azambuja. **A ditadura civil-militar no Uruguai (1973- 1984)**. In; WASSERMAN, Claudia; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos (Org). *Ditaduras Militares na América Latina*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

PEREIRA, João Lenon Siqueira. **Somos todos minorias: mulheres, negros e indígenas nas páginas de Lampião da Esquina (1978-1981)**. / Dissertação (Mestrado), 2020. Universidade do Estado de Santa Catarina. 235 p. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/5062/JO_O_LENON_SIQUEIRA_PEREIRA_Disserta_o_16139958970688_5062.pdf Acesso em:08 ago. 2021.

PEREIRA, Ronielyssom Cezar Souza. **“Gay-macho”, “travesti” ou “bicha pintosa”? – a produção discursiva sobre representações homoeróticas no jornal Lampião da Esquina (1978-1981)**. Dissertação de Mestrado em História – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2017. 190 f. Disponível em: https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/3158/5/Ronielyssom_Souza_2017 Acesso em: 10 ago. 2021.

PINTO, Simone Rodrigues. **Direito À Memória E À Verdade: Comissões De Verdade Na América Latina**. **REVISTA DEBATES**, Porto Alegre, v.4, n.1, p. 128-143, jan.-jun. 2010.

Disponível em: http://www.dhnet.org.br/verdade/textos/pinto_comissoes_al.pdf Acesso em: 05 ago. 2021.

QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes: A ditadura e a repressão à comunidade LGBT/** Renan Quinalha. – 1ª ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2021. - - (Coleção arquivos da repressão no Brasil/ coordenação Heloísa M. Starling)

RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. **Impressões de identidade: Histórias e Estórias da formação da imprensa gay no Brasil.** Tese de Doutorado. Niterói, 2007.

ROMERO, Luis Alberto. **História contemporânea da Argentina.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed.2006.

SÁNCHEZ-VÁZQUEZ, Adolfo. **Ética.** ed. 10. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

SANTOS, A.; KLEIN, C. **PEDAGOGIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA (1978).** REVISTA DIVERSIDADE E EDUCAÇÃO, v. 9, p. 49-67, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/12644>>

SANTOS, Rogério Reis dos. **“Uma bicha atrevida pede a palavra”:** o *Lampião da Esquina* e a resistência de homossexuais durante a ditadura civil militar brasileira. Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados e Multidisciplinares, Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos e Cidadania, Brasília, 2017.

SARLO, Beatriz. **Paisagens Imaginárias: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloisa Maria Murgel. **Brasil: uma biografia.** São Paulo: Companhia das Letras. 2015. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/00289786>. Acesso em: 20 agosto 2022.

SILVA, João Paulo Ferreira da. **Desejos commodificados: dos classificados aos perfis nos aplicativos na busca por parceiros do mesmo sexo.** Dissertação - Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Sociologia, São Carlos, 2017.

SIMÕES Jr., *apud.* SILVA, Ariana Mara da. **Griôs Sapatonas Brasileiras e Lampião da Esquina:** o contraste das questões de gênero, raça e sexualidade na fonte oral e na fonte escrita. 2015. 113 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História - América Latina) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2015.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Castelo a Tancredo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SOARES, Anderson da Silva. **Discursos e representações do corpo durante a ditadura militar (1968-1979).** Dissertação de Mestrado. Natal/ Rio Grande do Norte, 2016.

SOTANA, Edvaldo Correa. **O início da Guerra Fria nas páginas da imprensa escrita brasileira (1946- 1949).** *Diálogos (Maringá. Online)*, v. 18, n.1, p. 325-359, jan.-abr./2014. Disponível em: < <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/35956>> Acesso em: 30 de março de 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorti. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade** 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Imprensa e poder.** Brasília: Ed. UnB; São Paulo: Imp. Oficial do Estado, 2002. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/historiaediversidade/article/view/877/866> Acesso:

MORAES FILHO, Antonio Evaristo de. **Lei de Segurança Nacional.** Um atentado à liberdade. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/historiaediversidade/article/view/877/866> Acesso: 10 de julho de 2022.
